
XXV ENAPOL

25º encontro des alunes de
pós graduação em linguística



Caderno de resumos 2022





COMISSÃO ORGANIZADORA ENAPOL 2022

Ana Rosa Frazão Paiva
César Elidio Marangoni Junior
Claudia Souza Coelho
Jennyffer Stheffanny Pereira da Silva
Lara Oliveira Vacaro
Leandro Lima Ribeiro
Leonardo Reitano
Mariana Payno Gomes
Rafael Alberto Alves dos Santos
Raimundo Isídio de Sousa
Renato Albuquerque de Oliveira
Tâmara Kovacs Rocha
Vanessa Pastorini
Viviane Mieke Ito

REVISÃO TEXTUAL

Ana Rosa Frazão Paiva
César Elidio Marangoni Junior
Claudia Souza Coelho
Jennyffer Stheffanny Pereira da Silva
Lara Oliveira Vacaro
Leandro Lima Ribeiro
Leonardo Reitano
Mariana Payno Gomes
Rafael Alberto Alves dos Santos
Renato Albuquerque de Oliveira
Tâmara Kovacs Rocha
Vanessa Pastorini
Viviane Mieke Ito

PROJETO GRÁFICO

Ana Rosa Frazão Paiva
Leonardo Reitano

APRESENTAÇÃO

“Pensei no francês, mas não passei e fui para minha segunda opção, que era o português. Depois ainda me recomendaram o latim, por ser uma opção razoável para me formar mais rápido, e talvez eu curse algumas disciplinas de linguística para conseguir a habilitação mais tarde”. Esse pensamento poderia ser atribuído a muitos alunos do curso de letras que, desejosos de uma primeira opção de rumo a seguir, acabam tendo que remanejar suas vontades para se enquadrar a uma realidade não calculada. Nesse caso específico, o pensamento reflete a trajetória da Professora Esmeralda Vailati Negão, iniciado no começo dos anos 70.

Hoje, já reconhecida enquanto linguista que dedicou boa parte da sua trajetória aos estudos da Semântica Formal, a professora relata que o próprio departamento de linguística, tal como conhecemos hoje, sequer existia. Na verdade, a linguística estava espreada em diversos departamentos e os que se aventurassem nos estudos linguísticos teriam que enfrentar uma grande confusão de ementas de cursos e de professores. Apesar de tudo, Esmeralda conta que prosseguiu com seus estudos linguísticos, logo na formalização do curso como bacharelado, realizando, no início dos anos 80, um doutorado nos Estados Unidos pela Universidade de Wisconsin.

A precariedade do departamento de linguística espantava inclusive os grandes nomes que hoje conhecemos na linguística, sobretudo, pelo fato de não se realizar um concurso de professor há anos, sendo todos os docentes obrigados a viver na insegurança de perderem seus cargos. Com muito esforço, ocorreu, em meados dos anos 80, a chamada para professores, e três nomes, hoje tão conhecidos pelos estudantes, foram os selecionados: Esmeralda Negrão, Luiz Tatit e Ana Müller. O novo gás vindo de pesquisadores tão novos e engajados, relembra Esmeralda, parecia ser o novo sopro de energia que o departamento tanto carecia.

Apesar da conquista da realização do concurso, longo era ainda o caminho a ser trilhado até que o departamento de linguística ganhasse ao menos a forma que tem hoje. A professora relembra, inclusive, da realização de uma reunião nas vésperas do natal, que foi noite adentro com a presença de todos os professores, para a estruturação do que seria o programa de linguística. Esmeralda narra ainda o período que o curso ficou em estado de diligência pela avaliação CAPES, sendo necessário um esforço de todos para reverter o cenário. Nas horas de crises, o que prevalecia era o empenho em conjunto, preocupados com o rumo que o departamento levaria.

É sobre a importância da coletividade no âmbito acadêmico, inclusive, que a professora mais destaca. Era comum, antes, cada pesquisador realizar, isoladamente, a escrita das suas teses e dissertações. Muitas lacunas eram apontadas apenas no momento da defesa, gerando inúmeros pedidos de prorrogação, além de ter sido frequente os pares sequer saberem em que o seu colega estava trabalhando. A professora Esmeralda enfatiza a importância do trabalho coletivo, seja na reestruturação do departamento como um todo, como também que o espírito colaborativo seja difundido entre os próprios estudantes.

Foi pensando, portanto, na necessidade da realização das trocas no seio da academia, que surgiu o Enapol. Elaborado enquanto um espaço em que os alunos pudessem discutir seus trabalhos, o encontro era o momento de aprimoramento dos discentes dos programas. O sucesso da empreitada pode ser atestado pelos linguistas que se tornaram os alunos e primeiros participantes do evento. Nos primeiros cadernos de resumo, temos nomes familiares, como Olga Sansone, Ana Fricke Matte, Antônio Pietroforte, dentre outros.

Hoje, o Departamento de Linguística da USP está consolidado e conta com professores de diferentes formações no âmbito da linguagem, cujo brilhantismo em suas áreas se reflete em seus orientandos. É preciso, todavia, a renovação do espírito coletivo e das trocas entre os discentes, de forma a permitir a renovação da qualidade das pesquisas produzidas.

Eis que sublinhamos, uma vez mais, a importância do Enapol, neste ano em que o evento comemora sua 25ª edição. Apesar dos dois duros anos de afastamentos e incertezas, ocasionados pela crise do COVID, acrescidos dos abalos políticos que as instituições de ensino brasileiras vêm sofrendo, é necessário que se olhe para os lados, que o ‘nós’, enquanto sujeito coletivo, permaneça vivo nos alunos.

Com todo esse relato, convidamos a todos a participarem do evento e celebrarmos, juntos, a universidade pública, o ensino de qualidade, os pesquisadores brasileiros.

Vida longa à USP, vida longa ao Enapol!

Se todes desejamos, portanto, assim será!

Vanessa Pastorini



SUMÁRIO

REFLEXÕES SOBRE A VERDADE E A CRENÇA NO TESTEMUNHO LITERÁRIO ...	10
O PROCESSAMENTO DO ACENTO PRIMÁRIO EM PB.....	11
O HUMOR NA POESIA DE CHACAL: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE ALÔ POETA	12
DIREITO AO ESQUECIMENTO E AS CONSEQUÊNCIAS DO SEU APAGAMENTO ..	13
UMA INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA DO MODELO SINAPSES GERADOR DE TEXTO JURÍDICO	14
OS DISCURSOS DOS SUJEITOS COM DOENÇA DE ALZHEIMER.....	15
/preto/ = ['pe.tu], MAS /prato/ ≠ ['pa.tu]? MODELANDO A INFLUÊNCIA DA VARIABILIDADE E DA DENSIDADE FONOLÓGICA NA AQUISIÇÃO CCV VIA PRINCÍPIO DA TOLERÂNCIA.....	16
DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE IRONIA POR MEIO DE REPRESENTAÇÕES CONTEXTUAIS.....	17
OMISSÃO DE ARTIGOS NAS INTERLÍNGUAS DE FALANTES ADULTOS DE PORTUGUÊS BRASILEIRO EM PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDAS LÍNGUAS.....	18
NEGAÇÃO AFIXAL E ACIONALIDADE: UMA ABORDAGEM MORFOSSEMÂNTICA DE FORMAÇÕES VERBAIS COM O PREFIXO DES-.....	19
POESIA VISUAL: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA.....	20
A DESCRIÇÃO DE UMA HISTÓRIA CONTADA EM CENA, A LÍNGUA DE SINAIS DE VÁRZEA QUEIMADA, JAICÓS-PI.....	21
DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE DISCURSO DE ÓDIO PUNITIVISTA EM REDES SOCIAIS.....	22
CAMINHOS DA SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA BRASILEIRA: UMA HISTORIOGRAFIA DE COMUNICAÇÕES ORAIS.....	23
AS VOGAIS ANTERIORES ARREDONDADAS NA FONOLOGIA DO CRIOULO HAITIANO: UM CASO DE INDICIAÇÃO SOCIAL (?).....	24
A EXPRESSÃO DE PROBABILIDADE EM CONDICIONAIS HIPOTÉTICAS.....	25
INVESTIGAÇÃO EXPERIMENTAL SOBRE AS SENTENÇAS ABSOLUTAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	26



A SEMIÓTICA E A MANIPULAÇÃO NAS TIRINHAS PEANUTS	27
VIDAS ENTRE LÍNGUAS: O QUE EMERGE DO CONTATO ENTRE GALEGO E CASTELHANO.....	29
A INTERFACE MORFOLOGIA-FONOLOGIA-SEMÂNTICA-PRAGMÁTICA E OS PROCESSOS NÃO CONCATENATIVOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	30
ASPECTOS FONOLÓGICOS DO QU-IN SITU EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	31
O EXPERIMENTALISMO EM QUADRINHOS: PRÁTICAS EDITORIAIS, PRÁTICAS DE LEITURA	32
O SENSÍVEL NO CAMPO MIDIÁTICO	33
POSSESSIVOS EM VPS IDIOMÁTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	34
CISÃO PATÊMICA NO DISCURSO DE BOLSONARO: VEDETE OU BUFÃO?	36
A PAIXÃO DA VINGANÇA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS.....	37
INTERAÇÃO ATÍPICA: UM ESTUDO ACERCA DAS ESTRATÉGIAS DE REPARO E CORREÇÃO PROVENIENTES DA INTERAÇÃO DE UM SURDO COM ALTERAÇÃO MOTORA	38
ANÁLISE DAS CADEIAS ISOTÓPICAS EM PARÁBOLAS ESCRITAS EM LÍNGUA ESPANHOLA.....	39
REVENDO CATEGORIAS DE ANÁLISE: UM ESTUDO COMPARATIVO DO TUKANO	40
SOBRE O MÉMOIRE DE SAUSSURE	41
REPRESENTAÇÕES (SOCIO)DISCURSIVAS DE MIGRANTES E REFUGIADOS NO BRASIL E NA EUROPA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA.....	42
MODELO COMPUTACIONAL PARA ANÁLISE DE COERÊNCIA DISCURSIVA.....	43
A REPRESENTAÇÃO DE GRUPOS HISTORICAMENTE MARGINALIZADOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO SOB O VIÉS SEMIÓTICO	44
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE ADAPTAÇÃO TELEVISIVA: O CASO DE O CONTO DA AIA.....	45
AMPLIANDO A INVESTIGAÇÃO SOBRE IDEOFONES NAS LÍNGUAS NATURAIS À LUZ DO CONTATO LINGUÍSTICO: EVIDÊNCIAS DE USOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL	46
A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CINEMA BRASILEIRO	47
DIÁLOGOS ENTRE A TEORIA SEMIÓTICA E AS NEUROCIÊNCIAS: PLASTICIDADE E FORMAS DE VIDA	48
MEMES NO MUSEU: ENTRE AS ESTRATÉGIAS E A PRÁXIS ENUNCIATIVA	49
CONSTRUÇÕES DERIVADAS DE ESTAR EM CRIoulos DE BASE PORTUGUESA	50
A LITERATURA ENQUANTO MIMESIS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA E REFLEXIVA DO LIVRO “O CONDE DE MONTE CRISTO”	51



OS VERBOS NO KIPEÁ, FAMÍLIA KARIRI.....	52
EXEMPLO PRÁTICO DO NATURALISMO WITTGENSTEINIANO: OS QUASE-EXPERIMENTOS EM TOMASELLO	53
O TEXTO NO CIBERESPAÇO: INVESTIGAÇÕES ACERCA DE UMA NATUREZA TEXTUAL DOS PERFIS.....	54
SOLETRAÇÃO MANUAL E ARTICULAÇÃO BUCAL DE PALAVRAS CO-EMERGENTES EM UMA CONVERSA SINALIZADA	55
ESTUDO DIACRÔNICO DE NEGAÇÕES EM LÍNGUAS TUPI: REANÁLISES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS.....	56
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DE SENTENÇAS DISJUNTIVAS COM “OU” A PARTIR DE DADOS DE PRODUÇÃO DE CRIANÇAS ..	57
MORFOSSINTAXE DA NEGAÇÃO EM JAPONÊS: UMA ABORDAGEM NÃO LEXICALISTA.....	58
AVALIAÇÃO DO (PRÉ-)TREINAMENTO DE MODELOS DE QA NA EXTRAÇÃO DE RESPOSTAS BASEADA EM CORPUS A PARTIR DE PERGUNTAS QU-.....	59
ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO EM AUDIÊNCIAS DE INSTRUÇÃO E JULGAMENTO: UM ESTUDO DE VARIAÇÃO NO CONTEXTO FORENSE	60
SEMIÓTICA DAS PAIXÕES: ESTUDO SOBRE A MELANCOLIA.....	61
O SISTEMA VOCÁLICO INFANTIL: A AQUISIÇÃO DA NASALIZAÇÃO	62
UMA DESCRIÇÃO DA ECOLOGIA SEMIÓTICA EM QUE EMERGIRAM PINTURAS RUPESTRES EMBLEMÁTICAS DA SERRA DA CAPIVARA, PIAUÍ.....	63
A EMERGÊNCIA DO SIGNIFICADO COMO EFEITO DA AÇÃO CO-OPERATIVA ENTRE O LEITOR E O TEXTO	64
TRANSFERÊNCIAS DE TRAÇOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS: OS SOTAQUES ESTRANGEIROS NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	65
A PERCEPÇÃO E A PRODUÇÃO PROSÓDICA DE ORDENS, PEDIDOS, SÚPLICAS E AMEAÇAS EM DIÁLOGOS REAIS E ENCENADOS	66
UMA BREVE COMPARAÇÃO DE ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SINTÁTICOS COMO EVIDÊNCIA PARA A HIPÓTESE DE CLASSIFICAÇÃO INTERNA DO TRONCO TUPI	67
“TESTAR POSITIVO” OU “TESTAR NEGATIVO”: UM CASO PANDÊMICO NA SINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	68
FIGURATIVIDADE E ESTETICISMO NO ROMANCE PROLETÁRIO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA EM CAPITÃES DA AREIA.....	69
TEORIA TEMÁTICA E O ENSINO DOS VERBOS DO TIPO GUSTAR.....	70
DISCURSO CONSPIRATÓRIO ONLINE: CONSPIRAÇÃO, CULTO E UR-FASCISMO NO ESPAÇO DIGITAL	71

VOCALISES NA CANÇÃO BRASILEIRA: A ESTRUTURA LINGUÍSTICA DE UM CANTO SEM TEXTO	72
A CONSTRUÇÃO DO SINTAGMA NOMINAL CONTENDO ADJETIVOS NA LÍNGUA INGLESA: ESTRATÉGIA DE ENSINO.....	73
O ESTUDO DOS PAPÉIS TEMÁTICOS: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DAS VOZES VERBAIS.....	74
A GRADIÊNCIA REPETITIVO/CONTÍNUO NA LEITURA DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO PORTUGUÊS	75
‘DIZ QUE JÁ FICOU PARA NÓS AQUI NO MUNDO’: POR UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E PERSPECTIVISTA DOS FENÔMENOS DE CONTATO LINGUÍSTICO	76
DIRETRIZES PARA UMA TIPOLOGIA DOS ÁLBUNS DE CANÇÕES	77
O FALAR É DIFERENTE “DA PONTE PRA CÁ”? UM ESTUDO SOBRE PADRÕES DE VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA NO EXTREMO DA ZONA SUL DE SÃO PAULO..	78
A COESÃO NA REDAÇÃO ENEM: UMA PROPOSTA DE MODELO COMPUTACIONAL QUANTITATIVO PARA A COMPETÊNCIA IV	79
GRAUS DE POLIDEZ NAS GRAMÁTICAS ESCRITAS POR ESTRANGEIROS CRISTÃOS NOS SÉCULOS XVI E XVIII: FOCO NAS REFERÊNCIAS AOS JUDEUS..	80
A VOZ DO PAPA FRANCISCO – UM ETHOS E UM CAMPO DE PRESENÇA.....	81
A HIPÓTESE PENSAR PARA FALAR E A TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES DE MOVIMENTO: UM ESTUDO COMPARATIVO DO DESEMPENHO DE QUATRO SOFTWARES A UMA TRADUÇÃO HUMANA PROFISSIONAL	82
OS MODOS DE DIZER DO INTERNAUTA FINGIDOR: UMA QUESTÃO SEMIÓTICA	83
ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS NA TRADUÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE CAMPO PARA UM ESCRITO ETNOGRÁFICO.....	84
UM MODELO BASEADO EM REGRAS PARA PERGUNTAS FACTUAIS PARA TAREFAS DE PERGUNTA-E-RESPOSTA: UMA PROPOSTA INICIAL	85
UMA GRAMÁTICA ORIENTADA AOS EVENTOS: DADOS DE LÍNGUAS BANTU... 86	
A METALINGUAGEM E AS TERMINOLOGIAS PARA DESCRIÇÃO SINTÁTICA NA HISTÓRIA DA GRAMÁTICA: UM ESCRUTÍNIO HISTORIOGRÁFICO	87
PROGRESSO E ESTAGNAÇÃO: ELEMENTOS DE NARRAÇÃO EXEMPLIFICADOS PELA CONTROVÉRSIA NEOGRAMÁTICA	88
CONSERVAÇÃO E MUDANÇA NA DESCRIÇÃO DAS PARTES DO DISCURSO DA LÍNGUA JAPONESA POR PORTUGUESES, ESPANHÓIS E FRANCESES (1543-1856)	89
DIFERENÇAS ESTRUTURAIS EM SENTENÇAS COM VERBOS DO TIPO CONVENCER E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO JULGAMENTO DO SUJEITO NULO EM PB.....	90



FIGURATIVIZAÇÃO, FIGURAS RETÓRICAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA IMAGEM DOS SUJEITOS.....	91
AS VOGAIS NASAIS NO POLONÊS	92
O FENÔMENO DE PONTA DE LÍNGUA EM PESSOAS COM DEMÊNCIA DE ALZHEIMER	93
PERCURSOS TEMÁTICOS E FIGURATIVOS NA SEÇÃO “OPINIÃO” DO LAMPIÃO DA ESQUINA	94
LINGUÍSTICA CLÍNICA E LÍNGUA DE SINAIS: UM ESTUDO SOBRE IDADE DE AQUISIÇÃO E LESÃO CEREBRAL EM SURDOS ADULTOS.....	95
ENSINO SOBRE O PAPEL DE LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS EM MATERIAIS DIDÁTICOS DO PNLD 2020	97
AS ESTRATÉGIAS DO SUJEITO DA ENUNCIÇÃO PARA A ATRAÇÃO DO OUTRO NO VÍDEO VELÓRIO DE RICO E VELÓRIO DE POBRE, POSTADO NO YOUTUBE .	98
EXPLICAÇÕES EM LINGUÍSTICA EVOLUTIVA	99
A ENGENHARIA GLOSSEMÁTICA: INTERAÇÃO HUMANO-COMPUTADOR E MINERAÇÃO DE DADOS VERBAIS	100
SEMIÓTICA, GÊNERO E DECOLONIALIDADE: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER ORIGINÁRIA BRASILEIRA.....	101
IDENTIFICAÇÃO DE ATOS DE FALA: UMA ABORDAGEM BASEADA EM LINGUÍSTICA COMPUTACIONAL.....	102

REFLEXÕES SOBRE A VERDADE E A CRENÇA NO TESTEMUNHO LITERÁRIO

Adriana Elisa Inácio

Propõe-se, neste trabalho, uma breve reflexão a respeito da verdade e da crença na comunicação do *testemunho literário* – gênero de significativa fundamentação ética, composto por relatos de sobreviventes de experiências histórico-catastróficas, como guerras, ditaduras e genocídios. Parte-se, para tanto, das considerações de François Rastier sobre a caracterização do enunciador do testemunho literário – um enunciador cindido, cuja constituição se estabelece entre as duas figuras distintas, mas indissociáveis, da *testemunha* e do *sobrevivente*. Apresentam-se, em seguida, os dois modelos epistêmicos que servem de base para o presente estudo: (i) o modelo de Algirdas Julien Greimas, que fixa as modalidades do quadrado epistêmico – *certeza*, *exclusão*, *probabilidade* e *incerteza* – e as bases gerais das operações de comunicação (o fazer persuasivo do enunciador) e reconhecimento (o fazer interpretativo do enunciatário) da verdade; e (ii) o modelo de Claude Zilberberg, no qual se distribuem os sintagmas da crença de acordo com seus *modos de junção*, isto é, segundo o caráter implicativo (*crer no acreditável*, *não crer no inacreditável*) ou concessivo (*crer no inacreditável*, *não crer no acreditável*) dos sintagmas considerados. Descrevem-se, a partir daí, os dois modos de apresentação da verdade constitutivos do testemunho literário – a verdade implicativa, associada ao enunciador-testemunha, e a verdade concessiva, associada ao enunciador-sobrevivente.

Palavras-chave: semiótica; tensividade; verdade; crença; testemunho literário.

O PROCESSAMENTO DO ACENTO PRIMÁRIO EM PB

Aline de Lima Benevides

Esta pesquisa investiga a natureza do acento primário em PB. Para tanto, valemo-nos dos Modelos Multirrepresentacionais (KEMMER & BARLOW, 1999; BYBEE, 2001; 2006; 2010; PIERREHUMBERT, 2001) e de modelos de processamento de palavras, especificamente do Modelo de Dupla Via (RASTLE; COLTHEART, 2000; COLTHEART, 2005), com o objetivo de analisar como que a palavra é processada e se há uma influência de múltiplos fatores na atribuição acentual. Para isso, realizamos um estudo experimental que investigou qual é o papel dos morfemas derivacionais, das sequências probabilísticas e da estrutura silábica final na atribuição de tonicidade no PB. O teste foi realizado com 44 falantes nativos, a partir de uma tarefa de leitura de pseudopalavras com estruturas CV-CV-CV e CV-CV-CVC, contando com 21.780 dados. Os resultados demonstraram que a estrutura final da palavra consiste no fator principal de atribuição acentual, visto que há uma predileção pelo acento final quando a sílaba final é pesada (CVC) e pelo medial quando a sílaba final é leve (CV). Apesar disso, não é possível assumir que o PB é uma língua sensível ao peso silábico, já que, em média, 10% das pseudopalavras não seguem esse padrão, o que evidencia a sua não categoricidade. Defendemos, por outro lado, que as representações linguísticas apresentam uma forte correlação entre estrutura e acento (resquício do latim). Além disso, verificamos que o segundo padrão acentual que emerge nos resultados é justamente o padrão mais recorrente com dada terminação morfológica ou fonológica: por exemplo, *malogo* é produzido como *malogo* (95%) e *malogo* (5%), evidenciando que os falantes abstraem e generalizam padrões fonológicos-acentuais presentes em sua gramática fonológica em novos vocábulos da língua. Isto é, tanto os morfemas derivacionais como as sequências probabilísticas se mostraram relevantes ($p < 0,05$). Constatamos, por fim, a emergência de, aproximadamente, 4% de proparoxítonas, o que traz evidências de que essa tonicidade é, de fato, um padrão acentual da língua.

Palavras-chave: acento primário; processamento; Português Brasileiro; modelos baseados no uso.



O HUMOR NA POESIA DE CHACAL: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE ALÔ POETA

Amanda Nakata Mirage

Nesta pesquisa, investiga-se, a partir da semiótica de linha francesa, quais os recursos discursivos e textuais estariam relacionados à construção do efeito de humor em *ALÔ POETA*, série de quatorze poemas de autoria de um dos principais expoentes da chamada *geração mimeógrafo*, Chacal. O objetivo da pesquisa consiste em apreender os sentidos do texto, com especial interesse nos mecanismos que favorecem a emergência do humor. Desse modo, procura-se identificar e descrever mecanismos linguísticos envolvidos na produção do humor, assim como apontar fatores extralinguísticos a ele relacionados. Com o olhar interessado, especialmente, nos “abalos” nos sentidos socialmente convencionados e nas erupções de novos significados com que tanto o humor como a poesia parecem estar envolvidos, este estudo se coloca em diálogo com reflexões relativas à estesia. Em que medida podemos aproximar os efeitos de humor e de estesia? De partida, propomos que ambos estariam relacionados à função poética da língua, aquela orientada à “brincadeira” e ao prazer. Como metodologia de pesquisa, será feito uso de revisão bibliográfica, análise semiótica do *corpus* e interpretação de resultados. Como referencial teórico-metodológico, incluímos os estudos relativos ao humor e ao riso de Sírio Possenti, Denis Bertrand, Mikhail Bakhtin e Victor Raskin, dentre outros; para a discussão sobre a estesia tomamos como ponto de partida as obras *Da imperfeição*, de Algirdas Julien Greimas, e *O belo gesto*, do mesmo autor em parceria com Jacques Fontanille.

Palavras-chave: semiótica discursiva; poesia; humor; Chacal; estesia.

DIREITO AO ESQUECIMENTO E AS CONSEQUÊNCIAS DO SEU APAGAMENTO

Ana Luisa Loureiro Bracarense Costa

O mundo está em constante mutação sócio-histórica e linguística, o que atravessa a sociedade e, conseqüentemente, as Ciências Jurídicas, que devem estar em conformidade com a evolução social. Partindo desse pressuposto e fundamentado nas perspectivas teóricas da Semiótica de linha francesa, pretendemos com este trabalho, a partir dos atos de veridicção e do percurso gerativo de sentido, analisar textos que perpassam o Direito ao Esquecimento em concorrência com a liberdade de expressão, partindo do alinhamento entre direito personalíssimo à privacidade com os prováveis limites do interesse social. Destacamos a votação do Supremo Tribunal Federal (STF) ocorrida em fevereiro de 2021, que concluiu que o direito ao esquecimento é incompatível com a Constituição Federal. O desenvolvimento deste trabalho é possível por a semiótica configurar-se como uma ferramenta de estudo que nos permite estudar os fenômenos da linguagem, inclusive pela temática do discurso jurídico. Assim, a partir de pesquisa documental no âmbito da Semiótica e do Direito, visamos efetuar possíveis leituras sobre o processo de (res)significação dessa decisão, analisando, brevemente, como tal posicionamento pode afetar a legislação vigente. Objetivamos, também, demonstrar os atravessamentos ideológicos e os efeitos de sentido diversos e com isso a eficácia desse posicionamento no mundo, sobretudo jurídico. O trabalho intenta sopesar de forma breve o papel da moral social dentro da memória coletiva, uma vez que, atualmente, tudo se é gravado e registrado, perguntando-se até que ponto a sociedade aceitaria tais gravações e divulgações. Pretendemos fazer uma análise desses julgamentos morais comumente manifestados pela sociedade diante de casos similares e as conseqüências sociais e jurídicas dessas deliberações. Por fim, a pesquisa vem reafirmando a hipótese levantada em relação à eficácia jurídica do Direito ao Esquecimento, uma vez que já vem sendo aplicada à sociedade, refutando a tese de incompatibilidade aventada pelo STF.

Palavras-chaves: semiótica; direito ao esquecimento; papel da memória coletiva.

UMA INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA DO MODELO SINAPSES GERADOR DE TEXTO JURÍDICO

Ana Rosa Frazão Paiva

A investigação desta pesquisa envolve o uso de uma ferramenta de Inteligência Artificial, a Plataforma Sinapses, que integra o Programa Justiça 4.0, um amplo projeto de desenvolvimento de ações para o uso colaborativo de produtos que empregam inteligência artificial em aplicações práticas do Poder Judiciário Brasileiro. Uma das principais contribuições dessa plataforma tem sido a constituição de uma base de dados única, o Codex, composta por informações processuais oriundas de diversas cortes judiciais brasileiras e próprias para serem consumidas para produção de BI (business intelligence), implementação de pesquisas inteligentes e unificadas, alimentação automatizada de dados estatísticos, bem como fornecimento de dados para a criação de modelos. O objetivo da pesquisa é avaliar um dos modelos disponíveis nessa plataforma, o *Sinapses Gerador de Texto Jurídico*, visando compreender de que modo esse sistema reconhece padrões e de como, a partir disso, opera com a linguagem técnica do judiciário. O estudo limita-se a observar os fenômenos linguísticos presentes nos documentos textuais envolvidos nos procedimentos de treinamento de entrada e de saída. A literatura das áreas de Inteligência Artificial, Processamento de Língua Natural e Direito fundamenta esta análise, enquanto a coleta documental debruça-se sobre a perscrutação de documentos fornecidos pelo Poder Judiciário e pelo Conselho Nacional de Justiça. Propor uma pesquisa que intersecciona Direito, Inteligência Artificial e Linguística Computacional é um desafio, tendo em vista que o volume de dados produzidos pelo judiciário é vasto e complexo. Além disso, muitos desses dados precisam de tratamento adequado para que sejam devidamente examinados, sobretudo, pelos documentos do judiciário comportarem dados sensíveis, o que, de certa forma, impõe restrições de acesso em razão da LGPD. O estudo, ainda que incipiente, já demonstra como a atuação de profissionais da linguagem se torna necessária, não apenas nas etapas de treinamento de modelos ou tratamento de *corpus*, mas também em macroprocessos que abrangem a interação homem e máquina que ocorrem por meio do uso de língua natural.

Palavras-chave: linguística computacional; processamento de linguagem natural; inteligência artificial; linguagem jurídica; direito.

OS DISCURSOS DOS SUJEITOS COM DOENÇA DE ALZHEIMER

Andréa Farias Higa

A doença de Alzheimer (DA) é uma demência neurodegenerativa, compreendida por alterações cognitivas e comportamentais que modificam as práticas cotidianas, sendo associada ao envelhecimento, observando-se um aumento da sua frequência a partir dos 65 anos, segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde. O objetivo do trabalho foi observar os discursos dos idosos com o apoio de fotografias fazendo alusão a um contexto de sua experiência de vida em uma situação dialógica sendo a problemática entre a percepção visual e a linguagem em uma interlocução efetiva. O referencial teórico utilizado foi o método enunciativo discursivo da linguagem, desenvolvido por Teun Adrianus Van Dijk (1943), que visa compreender a relação entre o campo visual e o cognitivo. De acordo com o embasamento teórico, desejou-se observar pontos centrais discursivos, bem como os usos do apoio visual na produção de relatos de vida. Entendendo que as fotografias podem retratar alguns elementos que constituem os aspectos sócio-histórico-culturais, a hipótese levantada é que as ações realizadas pelos participantes podem ser lembradas por meio de fotos. Os participantes da pesquisa são portadores da doença de Alzheimer e idosos saudáveis, com mais de 65 anos. As entrevistas coletadas foram com pacientes que apresentavam diagnósticos do estágio inicial a moderada da doença, selecionados em Instituições de Longa Permanência e que vivem com seus familiares. Segundo Foucault (1977), existe uma diferença na formulação discursiva da doença e o método para investigá-la que constituem o fenômeno patológico. Nas interações, que foram filmadas, foi solicitado ao participante que contasse sobre eventos de sua vida com e sem o apoio de pistas visuais a partir de fotografias selecionadas previamente por familiares. Os registros em vídeo foram transcritos e analisados de modo qualitativo.

Palavras-chave: doença de Alzheimer; cognição; linguagem; fotografia.

/preto/ = ['pe.tu], MAS /prato/ ≠ ['pa.tu]? MODELANDO A INFLUÊNCIA DA VARIABILIDADE E DA DENSIDADE FONOLÓGICA NA AQUISIÇÃO CCV VIA PRINCÍPIO DA TOLERÂNCIA

Andressa Toni

Esta pesquisa revisita a aquisição das sílabas de ataque ramificado CCV (Consoante₁+Consoante₂+Vogal) em português brasileiro, investigando como a estrutura CCV é categorizada no percurso de aquisição e por que o desenvolvimento silábico ocorre da forma que ocorre. Conduzimos um estudo experimental comparando a produção e a detecção de erros de 71 crianças entre 2;0 e 5;11 anos, checando o reconhecimento infantil contra manipulações do tipo CV→CCV ('dente'→'d[r]ente'), CCV→CV_ParMínimo ('p[r]ato'→['pa.tu]) e CCV→CV_SemParMínimo ('p[r]eto'→['pe.tu]). O arcabouço teórico assumido na pesquisa é o Princípio da Tolerância (YANG, 2016), que modela a construção do contraste entre as estruturas CCV-CV. Este contraste é opcionalmente neutralizado em contexto átono na fala adulta (como em 'outro'→['o.tu], 'precisa'→[p'si.zɐ]) e pode ser hipergeneralizado a todas as ocorrências CCV na fala infantil, dada a baixa frequência e a baixa densidade fonológica do *input* CCV. Desse modo, durante a aquisição há uma incorreta generalização de CV como uma forma alternante de CCV, tomando a realização CCV como opcional. A produtividade desta hipergeneralização é matematicamente capturada pelo Princípio da Tolerância e decorre da alta concentração de CCVs redutíveis no vocabulário inicial da criança. A hipergeneralização da variação CCV~CV reflete-se nos resultados do teste de detecção de erros, em que se observa aceitação de estímulos CCV→CV mas detecção de CV→CCV por crianças que categoricamente simplificam CCV em sua fala. Isso demonstra que CCV e CV são categorizados como distintos, mas essa distinção pode ser neutralizada. A maior taxa de detecção de CCV→CV_ParMínimo contra CCV→CV_SemParMínimo aponta a construção do contraste como um ponto-chave no desenvolvimento fonológico. Argumentamos que o percurso de aquisição CCV passa por um momento de incorreta neutralização do contraste estrutural da sílaba. Portanto, a aquisição CCV se mostra tardia na língua não só pela complexidade fonética e fonológica do ataque ramificado, mas também pela hipergeneralização de um processo fonológico opcional da fala adulta.

Palavras-chave: aquisição fonológica; sílaba; ataque ramificado.



DETECCÃO AUTOMÁTICA DE IRONIA POR MEIO DE REPRESENTAÇÕES CONTEXTUAIS

Andressa Vieira e Silva

A ironia é um aspecto marcante no uso das línguas humanas, muito utilizada em conversas cotidianas para falar sobre alguém ou alguma coisa em determinadas situações. Todavia, a interpretação de uma declaração irônica não é uma tarefa simples. Ela depende do conhecimento compartilhado entre os envolvidos no diálogo, do conhecimento de aspectos de interação social e de mundo, do contexto em que foi produzida etc. Na Linguística Computacional, a ironia é tratada como a tarefa de classificar automaticamente um texto em irônico ou não-irônico. Essa é considerada uma tarefa difícil, já que a ironia é inferida a partir de conhecimentos externos ao sentido literal da sentença. Em determinados casos, pistas superficiais, como palavras de intensificação e pistas ortográficas, podem ajudar na tarefa. Porém, é difícil detectar a ironia somente com informações superficiais. Por exemplo, em “adoro acordar às 4h da manhã”, é preciso ter conhecimento de mundo para saber que isso geralmente não é algo bom, assim identificando a ironia. Portanto, a codificação de informações contextuais e conhecimentos de mundo é importante para a classificação de ironia. A presente pesquisa visa a propor um modelo de detecção automática de ironia a partir de textos extraídos da rede social Twitter. O *corpus* será composto de tweets relacionados a três nichos temáticos: Política, Saúde e Entretenimento. O objetivo é apresentar um classificador de ironia para a língua portuguesa centrado na representação de aspectos do texto em combinação a contextuais. Para isso, serão utilizadas técnicas de análise de sentimentos para identificação da polaridade (positiva ou negativa) em relação ao que foi dito, além de técnicas de similaridade semântica, como *word embeddings*, para detectar possíveis incongruências entre o sentido literal e o expresso no texto. A expectativa é que essas informações ajudem na detecção de casos complexos de ironia, cujas pistas superficiais estejam ausentes ou falhem.

Palavras-chave: detecção de ironia; processamento de línguas naturais; redes sociais.

OMISSÃO DE ARTIGOS NAS INTERLÍNGUAS DE FALANTES ADULTOS DE PORTUGUÊS BRASILEIRO EM PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDAS LÍNGUAS

Antonio José Maria Codina Bobia

Na minha pesquisa de doutorado, estudo a aquisição de artigos em estudantes universitários brasileiros de cursos de letras com habilitação em língua estrangeira. Meu objetivo é medir em que contextos há mais omissão de artigos em posição pré-verbal nas interlínguas de estudantes aprendendo espanhol, inglês ou francês. Baseando-me em Oosterhof (2008), pressuponho que há uma série de traços formais que regem a arquitetura da gramática e que variam entre as línguas. Assim, para sentenças como “Brasileiro é trabalhador”, por exemplo, os traços seriam $0[-R, +cont, -pl]$: determinante nulo (0), traço expressando genericidade ($[-R$, ou menos Referencial), traço mais contável (+cont) e traço menos plural ($-pl$). Esse feixe de traços formais não é licenciado nas outras línguas sob estudo. Essa diferença se deve, segundo Roberts (2019), ao PB ser uma língua de sujeito nulo parcial. No experimento, testarei estudantes brasileiros de graduação em letras de diferentes habilitações de um semestre intermediário (20n) e de um semestre final (20n) em 3 línguas: espanhol, inglês, francês, com um total de 120 participantes. Como controle, usarei falantes nativos (10n por língua), além de outro controle de falantes brasileiros (20n). Para a coleta de dados, que acontecerá online via o aplicativo *Google Forms*, efetuarei uma tarefa de julgamento de aceitabilidade e um teste de preenchimento de lacunas. O meu objetivo principal é medir se há convergência de traços nas interlínguas dos participantes da pesquisa e, se houver, em que contextos. Seguindo Ionin et al. (2013), minha hipótese é que os participantes de nível intermediário terão um desempenho menor que os de nível avançado. Também prevejo que os estudantes de espanhol terão mais dificuldades em atingir o sistema da língua alvo devido à configuração paramétrica dessa língua. Como ainda estou na fase de elaboração do experimento, não há, por agora, resultados disponíveis.

Palavras-chave: nomes nus; aquisição de segunda língua; interlínguas; omissão de artigos.



NEGAÇÃO AFIXAL E ACIONALIDADE: UMA ABORDAGEM MORFOSSEMÂNTICA DE FORMAÇÕES VERBAIS COM O PREFIXO *DES-*

Beatrice Nascimento Monteiro

Vários trabalhos que abordam o prefixo *des-* (OLIVEIRA, 2004; SILVA; MIOTO, 2009; MEDEIROS, 2010, 2016; RIBEIRO, 2014; DE BONA, 2014; DE BONA; RIBEIRO, 2018) têm defendido a perspectiva de que esse afixo apresenta restrições de natureza semântica com relação à base. A respeito, especificamente, de formações verbais, as restrições apontadas pelos trabalhos anteriores são, basicamente, relacionadas ao aspecto lexical (acionalidade) das bases. Por esse motivo, o presente trabalho objetiva analisar formações verbais com o prefixo *des-*, à luz da Morfologia Distribuída, investigando como esse afixo interage com propriedades acionais das bases a que se concatena. Observamos que o prefixo *des-* une-se a bases verbais de eventos de *accomplishment* (como em *desorganizar*) e de *achievement* (como em *desempatar*), denotando a negação do estado resultante do evento expresso pela base (MEDEIROS, 2010, 2016) e assumindo, nessas ocorrências, uma nuance semântica de reversão (assim, *desorganizar* poderia ser parafraseado como *tornar não organizado*). Verificamos que esse prefixo pode unir-se também a bases verbais estativas (como em *desconhecer* e *desacreditar*), em contraponto ao que afirma Oliveira (2004). Contudo, junto a bases dessa natureza, a nuance semântica introduzida pelo *des-* é análoga à que se estabelece em formações adjetivais: uma negação canônica (como é o caso de *desconhecer*, que corresponde a *não conhecer*). Observamos, ainda, que esse prefixo concatena-se a um conjunto de bases verbais que denotam atividade (como em *desandar* e *desmamar*), diferentemente do que apontam trabalhos anteriores (OLIVEIRA, 2004; RIBEIRO, 2014; DE BONA, 2014; DE BONA; RIBEIRO, 2018). Nesses casos, constatamos que o prefixo *des-* exerce influência sobre a acionalidade da formação, introduzindo um traço télico que não está presente na base (*desandar*, por exemplo, demarca um *telos* para a atividade expressa pela base *andar*). Consideramos que esse prefixo expressa um valor de negação, o qual, contudo, assume diferentes nuances semânticas em contextos distintos.

Palavras-chave: prefixo *des-*; negação afixal; acionalidade; morfologia distribuída.



POESIA VISUAL: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Brígida Mônica Alves da Silva

A literatura tem sido terreno fértil para experimentações abrangentes relativas ao uso da linguagem, quase sempre baseadas na força libertadora da arte que aposta na capacidade de dissolver convenções e estabelecer uma nova rede de possibilidades de significação. No campo da poesia, é possível observar poemas visuais que oferecem uma variedade considerável de aspectos visuais elaborados a partir de um sincretismo manifestado por várias linguagens que simultaneamente combinam-se, surpreendendo expectativas poéticas convencionais ao introduzir elementos funcionalmente utilizados em textos visuais no contexto da obra poética. O poema visual, portanto, de diferentes maneiras, carrega uma tensão entre significantes visuais e verbais que origina-se do fato da visualidade constituir seu elemento primordial. Nesse tipo de poema, a visualidade deve ser considerada uma especificidade inalienável que será completada por outras determinações, sendo materialmente constituída recorrentemente por elementos como tipografia, imagens fotográficas e artesanais, formas icônicas, cores e o aspecto gráfico do signo linguístico. Todos esses elementos são denominados pela semiótica greimasiana de formantes figurativos que juntos contribuem para a constituição dos significados do poema visual em duas dimensões: uma figurativa, segundo uma grade de leitura do mundo, isto é, uma reticulação cultural que remete mais especificamente à problemática dos motivos ou à semiótica das qualidades visíveis e outra, a dimensão plástica, que vai além da figurativa com o objetivo de satisfazer o estudo semiótico das formas, ou seja, que busca um estudo da significação não apenas subordinado à natureza do significante já que alcança a linguagem plástica dos objetos visuais, segundo uma semiótica das qualidades inteligíveis. Esta pesquisa propõe, a partir da abordagem da semiótica visual desenvolvida pela escola de Paris, analisar semioticamente a poesia visual, especialmente aquela realizada por significantes bidimensionais, tendo em vista seus formantes figurativos mais recorrentes, segundo as dimensões figurativa e plástica. Para isso, vale-se principalmente de estudos de semiótica visual desenvolvidos por A. J. Greimas, Jean-Marie Floch, Felix Thülermann e o do semioticista brasileiro Antônio Vicente Seraphim Pietroforte.

Palavras-chave: semiótica visual; poesia visual; visualidade; sincretismo.

A DESCRIÇÃO DE UMA HISTÓRIA CONTADA EM CENA, A LÍNGUA DE SINAIS DE VÁRZEA QUEIMADA, JAICÓS-PI

Bruna Rodrigues da Silva Neres

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a cena, a língua de sinais da comunidade surda que reside no povoado de Várzea Queimada, localizado no município de Jaicós-PI. Atualmente, a comunidade tem uma média de 34 surdos fluentes em cena. O problema de pesquisa que norteia este estudo é quais estratégias os surdos fluentes em cena utilizam para introduzir e retomar os referentes em cena? Os objetivos geral e específico do trabalho são: descrever as ocorrências de introdução e retomada referencial nas histórias contadas em cena e por fim fazer o cotejo com as estratégias de referenciação verificadas em libras. O embasamento teórico desta pesquisa segue o modelo de Liddell (2003) com ênfase na integração conceitual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) para descrever as estratégias que o falante utiliza ao fazer referência às entidades dos eventos nos processos de interação face a face. O trabalho envolve uma pesquisa de campo na comunidade para proceder a uma observação participante e realizar a gravação da história junto aos colaboradores fluentes em cena. A história selecionada para ser narrada por uma surda de Várzea Queimada é a *História da Pera* produzida em 1970 por Chafé. Os vídeos estão sendo transcritos com o auxílio do Software ELAN com ênfase nas ocorrências de introdução e retomada das personagens. Os dados analisados até o momento evidenciam que, na contação de história em cena, a introdução das personagens, majoritariamente, acontece por itens lexicais, enquanto as retomadas, geralmente, ocorreram por movimentação do corpo, apontamento e pantomimas para criar espaços integrados e para fazer a passagem dos níveis da sinalizadora, ao nível da narradora ao nível das personagens. Assim, o estudo pode contribuir para o registro e descrição da cena como língua minoritária e pode ampliar a compreensão acerca das estratégias para contar história em diferentes línguas como a libras e a cena.

Palavras-chave: referenciação; surdo; história; cena; Várzea Queimada.

DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE DISCURSO DE ÓDIO PUNITIVISTA EM REDES SOCIAIS

Bruno Ferrari Guide

A presente comunicação apresentará um panorama que vai da discussão e definição do escopo do fenômeno linguístico estudado ao desenvolvimento e implementação de um pipeline de processamento dos dados. Cujo objetivo é testar modelos de classificação automática de postagens em redes sociais como contendo discurso de ódio ou não. Os textos foram coletados da rede social Twitter, a partir de rodadas de coleta que se complementaram para gerar um conjunto de dados de dois mil textos curtos, que foram então anotados para identificar se continham discurso de ódio. Além disso, a ideia é apresentar como diferentes métodos de pré-processamento, coleta e classificação foram utilizados para mapear o fenômeno, da mesma forma apresentar como a caracterização do problema é fundamental para identificar as limitações dessa tarefa e os vieses que abordagens estabelecidas podem trazer. Por fim, apresentarei os resultados obtidos e a análise de erros e acertos do modelo baseado no algoritmo de floresta aleatória, cujos resultados mostram algumas complexidades do fenômeno do discurso de ódio, como a alta frequência em que este fenômeno ocorre com outros fenômenos próximos, mas distintos, como discurso ofensivo, discurso tóxico. Ao mesmo tempo, as análises permitem identificar artefatos linguísticos que possuem relação com o fenômeno.

Palavras-chave: Linguística Computacional; Pragmática; discurso de ódio; modelos computacionais; aprendizado de máquina.



CAMINHOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA HISTÓRICA BRASILEIRA: UMA HISTORIOGRAFIA DE COMUNICAÇÕES ORAIS

Bruno Fochesato Alves

Esta comunicação pretende apresentar as primeiras análises de um projeto de mestrado interessado em investigar por quais caminhos a Sociolinguística Histórica participou daquilo que Rosa Virgínia Mattos e Silva (1988, p. 85-113) reconhece por “terceiro momento da Linguística Histórica *stricto sensu* no Brasil”, procurando observar que temas, agenda de pesquisa e modos de trabalho poderiam ser associados a essa orientação, com atenção para a “pluralidade de abordagens” envolvidas nessa área (MATTOS E SILVA, 1999). Nessa retrospectiva, a autora procurou reconstruir aquele que teria sido o trajeto histórico da Linguística Histórica no Brasil, selecionando trabalhos que considerou representativos para a área de estudos, discorrendo sobre o que esta pesquisa pretende examinar como “programas de investigação” (SWIGGERS, 1981a, 1991a, 2005[2004]), 2009) em disputa e discutindo quais os tipos de produção científica estavam em desenvolvimento no campo, bem como quais seriam suas perspectivas futuras. Objetiva-se, desse modo, discriminar continuidades e descontinuidades entre as perspectivas apontadas por Rosa Virgínia e Fernando Tarallo (1984, p. 97), mencionado na exposição da autora, e o desenvolvimento da Linguística Histórica *stricto sensu* no Brasil de modo a reconstruir os horizontes de retrospectiva persistentes nessa especialidade (cf. AUROUX, 1992, p. 11). Esta pesquisa parte de “falas”, posteriormente publicadas, marcantes na história da Linguística Histórica no Brasil e propõe-se a examinar como outras “falas”, atualmente em circulação no ambiente acadêmico brasileiro, podem permitir compreender uma parte recente dos percursos dessa especialidade no Brasil. À vista disso, pretende-se expor o que seria o primeiro levantamento de três conjuntos de materiais: as falas, tomadas como programáticas, de Rosa Virgínia Mattos e Silva e de Fernando Tarallo; palestras, comunicações e mesas-redondas relacionadas ao macroparadigma da Sociolinguística Histórica do evento virtual *Abralin Ao vivo: Linguists Online* e os textos que tais falas, atuais ou mais remotas, situam em seus horizontes de retrospectiva.

Palavras-chave: historiografia linguística; Linguística brasileira; sociolinguística histórica.

**AS VOGAIS ANTERIORES ARREDONDADAS NA FONOLOGIA DO CRIOULO
HAITIANO: UM CASO DE INDICIAÇÃO SOCIAL (?)**

Bruno Pinto Silva

Apesar de o crioulo haitiano estar entre as línguas crioulas mais bem descritas, essa língua ainda é subestudada, especialmente no que diz respeito à fonologia, como a maioria dos crioulos (MUYSKEN; VEENSTRA, 1994; SMITH, 2008). Na presente pesquisa, investigamos as vogais anteriores arredondadas [y ø œ], que já foram descritas como “fonemas negligenciados no crioulo haitiano” (ALPHONSE-FÉRÈRE, 1977), apesar de não criarem oposição com as correspondentes não arredondadas, a saber, [i e ε], o que tornaria questionável o estatuto fonológico dessas vogais para algumas teorias fonológicas. Schieffelin e Doucet (1994) apontam que o uso dessas vogais se dá por razões sociolinguísticas, especialmente em razão do prestígio da língua francesa na sociedade haitiana. Sendo assim, em nossa pesquisa, reconhecendo o prestígio das variedades ditas acroletais (mais próximas do francês) em relação às variedades basiletais (mais afastadas do francês), utilizamos a técnica conhecida em inglês como *Verbal Guise Technique* (VGT), uma variante da *Matched-Guise Technique* (MGT) (LAMBERT ET AL., 1960; BALL; GILES, 1988), a fim de investigar experimentalmente tal afirmação observacional de Schieffelin e Doucet (1994). O presente estudo adota a abordagem dos Modelos de Exemplos, em que a representação fonológica detalhada capta aspectos de indiciação social e de identidade sociolinguística do falante (JOHNSON, 1997; BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2001; FOULKES; DOCHERTY, 2006). Os resultados da presente investigação contribuirão para a descrição fonético-fonológica do crioulo haitiano, que ainda conta com descrições puramente impressionísticas, a despeito dos avanços teórico-metodológicos das áreas da Fonética e Fonologia como um todo.

Palavras-chave: crioulo haitiano; vogais; fonologia de laboratório; sociofonética; modelos de exemplos.

A EXPRESSÃO DE PROBABILIDADE EM CONDICIONAIS HIPOTÉTICAS

Camila Cristina Silvestre dos Santos

Dentro de um projeto de pesquisa que investiga contrastes interpretativos entre diferentes formas verbais em estruturas condicionais (sentenças do tipo *se p, q*, em que *p* é o antecedente e *q* é o conseqüente), destacamos, nesta exposição, condicionais hipotéticas (aquelas em que se assume que a verdade do antecedente está em aberto) sobre o futuro com antecedentes no pretérito imperfeito do subjuntivo (1a) e no futuro do subjuntivo (1b).

(1) Contexto: o falante não sabe se João comparecerá à festa no dia seguinte.

- a. Se João *viesse* à festa amanhã, ele se divertiria muito.
- b. Se João *vier* à festa amanhã, ele se divertirá muito.

Autores como Gomes (2008) e Gryner (2000) associam o futuro do subjuntivo a condicionais prováveis e o pretérito imperfeito do subjuntivo a condicionais pouco prováveis ou improváveis. Comrie (1986) defende que condicionais como em (1) sejam diferenciadas entre si levando-se em consideração seu grau de hipoteticidade, o que ele descreve como a probabilidade de realização da situação referida no antecedente. Assim, a desinência modal-temporal dos verbos no antecedente seria, portanto, determinada pela avaliação do falante em relação à probabilidade de realização da hipótese: em (1a), com pretérito imperfeito do subjuntivo, teríamos uma condicional de alta hipoteticidade, em que existe baixa probabilidade de realização do antecedente, enquanto em (1b), com futuro do subjuntivo, teríamos uma condicional de baixa hipoteticidade, com alta probabilidade de realização do antecedente. A partir de análise de contextos intrinsecamente probabilísticos, demonstraremos nesta apresentação que não é essa a característica que distingue de fato pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo no antecedente de condicionais hipotéticas com orientação futura, uma vez que, se existe realmente uma distinção baseada na avaliação do falante quanto à probabilidade de realização do antecedente, ela só é evidente se estiver marcada também no contexto ou no discurso.

Palavras-chave: modo; modalidade; condicionais; probabilidade.



INVESTIGAÇÃO EXPERIMENTAL SOBRE AS SENTENÇAS ABSOLUTAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Camilla de Rezende

Resultantes de uma alternância verbal em que há a promoção do tema para a posição de sujeito, as sentenças absolutas (e.g. “Esse biscoitinho destrói na mão”) representam uma estrutura intransitiva, gerada a partir de verbos canonicamente transitivos, que não apresenta um agente ou uma causa. De Rezende (2016) verificou que, em tarefa de julgamento de aceitabilidade, falantes adultos consideraram a estrutura aceitável em menos de 20% dos casos. Esses dados poderiam sugerir que a absoluta não é uma construção lícita do PB, mas resulta de falhas no processo incremental de produção de sentenças, sendo decorrente de lapsos de fala. Minha hipótese de trabalho é que as absolutas são sentenças lícitas da língua e, como tal, estão sujeitas a efeitos de *priming* estrutural. Foram produzidos dois experimentos de produção com *priming*, aplicados a 60 adultos falantes de PB. Camuflada em uma atividade de memória, a tarefa dos participantes era repetir uma sentença-*prime* (como “O barco tá afundando com a tempestade”) e então descrever uma imagem com um dado verbo – para a imagem de um rolo de tinta sobre uma parede com o verbo “pintar”, esperava-se verificar se os falantes produziriam “A parede tá pintando”, copiando a ordem “tema-verbo” da sentença repetida anteriormente. As variáveis independentes são posição do tema na sentença-*prime* – pré-verbal (“O lápis caiu”) ou pós-verbal (“Caiu o lápis”) – e tipo de verbo-*prime* – alternante (como “quebrar”, que pode apresentar agente ou causa, como em “o copo quebrou”/“alguém quebrou o copo”) ou não alternante (como “cair”). Resultados: foram produzidas poucas absolutas, sendo a passiva a estrutura mais adotada pelos participantes. Por isso, análises estatísticas mais refinadas ficam inviabilizadas para determinar os contextos em que as absolutas foram produzidas. Nesta apresentação, exploro possibilidades de explicar os resultados, discutindo a pertinência da metodologia experimental para a investigação de estruturas marcadamente do registro oral.

Palavras-chave: sentenças absolutas; estudo experimental; sintaxe.



A SEMIÓTICA E A MANIPULAÇÃO NAS TIRINHAS PEANUTS

Carla Patrícia Silva do Nascimento

Greimas e Courtés (2018, p. 300) caracterizam a manipulação como uma ação do homem sobre outros homens, visando fazê-los executar um programa dado. Estabelecendo uma relação contratual e modal entre manipulador e manipulado, encontramos nos discursos uma variedade de estruturas em que um sujeito procura persuadir outro. Nesses termos, Greimas e Courtés estabelecem que a manipulação tem, enquanto configuração, duas estruturas: contratual e modal. A estrutura desse tipo de comunicação desenvolve-se da seguinte forma, ainda segundo Greimas e Courtés (2018): o destinador – manipulador impele o destinatário – manipulado a uma posição de falta de liberdade (não poder não fazer), a ponto de ser este obrigado a aceitar o contrato proposto. A manipulação usa o fazer persuasivo do destinador e o fazer interpretativo do destinatário, nas modalidades de poder e saber. O herói do mundo moderno também encontra conflitos, temores, falta de esperança, resignação com seu destino, culpa injustificada e a crença de que, nem mesmo de posse da vontade, algo possa se modificar com ela. A conquista da individualidade representa para o herói moderno a responsabilidade dos erros e escolhas, além de uma expiação que talvez só seja vislumbrada por ele mesmo. A fragilidade do seu ser é percebida pela desistência, pela aceitação do mal que gostaria de evitar, mas que o meio não lhe permite. O herói não é mais aquele rei ou príncipe, homem importante em sua cidade, um ser superior comparado aos outros. O herói moderno é um ser comum em seu meio, participante da grande massa, que é sua comunidade, seu caminho e sua busca está dentro de si mesmo. Otávio Cabral, em *Em nome do pai, do filho e do espírito santo: uma tragédia marginal* (2008, p. 142), observa que “[...] o herói moderno expressa o cotidiano das pessoas comuns e busca desesperadamente superar a contradição, aparentemente insuperável, entre a produção de riqueza e a consequente produção da miséria social e individual”. Onde não há deus sobressaem as forças demoníacas, onde não há proteção encontra-se o abandono. O indivíduo acha-se perdido, torna-se problemático e seu mundo interior é sua própria aventura. Interior e exterior, ideal e real se chocam na busca de uma essência que se acha desenganada frente aos obstáculos intransponíveis impostos pela sociedade, esse descompasso frente ao mundo é a causa da problemática interior do herói romanesco. Dores e angústias são evidenciadas para a reflexão das nossas fraquezas, o lugar do desabrigo transcendental é o mesmo das problemáticas sociais que afligem o homem moderno. Leal (2008, p. 244) aponta ser o romance: “O gênero utilizado para expressar esse trágico social – autoridade e miséria que destroem o homem e a cultura – e

individual – aflição e aniquilamento humano”. O contexto agora adentra o mundo burguês e capitalista, o herói do mundo capitalista sentirá a força do capital comprimir-lhe a alma, a necessidade do dinheiro, da posse e da propriedade. Os valores heróicos dos tempos áureos da tragédia transformam-se em bens e a divisão social levanta barreiras e isola os indivíduos. Essa mutabilidade é o que provoca as transformações na ordem de cada sociedade, nas leis que definem os padrões de comportamento, faz parte do ciclo evolutivo normal da humanidade. Analisar as mudanças sociais do homem moderno é observar as nuances dessas mudanças nas artes. A incapacidade do sujeito resulta em uma série de modalizações que potencializam um mesmo sentimento, que resulta na frustração. O sujeito percebe-se como frustrado, entende que tentou e não conseguiu, que não alcançou um objetivo e o pessimismo se apodera do seu estado alma. Ao considerar o processo comunicativo, Diana Pessoa de Barros em *Algumas reflexões semióticas sobre a enunciação* (2012, p. 29), considera que os sujeitos envolvidos na comunicação não são lugares vazios, e sim casas cheias de valores, de crenças, de projetos, de aspirações, de desejos, de sentimentos. É dentro desse processo comunicativo que buscamos perceber a subjetividade do sujeito fracassado. Busca-se perceber como o processo de manipulação se estabelece nas tirinhas Peanuts, de que forma os atores enunciativos manipulam através do discurso.

Palavras-chave: semiótica; manipulação; *Peanuts*.

VIDAS ENTRE LÍNGUAS: O QUE EMERGE DO CONTATO ENTRE GALEGO E CASTELHANO

Cecilia Farias de Souza

Mesmo a Galícia sendo um espaço sociocomunicativo com um prolongado contato entre galego e castelhano, o contato entre línguas e seus fenômenos (como influência mútua e hibridização) geralmente são estudados como exceções, e não o cerne da interação humana. Amiúde, assume-se um multilinguismo associado à coexistência, no mesmo território, de duas línguas identificadas como entidades separadas – com seus respectivos sistemas de ensino, prescrições gramaticais, etc. –, ignorando-se a criatividade, versatilidade e ausência de fronteiras claras que caracterizam a interação humana. Questionando a concepção das línguas como sistemas autossuficientes e ilhados, bem como conceitos tradicionais de parte da linguística de contato (como empréstimo e *code-switching*), proponho estudar os fenômenos linguísticos que se dão nos espaços multiculturais e plurilinguísticos, em especial a ecologia linguística galega, pelas perspectivas dos trabalhos de Mufwene (2008), Lüpke (2016, 2017), Viotti (2013), entre outros, que encaram as línguas como sistemas dinâmicos e autoadaptativos, em constante adaptação à situação de fala, considerando que fatos históricos de natureza política e cultural também atuam como pressões ecológicas nas transformações linguísticas. Nesta apresentação, trarei análises prévias do *corpus* desta pesquisa, entrevistas disponíveis em meios eletrônicos de um programa da Corporación Radio e Televisión de Galicia (CRTVG), considerando que o interesse deste trabalho são as interações face a face. Essas análises se baseiam na ideia de ação co-operativa (Goodwin, 2018), isto é, o processo de construir algo novo por meio de decomposição e reúso, com transformações, dos recursos tornados disponíveis pelas ações realizadas anteriormente por outras pessoas, recursos esses que não são apenas linguísticos. Assumo, então, que no centro da atenção não estão abstrações de sistemas linguísticos, mas sim os falantes, que elegem e manipulam os recursos linguísticos que têm à disposição de acordo com as suas necessidades comunicativas.

Palavras-chave: galego; multilinguismo; contato linguístico; ação co-operativa.

A INTERFACE MORFOLOGIA-FONOLOGIA-SEMÂNTICA-PRAGMÁTICA E OS PROCESSOS NÃO CONCATENATIVOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

César Elidio Marangoni Junior

Os processos de formação de palavras ditos não concatenativos, como os *blends* (*gratiliz* > *gratidão* + *luz*) e as formas nominais truncadas (*brincs* > *brincadeira*), são analisados ora como assistemáticos, visto que colocariam em xeque o isomorfismo entre morfologia e fonologia, ora como extragramaticais, pois violariam princípios morfológicos universais. Esta pesquisa, todavia, defende que tais palavras são geradas de maneira sistemática e modular: há uma relação direta entre um traço avaliativo dissociado e uma dada configuração morfofonológica. Valendo-se do modelo da Morfologia Distribuída, este trabalho propõe uma análise que vê a não concatenatividade como um epifenômeno da forma que PF interpreta a estrutura morfossintática derivada: os dois tipos específicos de processos são instâncias da interface morfologia-fonologia-semântica-pragmática. Na Estrutura Morfológica, [EVAL], um traço dissociado que é fruto da gramaticalização de uma informação pragmática, é adjungido à estrutura, sendo que tal morfema é sintaticamente irrelevante, mas é morfopragmaticamente relevante porque tem função semântico-pragmática ao codificar uma leitura semântico-pragmática específica – aquelas prototípicas de casos de morfologia avaliativa: diminutivo, aumentativo, pejorativo e afetivo – e fonológica ao interferir na escolha do item de vocabulário que realizará a estrutura derivada – determina a escolha de um item de vocabulário especificado para tais informações contextuais (categorizador nominal avaliativo: em *pontaço*, -aço é o item de vocabulário que realiza o nominalizador portador do traço avaliativo; nos casos de morfologia subtrativa, há a seleção de um molde prosódico a ser preenchido pela Enciclopédia). A análise do *corpus* é feita de forma a observar e destacar a relação existente entre morfofonologia e semântica-pragmática: uma dada intenção semântico-pragmática, que diz respeito essencialmente à observação da atitude e do sentimento do falante diante de um objeto, de uma ação ou de uma pessoa, tem uma contraparte fonológica dada pela exponência morfofonológica específica escolhida – infixos, morfologia subtrativa etc.

Palavras-chave: morfologia não concatenativa; formação de palavras; interface morfologia-fonologia-pragmática; interface morfologia-semântica-pragmática; morfologia avaliativa.

ASPECTOS FONOLÓGICOS DO QU-*IN SITU* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Clariana Lara Vieira

Em português brasileiro, podemos formar perguntas movendo o elemento-QU (*O que o João fez?*) ou mantendo-o *in situ* (*O João fez o quê?*). Para Zubizarreta (1998), há duas formas de licenciar as perguntas-QU: o QU-movido seria licenciado sintaticamente, movendo-se para Spec,CP; já o QU-*in situ* seria licenciado prosodicamente ao ser focalizado. Segundo Kato (2004, 2013), o QU-*in situ* envolveria dois movimentos, um primeiro para posição de foco baixo, e um segundo remanescente de IP. Assim, a construção seria menos econômica e a criança, seguindo o Princípio de Economia, demoraria mais a adquiri-la, optando por uma estratégia menos custosa, como o QU-movido. Como evidência externa para esta hipótese, notamos alguns aspectos fonológicos nas construções: no QU-*in situ*, quando o elemento-QU vem desacompanhado, ele é sempre produzido como [uke], conforme aponta também Vidor e Menuzzi (2004), não permitindo a aplicação de regras pós-lexicais, “*ele fez [u quiontem]_c?”. Quando movido, todavia, ele é produzido frequentemente como [ki] átono, oferecendo contexto para a aplicação de tais regras, como o apagamento de /e/, “[u qué]_c isso?”. Uma das possibilidades para explicar essa assimetria é a atribuição de acento nuclear ao elemento interrogativo quando *in situ*, possível pelo movimento do constituinte à posição de Foco. Para testar a assimetria entre o QU-*in situ* e o QU-movido, coletamos dados espontâneos de 5 crianças adquirindo PB entre 1;2.28 e 4;11.12 anos de idade e os adultos interagindo com elas. Os resultados indicam que apenas 1,9% das perguntas-QU produzidas pelas crianças foram *in situ*, contra 13% das construções adultas. Isso aponta para um desfavorecimento da estrutura na fala infantil, o que corrobora a análise de Kato, para quem o QU-*in situ* seria a opção menos econômica.

Palavras-chave: QU-*in situ*; elemento-QU; foco; regras pós-lexicais.

**O EXPERIMENTALISMO EM QUADRINHOS: PRÁTICAS EDITORIAIS,
PRÁTICAS DE LEITURA**

Clarissa Ferreira Monteiro

A presente comunicação visa compartilhar algumas das reflexões e avanços da pesquisa de doutorado que se encontra em desenvolvimento, cujo objeto são os quadrinhos chamados experimentais. Enquanto produção com raízes no surgimento da imprensa e voltada às massas, os quadrinhos ditos convencionais apresentam uma linguagem estabilizada, facilmente identificável, a ponto de parecer naturalizada (DISCINI, 2009; PIETROFORTE, 2018). O formato do impresso, a qualidade matérica da folha, a organização diagramática da página, a tipografia e localização tradicional dos elementos verbais informam e influenciam as práticas de leitura, ainda que possam por vezes passar “despercebidos”, dada sua “onipresença na cultura impressa” (GHOSAL, 2015). Esta pesquisa tem por objetivo, então, explorar como as produções experimentais operam uma ruptura com as convenções da linguagem e também uma recuperação da corporeidade dos quadrinhos, afetando o contato sensível-inteligível do enunciatário-leitor e fazendo emergir novas possibilidades de organização narrativa. Ao observar os projetos gráficos desses quadrinhos, buscamos compreender a construção do sentido na relação entre elementos linguísticos e extralinguísticos, tendo como eixos principais a verbovisualidade, o *layout* e o suporte de inscrição. Estes três eixos evidenciam a construção dos objetos que compõem o *corpus* da nossa pesquisa, sendo suas escolhas parte de uma prática editorial que, por sua vez, afetam práticas de leitura. A partir de estudiosos da teoria semiótica (Fontanille, Dondero, Portela, Schwartzmann, Correa e Bogo) e da linguagem dos quadrinhos (McCloud, Groensteen, Peeters, Barbieri e Ghosal), buscamos responder as perguntas: (i) como aporte e suporte se constituem na identificação dos quadrinhos; (ii) como tal identificação informa uma prática de leitura e de uso; (iii) como definir o experimentalismo em quadrinhos a partir das suas práticas editoriais e de leitura.

Palavras-chave: quadrinhos; práticas; experimentalismo.

O SENSÍVEL NO CAMPO MIDIÁTICO

Cláudia Marques Fernandes Carlucci

Compreendida como viés de sensibilidade, a estesia é inerente à língua. Por mais que as especificidades e coerções genéricas (BAKHTIN, 1997) influenciem seus modos de convocação, ela está presente em todos os discursos. Isso significa que, mesmo em gêneros inclinados à dominância do semântico sobre o estésico, como é o caso de alguns gêneros pertencentes ao campo midiático, o sensível emerge, ainda que com tonicidade em valências extremamente reduzidas, se comparadas, por exemplo, a gêneros do campo literário. Assim, o objetivo de nosso trabalho é analisar como o sensível pode ser percebido em uma reportagem que aborda o tema da maternidade, publicada no jornal on-line de *O Estado de São Paulo*, em maio de 2019, intitulada “Ser mãe pode ser um fardo e as mulheres estão falando sobre isso”. Nossa análise recairá sobre os depoimentos de mães presentes no texto, em que essas mulheres compartilham experiências, dores e traumas relacionados à maternagem. Pretendemos mostrar que, como característica intrínseca ao gênero, os depoimentos reforçam o caráter autêntico, já que comprovável, da verdade, mas são responsáveis, também, por uma forte vibração de afeto. As mães do texto não se dizem frustradas e culpadas, apenas. Elas se *mostram* discursivamente frustradas e culpadas, o que aumenta as chances de impactar sensivelmente o enunciatário, de convocá-lo a julgar o discurso verdadeiro e de, por fim, fazê-lo entrar em conjunção com os valores ali propostos.

Palavras-chave: maternidade; veridicção; campo midiático; afetos.



POSSESSIVOS EM VPS IDIOMÁTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Claudia Souza Coelho

VPs idiomáticos permitem possessivos, mas com diferentes padrões:

(i) possessivos não-reflexivos expressos ((1)) e reflexivos nulos ((2)), estes exibindo assimetria 1^a/2^a vs. 3^a pessoa.

- (1) a. A bronca abaixou **minha/sua** bola.
b. A bronca abaixou a bola **dele/do João**.

- (2) a. ?Eu abaixei/?Você abaixou a bola.
b. Ele/O João abaixou a bola.

(ii) apenas reflexivos, expressos ou nulos, sem assimetria de pessoa.

- (3) a. Eu tirei o (**meu**)/Você tirou o (**seu**) cavalinho da chuva.
b. Ele/O João tirou o cavalinho (**dele**) da chuva.

(iii) apenas reflexivos nulos. A maioria dos casos envolve posse inalienável.

- (4) a. Eu passei a (*minha)/Você passou a (*sua) perna na Maria.
b. Ele/O João passou a perna (*dele) na Maria.

(iv) apenas não-reflexivos expressos, opcionalmente clíticos na 1^a/2^a pessoa.

- (5) a. A Maria comeu **meu/seu** fígado.
b. A Maria **me/te** comeu o fígado.
c. A Maria comeu o fígado **dele/do João**.

(i) é paralelo ao alçamento de possuidor (cf. Rodrigues 2020, Nunes e Kato 2021) em (6-7).



- (6) a. Ainda não nasceu **minha/sua** barba.
b. Ainda não **me/te** nasceu a barba.
c. Ainda não nasceu a barba **dele**.

- (7) a. *Eu ainda não nasci/??Você ainda não nasceu a barba.
b. Ele/o João ainda não nasceu a barba.

Entretanto, Rodrigues (2020) argumenta por duas classes dessas construções: ou o DP se move diretamente para Spec, TP, ou pousa em posição intermediária e recebe papel- θ de entidade afetada. Os verbos sem esse papel apresentam assimetria de pessoa ((8)); os que o atribuem não ((9)).

- (8) a. *Eu caí o cabelo.
b. Elas caíram o cabelo.

(9) Eu inchei/Você inchou/Ele inchou o pé.

(8) comporta-se como (i) e (9) comporta-se como (ii). Nesta apresentação, buscarei determinar as estruturas por trás das semelhanças entre os dados idiomáticos e não-idiomáticos e dar conta dos padrões identificados nos VPs idiomáticos.

Palavras-chave: possessivos; VPs idiomáticos; alçamento de possuidor; português brasileiro.

CISÃO PATÊMICA NO DISCURSO DE BOLSONARO: VEDETE OU BUFÃO?

Cleide Lima da Silva

As pesquisas de opinião sugerem que o discurso do pré-candidato Bolsonaro permanece forte para uma possível disputa no segundo turno das eleições de 2022. Entre os eleitores, a maior rejeição é das mulheres, porém, há uma parcela delas que o apoiam. Nosso objetivo geral de pesquisa é identificar nos discursos político e midiático como a manipulação é articulada com o sensível. A partir de discursos de Bolsonaro que circularam durante as eleições de 2018 e com o apoio de 4 reportagens sobre a opinião de mulheres pertencentes aos grupos #EleNão e #EleSim, procuramos compreender os efeitos sensíveis e estésicos de cada enunciatário diante de um discurso populista. Segundo Aristóteles (2011), a persuasão é sustentada por três pilares: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Para o filósofo, a persuasão depende de como o discurso afeta as emoções dos ouvintes, que variam conforme suas experiências, seus julgamentos e sentimentos. Direcionamos nossa atenção ao *pathos*, visto a hipótese de haver no discurso de Bolsonaro uma habilidade de provocar uma cisão patêmica, principalmente, quando estão em jogo a discussão de temas altamente sensíveis como o preconceito. Ao pesquisar sobre os regimes de presença e as formas de popularidade, Landowski (2012) identifica a característica de alguns homens políticos, dentre eles a vedete e o bufão, aquela tem como inclinação agradar seu ouvinte pelo que ela é, ou, ao menos, aquilo que parece ser; por outro lado, a estratégia do bufão é ridicularizar o outro para se vender como diferente de seu opositor, tendo como uma de suas características dizer “a verdade” sem limites. Nesse ponto, a sociosemiótica conduzirá nossa pesquisa quanto ao impacto desse discurso nos enunciatários. À luz dos regimes de interação (LANDOWSKI, 2014), observamos no discurso bolsonarista o encontro reiterado com o acidente, que leva os enunciatários a diferentes formas de ajustamento.

Palavras-chave: populismo; cisão patêmica; ajustamento; vedete; bufão.

A PAIXÃO DA VINGANÇA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Daniela dos Santos

Neste projeto, faremos uma análise semiótica da paixão da vingança no romance *Grande Sertão: Veredas*. Para isso, consideraremos a cólera a partir da proposta de Greimas (2014, p. 234): “violento descontentamento acompanhado de agressividade” e, a partir dela, a vingança, que será considerada uma paixão complexa, em que há a seguinte sequência: confiança – espera – frustração – descontentamento – agressividade – explosão; isso será posto também a partir de Aristóteles, que, em sua *Retórica*, postula que é por meio da paixão da ira que se cometem atos de vingança. Além desses fundamentos, estaremos baseados no verbete “vingança” dado por Greimas e Courtés (2020, p. 536). A vingança será abordada no ator do enunciado Diadorim, que busca a vingança pela morte de seu pai, Joca Ramiro, colocando-a, assim, como um programa de liquidação da falta causada (BARROS, 2001). Diadorim é o grande destinador-manipulador do romance, que provoca Riobaldo a também ter o desejo de vingança: “– Riobaldo, você pensa bem: você jurou vinga, você é leal. E eu nunca imaginei um desenlace assim, de nossa amizade...” (ROSA, 2015, p. 308). Por isso, destacaremos que a paixão da vingança também está em Riobaldo, em Hermógenes (pois a cólera pela “absolvição” de Zé Bebelo o motiva a matar Joca Ramiro) e em Zé Bebelo (que retorna do seu refúgio para também combater os hermógenes).

Palavras-chave: Semiótica; paixões; Grande Sertão: Veredas; Guimarães Rosa.

INTERAÇÃO ATÍPICA: UM ESTUDO ACERCA DAS ESTRATÉGIAS DE REPARO E CORREÇÃO PROVENIENTES DA INTERAÇÃO DE UM SURDO COM ALTERAÇÃO MOTORA

Delmir Rildo Alves

Esta pesquisa tem como objetivo realizar um estudo acerca das estratégias de reparo e correção de uma interação atípica, na qual, um dos participantes da interação é um indivíduo surdo com alteração motora que apresenta uma sinalização atípica. Assim como Wilkinson (2019), utilizamos neste trabalho a expressão “interação atípica” para interações, em que, pelo menos um dos participantes possui um distúrbio de linguagem. Tyrone (2014), na ASL (*American Sign Language*), bem como Xavier e Barbosa (2017), na Libras (Língua Brasileira de Sinais), tiveram contato com surdos que apresentavam alguma alteração motora, cuja consequência ocasionava uma sinalização atípica. Segundo Xavier e Barbosa (2017), a sinalização atípica pode afetar a compreensão do interlocutor. Tendo em vista que a sinalização atípica ocasiona uma redução na inteligibilidade, propomos a partir da Análise da Conversa Etnometodológica (doravante ACE) com base nos textos de Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson (Sacks et al., 1974; Schegloff et al., 1977) investigar como são realizadas as estratégias de reparo e correção pelos interactantes em uma interação atípica, sendo um deles uma pessoa surda com sinalização atípica ocasionada por um comprometimento motor. Para a coleta de dados, realizaremos gravações de conversas espontâneas e/ou eliciadas (KASPER, 2008, p. 281). Posteriormente, serão transcritas as conversas por meio do software Elan e serão analisadas as ocorrências de reparo e correção conforme o modelo da ACE. Pretende-se por meio desta pesquisa contribuir com os indivíduos e profissionais que estão envolvidos em práticas interacionais atípicas.

Palavras-chaves: interação atípica; sinalização atípica; Análise da Conversa; reparo; correção; Libras.

ANÁLISE DAS CADEIAS ISOTÓPICAS EM PARÁBOLAS ESCRITAS EM LÍNGUA
ESPAÑHOLA

Demócrito de Oliveira Lins

Considerando que o objeto de estudo da semiótica é o *sentido*, pretendemos, à luz da semiótica francesa, especificamente o nível discursivo do percurso gerativo do sentido, analisar como as cadeias isotópicas vão sendo construídas e de que modo contribuem para a construção do duplo sentido de parábolas escritas em língua espanhola. Até o momento, revisitamos o conceito de *sentido* e observamos que, apesar de que por trás dos projetos teóricos sempre haja o intuito de construção de modelos de previsibilidade, considerando a anuência por parte dos fundadores da semiótica da indefinibilidade do conceito de sentido, nos questionamos até que ponto se pode prever aquilo que é indefinível. Parece-nos evidente que, antes de qualquer desdobramento teórico, é preciso haver uma descrição satisfatória e o mais consensual possível de seu objeto, para só então poder pensar em alguma extensão de tal teoria. Como referencial teórico, selecionamos Greimas & Courtés (2008); Greimas (1973); Bertrand (2003); Fiorin (1996); Barros (1990; 2001), Postal (2007), entre outros. Tendo em conta que as parábolas, de fato, se caracterizam pela pluralidade de isotopias figurativas possíveis para significar uma única isotopia temática, na qual diversas narrativas diferentes trazem uma mesma mensagem axiológica, por meio de uma análise-piloto de um exemplar do *corpus* escolhido para a pesquisa (parábolas presentes nas duas partes da obra *La culpa es de la vaca*, de Jaime Lopera Gutiérrez e Marta Inés Bernal Trujillo), concluímos que o reconhecimento do(s) conector(es) de isotopia por parte do leitor é condição *sine qua non* para a construção da isotopia negativa (e, portanto, do sentido alegórico).

Palavras-chave: semiótica francesa; cadeias isotópicas; língua espanhola.

REVENDO CATEGORIAS DE ANÁLISE: UM ESTUDO COMPARATIVO DO TUKANO

Dora Savoldi da Rocha Azevedo

A partir de dados da língua Tukano, o presente trabalho se propõe a discutir a possibilidade da realização de uma análise linguística que parta fundamentalmente da língua analisada para o estabelecimento de categorias analíticas, e não o contrário, visando em última instância a contribuir para o *descolonialismo* e *desprendimento* (QUIJANO, 1992; MIGNOLO, 1996, 2000, 2002, 2007) nos estudos linguísticos. Parte-se da afirmação de Evans e Levinson (2009, p. 446), segundo a qual a diversidade linguística não se permite caracterizar através de categorias precisamente definidas e distintas entre si, levando então à proposição de que categorias e funções gramaticais se organizam em torno de protótipos (ROSCH, 2002). No entanto, como mostram Negrão e Viotti (a sair), essa estratégia não permite de fato a desvinculação de uma perspectiva colonial. Tendo isso em vista, este trabalho traz à luz uma comparação sobre atributos morfológicos da língua Tukano sob os pontos de vista (i) da gramática descritiva da língua elaborada por Henri Ramirez (1997) e (ii) da análise de dados de conversação entre falantes ‘nativos’ obtidos pela pesquisadora em viagem de campo a São Gabriel da Cachoeira (AM), em março de 2022. Através dos dados comparativos obtidos, e trazendo à baila as considerações linguísticas de Boas (1911), propõe-se que a utilização da teoria dos protótipos para o estabelecimento de categorias analíticas só representa um movimento em direção ao descolonialismo se considerarmos, para a definição de um protótipo e dos outros membros de uma categoria, apenas os fenômenos observados dentro da língua específica sob análise. Nesse sentido, embora as categorias analíticas de diferentes línguas possam ser relacionáveis, não são equivalentes.

Palavras-chave: Tukano; descolonialismo; teoria dos protótipos; categorias analíticas; análise morfológica.

SOBRE O MÉMOIRE DE SAUSSURE

Edgard Bikelis

Nossa pesquisa tem por objeto o *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes*, publicado em 1879 por Ferdinand de Saussure (1857-1913). Saussure é conhecido hoje como o autor do *Curso de Linguística Geral* de 1916, obra que é vista, pelos seus pósteros, como fundadora do chamado ‘estruturalismo’ linguístico e da Linguística contemporânea (Sanders 2004: 2). Para os coevos de Saussure, todavia, seu reconhecimento deu-se graças, além de seu magistério, à publicação do *Mémoire*, o que pode-se averiguar, por exemplo, no prefácio anônimo do volume de 1908 dos *Mélanges* da *Société Linguistique de Paris*, dedicado a Saussure, em que se agradece pelas contribuições “[d]os linguistas eminentes [...] que aceitaram unir suas homenagens àquelas dos antigos alunos do autor do *Mémoire* [...]”. Um dos objetivos de nossa pesquisa é a tradução integral do *Mémoire*, que se encontra na fase de finalização. Propomos, nesta comunicação, a apresentação de alguns resultados da nossa pesquisa, desafios encontrados na sua tradução, abordando problemas de natureza técnica, como a edição e codificação do texto, da criação de notas, índices e glossário, da busca das fontes usadas por Saussure, e as particularidades do gênero comparativista de que esta obra faz parte, que se costuma chamar Linguística Indoeuropeia, tanto no desenvolvimento do argumento como na técnica da comparação de línguas. Ao longo do nosso trabalho, nós nos valendo dos conceitos de ‘capa técnica’ e ‘documental’, apresentados em Swiggers (2005), para a aproximação ao do texto do *Mémoire* como documento (a natureza dos dados apresentados, a fonte dos dados, o modo de sua apresentação e de seu uso no argumento), e a sua especificidade teórica e terminológica.

Palavras-chave: Saussure; proto-indo-europeu; vocalismo; Mémoire; neogramáticos.



REPRESENTAÇÕES (SOCIO)DISCURSIVAS DE MIGRANTES E REFUGIADOS NO BRASIL E NA EUROPA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Edna Clara Januário de Araújo

Este projeto se volta para o exame das representações (socio)discursivas de migrantes e refugiados no quadro de um fenômeno social que, além de atingir proporções mundiais, evidencia as crises humanitárias contemporâneas. Nos últimos anos, temos testemunhado um aumento exponencial no fluxo migratório, com os maiores níveis de deslocamento já registrados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Nesse cenário, os indivíduos deslocados têm sido usualmente representados por órgãos políticos e midiáticos, que falam por ou sobre eles. Assim, o olhar da população sobre esses sujeitos é direcionado por discursos institucionais, que propiciam a perpetuação de estereótipos e representações que orientam o modo de pensar e agir da sociedade. Os próprios termos utilizados para designar aqueles que se encontram em situação de deslocamento são motivo de debate, tendo em vista o valor semântico que se atribui a nomes como “(i)migrante”, “refugiado”, “exilado” ou “estrangeiro” - legitimando ou repudiando determinados grupos. Em vista disso, propomos, neste projeto, uma pesquisa que, à luz da análise da semiótica discursiva, se volta para a análise de narrativas de vida de migrantes e refugiados, bem como para o exame de documentos jurídicos (leis e acordos/tratados internacionais) e textos midiáticos (notícias e reportagens) que tratem dessa temática. Entre os Estados europeus, daremos enfoque àqueles que são banhados pelo Mar Mediterrâneo e que, conseqüentemente, recebem o maior número de migrantes. Entre os países da América Latina, focalizaremos o Brasil, não apenas por se tratar do contexto em que nos inserimos e por sua extensão territorial, como também pela projeção internacional que o país tem adquirido nesse cenário, fazendo parte dos principais tratados que dizem respeito à migração e ao refúgio.

Palavras-chave: representação (socio)discursiva; semiótica discursiva; migrantes; refugiados.



MODELO COMPUTACIONAL PARA ANÁLISE DE COERÊNCIA DISCURSIVA

Fábio Rezende de Souza

O estudo da coerência discursiva consiste em uma das principais tarefas da análise do discurso, embora não exista um consenso sobre um método preciso para a sua realização. Isto se deve ao fato da própria natureza do discurso, como objeto de análise, também ser fruto de debate acadêmico. Algumas abordagens de análise de coerência discursiva são desenvolvidas no âmbito da linguística computacional: entre estas, predominam as abordagens que avaliam o discurso de um ponto de vista formal e estrutural. As técnicas mais difundidas na atualidade avaliam a coerência discursiva por meio da análise de coesão lexical, adequação a gêneros literários, e outras tarefas ligadas sobretudo à análise do texto. Estas abordagens, no entanto, acabam por ignorar outras dimensões do discurso, como os aspectos sociais e históricos que o compõem, essenciais para muitas escolas de pensamento que dele se ocupam. Este projeto de pesquisa busca avaliar, discutir e propor formas de modelar computacionalmente a coerência discursiva, considerando o contexto extralinguístico (social, cultural e histórico), em que o discurso ocorre. Para isso, serão avaliadas quais técnicas de representação do conhecimento, já bastante difundidas em outras tarefas de linguística computacional, podem ser empregadas para esse propósito; além disso, será realizada uma análise crítica das especificidades das principais correntes de análise do discurso, quanto à definição e método de avaliação de coerência. Por meio do desenvolvimento deste projeto, espera-se contribuir com um incentivo à aproximação do uso de técnicas computacionais para escolas do estudo do discurso que levam em conta a análise da realidade, além de possíveis aplicações em pedagogia, saúde, antropologia, detecção de notícias falsas, entre outras áreas.

Palavras-chave: processamento de linguagem natural; linguística computacional; análise do discurso; coerência discursiva.

A REPRESENTAÇÃO DE GRUPOS HISTORICAMENTE MARGINALIZADOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO SOB O VIÉS SEMIÓTICO

Fernando Moreira

A pesquisa se vale da teoria semiótica para observar a representatividade identitária da alteridade em jornais brasileiros. Para responder à seguinte pergunta de pesquisa: “Como são construídos, em discursos jornalísticos, os estatutos dos sujeitos historicamente marginalizados?”, utiliza-se um *corpus* composto por reportagens publicadas na *Folha de São Paulo*, no *O Estado de S. Paulo* e no *O Globo*. As referidas reportagens versam sobre três grupos sociais: populações LGBTQI+, populações negras, pessoas com deficiência, publicadas nas seguintes datas: i) 28 de junho, Dia Internacional do Orgulho LGBTQI+, uma referência à data em que frequentadores do bar *Stonewall Inn*, nos EUA, reagiram às frequentes batidas policiais repressivas no local; ii) 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, criado no calendário escolar em 2003 e oficializado em âmbito nacional só em 2011 em uma alusão à data em que se atribui a morte de Zumbi dos Palmares; iii) 21 de setembro, Dia Nacional da Luta da Pessoa com Deficiência, data oficialmente instituída no Brasil em 2005, mas comemorada desde a década de 1980, escolhida por ser, também, a da chegada da primavera ao hemisfério sul. Para delimitar ainda mais o *corpus*, tornando a análise possível, escolhemos fazer estudo comparativo entre os anos de 2000 e 2020. Metodologicamente, a análise semiótica parte da semântica discursiva em busca da identificação de sua sintaxe. Busca-se perceber em que medida esses temas surgem apenas por imposição coercitiva, reiterando estereótipos e/ou repetindo formatos de anos anteriores ao cumprir padrões de agendamento (*agenda setting*), ou, ao contrário, preocupam-se com questões sensíveis a essas populações, promovendo o debate sobre a inclusão efetiva e a alteridade.

Palavras-chave: Alteridade; discursos midiáticos; LGBTQIA+; Pessoas com deficiência; populações negras.

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE ADAPTAÇÃO TELEVISIVA: O CASO DE O CONTO DA AIA

Flávia Giaccobo Ribeiro

Esta apresentação busca apresentar um projeto de dissertação em estágio inicial. O projeto de dissertação levado à exibição leva um estudo desenvolvido primeiramente contido no campo da tradução até o campo da semiótica. Desta forma, pretende-se estabelecer análise, fundada no percurso gerativo de sentido da semiótica, sobre as maneiras como a significação é construída na primeira temporada do seriado televisivo O Conto da Aia a partir do romance de mesmo nome, livro que traz uma distopia político-religiosa. Nos três níveis de análise do percurso gerativo de sentido, será brevemente exposta a oposição semântica fundamental entre a sujeição e a rebeldia perante o regime ditatorial que funciona como contexto social na série, será demonstrado o percurso de manipulação que se dá na narrativa e, por fim, examina-se a isotopia construída na narrativa de forma a demonstrar de que forma O Conto da Aia desenvolve ligação com a realidade. A partir desses elementos, o exame dos modos de construção de significação da adaptação da série televisionada como um todo é efetuado, centrando especificamente as transformações intersemióticas efetuadas na passagem do romance, com sua materialidade escrita, à série televisiva, ou seja, as operações de que deriva sua representação em meio audiovisual, criando um objeto adaptado/traduzido.

Palavras-chave: Semiótica; Adaptação Televisiva; O Conto da Aia; Estratégias de Significação.

**AMPLIANDO A INVESTIGAÇÃO SOBRE IDEOFONES NAS LÍNGUAS NATURAIS
À LUZ DO CONTATO LINGUÍSTICO: EVIDÊNCIAS DE USOS DO PORTUGUÊS
DO BRASIL**

Gabriella Souza Oliveira

O projeto que se apresenta, ainda em fase inicial, tem como propósito o estudo do mapeamento das características dos ideofones nas línguas naturais, tendo como evidência o português do Brasil (PB). Ideofones são “palavras marcadas que evocam imagens sensoriais” (DINGEMANSE 2011: 25), tais como *chororô* (choro intenso), *vuco-vuco* (aglomeração, tumulto), *tchibum* (som do corpo quando se choca com a água) ou *lero-lero* (falatório). Esta proposta se insere em um escopo de pesquisa maior que vislumbra a análise do que Negrão e Viotti (2020) chamam de “peculiaridades do português brasileiro” (:182), as quais incluem elementos muitas vezes considerados marginais (JOSEPH 1997), ou até mesmo ‘não-linguísticos’ ou ‘fora do sistema’ (CHILDS 1994; AMEKA 2001). Ainda que muito produtivos em grupos linguísticos de distintas partes do mundo, como em línguas da Ásia e da África, alguns autores consideram que os ideofones são “itens lexicais inexistentes no português” (ARAÚJO 2020:45). Contudo, vemos que este não é o caso. Com efeito, observa-se que carecem de estudos aprofundados sobre a investigação do fenômeno inter-linguisticamente. A proposta se justifica, portanto, dado o entendimento de que os usos dos ideofones no português do Brasil representam partes integrais desta língua, e que, caso queiramos fazer uma análise linguística mais justa e sofisticada, que seja capaz de abarcar os constituintes da língua em evidência de forma a entendê-los devidamente, o estudo dos ideofones não pode ser obliterado. Para centralizá-lo, assumo a hipótese de que a sua produtividade no PB emergiu do contato entre as mais diversas línguas, dentre elas, algumas de famílias africanas bantu e gbe, que foram implantadas no país no período colonial, em consonância com a hipótese de que o PB se formou em um contexto de intenso multilinguismo (NEGRÃO e VIOTTI 2014), e que evolui em virtude da interação entre os mais diversos traços linguísticos (MUFWENE 2001).

Palavras-chave: ideofones; contato linguístico; português brasileiro (PB); línguas africanas.

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CINEMA BRASILEIRO

Gizelia Mendes Saliby

Nossa pesquisa de doutorado visa investigar a forma como a mulher é representada no cinema brasileiro, partindo de produções cinematográficas produzidas por homens e mulheres. Nossa intenção é averiguar como tais discursos dialogam com os estereótipos femininos que circulam na sociedade brasileira. Neste aspecto, nos interessa a concordância ou a oposição dos discursos fílmicos com os discursos sociais e nos pautamos numa análise dialógica, para verificar as disputas discursivas pela construção dessa representação. Nos propomos a investigar de que forma problemas de uma sociedade patriarcal são refletidos nas produções cinematográficas, e como o olhar masculino contribui para a construção de arquétipos irrealis, equilibrados no limiar entre a sexualização e a representação pouco complexa da figura feminina, contribuindo para a perpetuação de estereótipos sobre como deve ser sua performance e atuação sociais. Para abstrairmos a ideologia presente nos discursos fílmicos, nos baseamos nos trabalhos de Pessoa de Barros, Fiorin, Blikstein e outros trabalhos que consideram a análise do discurso do ponto de vista da ideologia e da disputa social pelo estabelecimento de uma visão de mundo. No campo das teorias de cinema e no diálogo com essas questões levantadas, utilizaremos autores como Laura Mulvey, E. Ann Kaplan, Abigail Solomon-Godeau e Ismael Xavier.

Palavras-Chave: cinema; feminismo; feminino; mulheres; cinema brasileiro.



DIÁLOGOS ENTRE A TEORIA SEMIÓTICA E AS NEUROCIÊNCIAS: PLASTICIDADE E FORMAS DE VIDA

Guillherme de Moura Cunha

Como uma disciplina em permanente construção, a teoria semiótica de linha francesa fornece aos estudos da linguagem inúmeras contribuições para compreender o processo de significação. Neste trabalho, propomos uma pesquisa interessada em demonstrar o potencial metodológico e heurístico da semiótica de base greimasiana em diálogo com o campo das neurociências, em particular no reconhecimento da neuroplasticidade como propriedade humana que intervém nas práticas de linguagem. Ancorado na concepção de formas de vida, delimitada pela filosofia wittgensteiniana e reinterpretada pelo pensamento tensivo de Zilberberg, debruçamo-nos sobre esse fenômeno neural, descrito pela atuação dos neurônios e por suas conexões estabelecidas, e sobre as possíveis convergências com a noção de acontecimento. Para tanto, recorreremos à pesquisa teórica para resgatar de estudos neuronais – Damásio e Changeux – a indissociável relação entre a significação e a atividade neuronal. Além disso, a vertente do connexionismo, definida por Maturana e Varela, amplia a discussão em torno da própria linguagem e de sua particularidade na espécie humana. De modo a expandir nosso estudo, procuramos, a título de exemplificação, analisar, segundo o pensamento tensivo, as memórias *As portas da percepção* (1954), de Aldous Huxley, que seguem relatos de experiências alucinógenas do autor. O resgate dessa obra nos permite um tratamento mais concreto acerca da afetividade e, no diálogo interdisciplinar, das alterações neuronais nas experiências de Huxley. Nosso exercício comporta-se, portanto, como um trabalho sinérgico que procura adentrar em um campo interdisciplinar, ainda em construção.

Palavras-chave: semiótica; formas de vida; plasticidade.



MEMES NO MUSEU: ENTRE AS ESTRATÉGIAS E A PRÁXIS ENUNCIATIVA

Gustavo André Táriba Brito

No dia 31 de julho de 2021, após longo período sem receber o público, o Museu da Língua Portuguesa reabre as suas portas com a exposição temporária chamada Língua Solta. Segundo seus organizadores, o objetivo é mostrar a língua nos seus mais diversos aspectos, desdobramentos tanto na arte quanto no cotidiano, através de um conjunto de objetos cujo significado está ancorado no uso da palavra e nos seus objetos de arte popular e contemporânea. O objeto que observamos no nosso trabalho pertence ao coletivo Saquinho de Lixo, conhecido perfil de memes das redes sociais, o qual se apresentava exposto numa tela de televisão em formato plano que imitava a prática de um usuário do Instagram diante de uma tela de celular, rolando o *feed* do perfil em questão, e assistindo aos memes de internet (dentre eles alguns em formato de vídeo) ao mesmo tempo em que é bombardeado por notificações do WhatsApp, do Ifood e de outros aplicativos. Unindo o conceito de Net Art com a troca virtual de memes, observamos as estratégias utilizadas pelo enunciador da obra ao propor ao enunciatário a transposição da experiência on-line. Nosso estudo é norteado pelo trabalho das *Práticas Semióticas* de Jacques Fontanille (2008, 2015), também auxiliado pelos desdobramentos modernos da Semiótica Tensiva de Claude Zilberberg (2001, 2011) e pelo conceito de práxis enunciativa trazido por Denis Bertrand (2003). Também nos apoiamos nas pesquisas de Lúcia Teixeira e seus trabalhos que versam sobre visitas de museu, enunciação on-line e transmídia (2015, 2017, 2021).

Palavras-chave: memes; museu; semiótica; práticas; enunciação on-line.



CONSTRUÇÕES DERIVADAS DE ESTAR EM CRIoulos DE BASE PORTUGUESA

Gustavo Micael Gomes Martins

As construções de estar + gerúndio (*estar fazendo*) e estar + infinitivo preposicionado (*estar a fazer*) são altamente produtivas nas várias vertentes da língua portuguesa. Na construção dos sistemas crioulos de base portuguesa, essas construções ganharam várias novas funções, sendo visíveis como formas habituais, progressivas e de futuro nos crioulos do Cabo Verde e Senegâmbia. Esse padrão se replica também em crioulos americanos, sendo visível em palenquero (*Nina ta besándo é*) e papiamentu (*Huan ta kanta tur dia*), e em crioulos asiáticos (diu *Ryan ta lâbe biskit*) e mesmo em crioulos ostensivamente de base espanhola (chabacano *Ta cumi hamon el hombre*). Ao mesmo tempo, os crioulos de Guiné e São Tomé e Príncipe apresentam um padrão divergente, utilizando-se de outros morfemas, ainda que esses realizem funções similares (Santome *bô ka kume*, Angolar *Thuba thêka thôbe*, Principense *ina sa kume*). A amplitude geográfica dessas construções, aliada à presença de outros morfemas de base portuguesa em crioulos atlânticos (HOLM, 2004) indica uma ampla expansão do português através do sistema de tráfico atlântico, assim como uma alta popularidade de formas de estar + gerúndio e estar + infinitivo preposicionado entre falantes do período. O resultado dessas cadeias de transferência oferece, portanto, uma possível janela para a situação da ecologia linguística da língua portuguesa durante o período do Império Colonial Português.

Palavras-chave: crioulos portugueses; contato; ecologia linguística.

A LITERATURA ENQUANTO MIMESIS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA E REFLEXIVA DO LIVRO “O CONDE DE MONTE CRISTO”

Jennyffer Stheffanny Pereira da Silva

Partindo do conceito aristotélico de *mimesis*, isto é, da concepção da Literatura enquanto representação da realidade, e dos princípios que constituem a Semiótica de linha francesa, a presente pesquisa visa a analisar a construção do livro *O Conde de Monte Cristo*, escrito por Alexandre Dumas e publicado entre 1844/1846, pois é um romance que vai além da narrativa de aventura, consistindo em um elucidar contemplativo sobre as relações humanas e que merece ser explorado com mais minuciosidade no que concerne os fundamentos que regem a Semiótica e suas estruturas constitutivas, já que neste seguimento podemos encontrar uma teoria textual que apreende as atividades humanas – a ação do homem sobre a natureza e sobre outros homens –, a busca por objetos e valores, as realizações persuasivas e/ou manipulativas de contratos, assim como, as paixões/estados de alma que integram os sujeitos. À vista disso, para tais investigações, serão examinadas desde as modulações no nível tensivo e as oposições semânticas pelo quadrado semiótico no nível fundamental, passando pelas etapas de manipulação, ação e sanção dos actantes no plano narrativo, o universo passional na dimensão patêmica, e, finalizando assim na conversão discursiva, frisando principalmente na figurativização dos conteúdos e na tematização pelo auxílio dos recursos de isotopia e iconização que perpassam a obra e compõem a história semanticamente. A pesquisa se faz necessária para perscrutar como a semiótica se correlaciona com a literatura, enriquecendo-a enquanto um mecanismo crítico, reflexivo e sensível da sociedade, sobretudo sob o viés do percurso gerativo da significação e do embasamento em influentes teóricos semioticistas, como Bertrand, Fontanille, Greimas e Zilberberg.

Palavras-chave: literatura; semiótica narrativa; semiótica discursiva; paixões; reflexão; percurso gerativo da significação.

OS VERBOS NO KIPEÁ, FAMÍLIA KARIRI

Jéssica Natália Souza Cardoso

As pesquisas referentes às línguas indígenas brasileiras ainda são escassas, em especial as nativas do nordeste brasileiro. E é neste contexto que se insere o kirirí-kipeá, língua constituinte da família Kariri, tronco Macro-Jê. O objetivo do presente trabalho é descrever o funcionamento da categoria dos verbos do kipeá. Para tal análise, utiliza-se o aporte teórico de autores estruturalistas como Saussure (1916), Sapir (1973), Mattoso Câmara (1965), entre outros. A metodologia desta investigação é de caráter comparatista, pois se confronta o kipeá com o dzubukuá, sua língua-irmã; e bibliográfica, em que são fundamentais para a construção deste trabalho o catecismo e a gramática produzidos pelo Pe. Mamiani, estudioso da língua, nos anos de 1698 e 1699, respectivamente. O material a respeito do dzubukuá é o catecismo escrito pelo Pe. Nantes, edição de 1896 (produzida em 1709), e os estudos produzidos por Queiroz (2008; 2012), em que se recortaram todos os verbos e suas variações, nos contextos de uso. Este trabalho se justifica por ser uma contribuição à etnolinguística, área que investiga a relação das línguas com a cultura das pessoas, pois representa um esforço para preservação da identidade de um povo que resiste para manter o pouco que resta de sua língua materna.

Palavras-chave: kipeá; verbos; linguística comparativa.



EXEMPLO PRÁTICO DO NATURALISMO WITTGENSTEINIANO: OS QUASE-EXPERIMENTOS EM TOMASELLO

Joana Bortolini Franco

Meu trabalho consiste em um exame crítico da teoria de Michael Tomasello a partir de uma perspectiva inspirada na filosofia de Ludwig Wittgenstein. Trata-se de uma posição filosófica naturalista, porque propicia uma relação construtiva entre as ciências e a filosofia na compreensão do ser humano, em suas dimensões biológica, mental e social, como parte da natureza. A inspiração wittgensteiniana consiste em assumir uma postura não-teórica, não-explicativa, baseada na descrição do uso dos conceitos e na construção de situações comparativas, para tornar evidentes fatos que podem passar despercebidos, quando lançamos um olhar teórico sobre os fenômenos que nos interessam. Nesta apresentação, pretendo exemplificar essa abordagem com um experimento usado por Tomasello para sustentar sua teoria. O experimento testava a hipótese de que crianças de 14 meses compreendem a intenção comunicativa por trás de gestos de apontamento. Foram criadas uma situação experimental, em que um adulto indicava com o dedo o local de um brinquedo, e uma situação controle, em que o adulto esticava o dedo acidentalmente em direção ao brinquedo. O objetivo era separar o fenômeno concreto observável – o dedo esticado – do fenômeno mental privado – a intenção comunicativa –, e fazer da intenção a variável a ser testada. Mas não é a presença/ausência de intenção que distingue as duas situações, e sim todo o pano de fundo prático que as sustenta. A pressuposição teórica de que um estado ou processo mental é necessário para explicar a compreensão do gesto impediu a visão, por parte dos experimentadores, do cenário que eles mesmos montaram para testar as crianças. Eliminou-se, assim, o fenômeno que se queria explicar, aquilo que, na vida cotidiana, estaríamos dispostos a chamar de “ter a intenção de mostrar o brinquedo,” como algo diferente de “esticar o dedo acidentalmente”. Como consequência, o único resultado possível do experimento era a confirmação da hipótese.

Palavras-chave: Wittgenstein; Tomasello; psicologia experimental; interdisciplinaridade.

O TEXTO NO CIBERESPAÇO: INVESTIGAÇÕES ACERCA DE UMA NATUREZA TEXTUAL DOS PERFIS

João Furio Novaes

Durante a segunda metade do século XX, lentamente construídas e pensadas em laboratórios e centros de pesquisa, as tecnologias que orbitam o campo do trato da informação foram sendo gestadas como uma abstrata promessa que engendrava em si todo um futuro de paradigmas próprios e repleto de incertezas. A fundação do ciberespaço e a posterior conquista do mesmo (ainda em vias de plena concretização), alteraram imperativamente o curso da história da humanidade, possibilitando a prospecção de uma realidade que até então se nos afigurava como meramente especulativa, densa sim em sua concretude de potencial, porém absolutamente disforme, desorganizada e invisível, algo que, embora real em sua virtualidade, encontrava-se ainda em um estágio estrangido à sua ausência de forma. No entanto, no nada, o verbo, a semiose e a computação convergiram em um esforço fundador desse plano, em um movimento que hoje se pode constatar como tendo sido fruto direto do surgimento de ferramentas (todos os pontos materiais de acesso ao ciberespaço, como computadores, *smartphones*, etc) que possibilitaram uma interação sensível com essa dimensão essencialmente simbólica. A presente pesquisa é dedicada a um esforço de compreensão acerca de uma possível natureza textual de parte do corpo dessa nova e disruptiva esfera da interação humana, os perfis, aqui restritos à sua forma no Facebook, por meio da qual se buscará indícios de uma composição de sua estrutura constituinte que permitam analisá-los tal qual se analisam textos sincréticos por meio do ferramental metodológico já presente hoje no corpo teórico da análise semiótica de linha francesa, e a fim também de contestar a atual compreensão que a plataforma da empresa Meta possui sobre o que seriam perfis, segundo a empresa, apenas um local para compartilhamento de informações sobre si, e não um todo de sentido passível de ser reconhecido como um texto da contemporaneidade.

Palavras-chave: perfil; texto; Facebook; semiótica.

SOLETRAÇÃO MANUAL E ARTICULAÇÃO BUCAL DE PALAVRAS CO-EMERGENTES EM UMA CONVERSA SINALIZADA

João Paulo da Silva

Em conversas em libras, quando é necessário expressar um determinado conceito para o qual não haja um sinal convencional amplamente consolidado, uma das estratégias usadas é fazer uso do alfabeto manual para soletrar palavras do português correspondentes a tais conceitos. Nessas situações, a soletração manual pode ser acompanhada ou não de ações de boca que se assemelham à articulação bucal da palavra que está sendo soletrada manualmente. Tomando como base a noção de língua como ação co-operativa (GOODWIN, 2018), o entendimento neste trabalho é o de que as ações manuais e bucais co-emergem como uma unidade comunicativa em que as ações de diferentes partes do corpo de um sinalizador e as ações do corpo do interlocutor se co-constituem em uma dinâmica intra e intercorporeada. A partir da análise de uma conversa entre dois surdos fluentes, o objetivo é explicitar os elementos de que eles se valeram de modo a propiciar a co-emergência de ações das mãos e da boca. A primeira ocorrência analisada será aquela em que um dos sinalizadores realiza o sinal manual FÍSICA, sem, contudo, ser entendido por seu interlocutor, que demonstra seu não entendimento a partir da ação facial de enrugar a fronte enquanto repete o sinal FÍSICA. Quando isso acontece, o sinalizador imediatamente soletra manualmente a palavra em português e articula bucalmente a palavra “física”. Em outra situação de soletração em que o interlocutor está demonstrando entendimento ao acenar afirmativamente com a cabeça, as ações bucais não são empregadas. O argumento é o de que as ações do interlocutor, demonstrando entendimento ou não, participam da co-emergência das ações bucais simultâneas à soletração manual. Os dados foram extraídos de uma conversa de vinte minutos do corpus do LLICC (Laboratório ‘Linguagem, Interação, Cultura e Cognição’/FFLCH-USP), transcrita segundo o modelo de transcrição proposto por McCleary, Viotti e Leite (2010).

Palavras-chave: ações bucais; soletração manual; ação co-operativa; co-emergência; libras.

**ESTUDO DIACRÔNICO DE NEGAÇÕES EM LÍNGUAS TUPI: REANÁLISES
SINTÁTICO-SEMÂNTICAS**

João Paulo Fernandes Bento

O estudo de negações em línguas Tupi ainda é escasso e se limita à descrição de determinadas línguas (STORTO, 2018; SINGERMAN, 2018), ou então comparações tipológicas (DIETRICH, 2017). Ao analisar subordinações, Bento (2019) se deparou com uma miríade de construções muito diferentes, dentre estas algumas negativas, que formavam um contínuo diacrônico a ser analisado. Chamou atenção uma estratégia diacrônica de nominalizar um verbo antes de negá-lo, com vestígios morfológicos em pelo menos cinco línguas. Singerman (2018) afirma que, em tupari (ramo Tupari), não é possível negar sem que a construção em que a negação se encontra seja uma nominalização. Nesta língua, o morfema negativo é {-ʔom-}, que ocorre junto de nomes, ou do nominalizador {-ro-}. Outros dados sintáticos de línguas como o negativo {-padn-}, do karitiana (ramo Arikém) (STORTO, 2017); {-ap}, do sakurabiat (GALÚCIO, 2001; ARRAIS; GALÚCIO, 2021); e {-rõm} e {-ap nẽ}, do wayoro (NOGUEIRA, 2011; 2019) (ambas línguas ramo Tupari) remetem aos dados em que Singerman baseia sua argumentação, tanto pela fonologia semelhante, quanto por comportamentos sintático-semânticos semelhantes, o que nos faz hipotetizar que, diacronicamente, estas línguas se negavam com auxílio de nominalização. Já Dietrich (2017) fornece dados de um diverso grupo de línguas Tupi em construções negativas, com dois morfemas de formas {nṼ}, e principalmente {-ʔṼ}, às vezes ambos na mesma construção da mesma língua, às vezes apenas um presente na língua. Se dá destaque principalmente à função privativa com a forma {-ʔṼ} presente em tupari, mundurukú, yudjá e línguas Tupi-Guarani. O conjunto das formas se assemelham muito com as formas consideradas em tupari, karitiana e wayoro, o que pode demonstrar dois processos de gramaticalização ocorrendo por uma série de reanálises semânticas (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 68-88) em algumas línguas Tupi. Essa exposição inicial pretende ser a base da análise de outros fenômenos subordinativos em línguas Tupi, com base em uma análise de sintaxe diacrônica que permita comparar as construções das línguas e estabelecer relações históricas entre elas.

Palavras-chave: comparação sintática; comparação diacrônica; negação; nominalização; subordinação; reanálise.

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DE SENTENÇAS
DISJUNTIVAS COM “OU” A PARTIR DE DADOS DE PRODUÇÃO DE CRIANÇAS
E ADULTOS**

Jonathan Silva Torres

Na literatura, há uma divergência de conclusões sobre a compreensão de sentenças disjuntivas com “ou” – ou seu equivalente, em outras línguas – por crianças. Há trabalhos que reportam que o comportamento linguístico infantil se difere do adulto, alegando que, enquanto os adultos apresentam leituras exclusivas em contextos em que essa interpretação é esperada, as crianças parecem compreender o “ou” como “e”, ou seja, não só não apresentam leituras inclusivas, mas interpretam o conectivo como se fosse uma conjunção (SINGH *et al.*, 2016; TIEU *et al.*, 2017). Entretanto, os resultados de trabalhos mais recentes vão na contramão, apontando que o comportamento linguístico infantil não difere do adulto (*i.e.*, as crianças não entendem “ou” como “e”), sendo sugerido pelos autores que o desenho experimental tem papel crucial para explicar os contrastes encontrados (SKORDOS, 2020; JASBI; FRANK, 2021). Há também a postulação de alguns universais linguísticos (CRAIN, 2008) que são observados em sentenças disjuntivas com “ou” (*e.g.*, a negação não-local em sentenças disjuntivas licencia interpretações conjuntivas). Ainda que a discussão sobre a compreensão de sentenças disjuntivas por crianças seja bastante produtiva e conte com resultados distintos, pouco se sabe sobre sua produção. Em Morris (2008), os resultados indicaram que, na produção espontânea, o número de usos de “ou exclusivo” (para o inglês) é significativamente mais frequente ($p < .01$) do que os usos inclusivos, tanto pelas crianças quanto pelo que é encontrado no *input*. Analisamos 359 sessões gravadas de fala espontânea de onze crianças (2;0–8;0) e setenta adultos, e encontramos um total de 833 ocorrências de “ou” na fala adulta e 57 na fala infantil. Nossos resultados apontam que o “ou exclusivo” é mais frequente do que o uso inclusivo para os dois grupos (75% para os adultos e 91% para as crianças). Nossos resultados, como esperado, foram compatíveis com os encontrados no inglês, assim como a idade de emergência das estruturas sendo disjuntivas. Além disso, nossos resultados são complementares aos trabalhos mais recentes de compreensão, indicando que as crianças produzem/compreendem “ou exclusivo”, assim como seu significado inclusivo.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; disjunção; produção espontânea; semântica; pragmática.



MORFOSSINTAXE DA NEGAÇÃO EM JAPONÊS: UMA ABORDAGEM NÃO LEXICALISTA

Jorge Willian Pedroso

O presente trabalho trata da morfossintaxe da negação em japonês, que será observada no contexto do que é denominado pela literatura linguística do japonês como predicado morfologicamente complexo (cf. MIYAGAWA, 1980; KAGEYAMA; KISHIMOTO, 2016). Por enquanto, essa pesquisa está focada em predicados negativos não formais (e.g. *kaku* ‘escrever’; *kak-anai* ‘não escreve’; *taberu* ‘comer’; *tabe-nai* ‘não come’), deixando para desenvolvimentos futuros os predicados negativos formais (e.g. *kakimase-n* ‘não escreve’; *tabemase-n* ‘não come’). Nosso objetivo é revisitar as análises tradicionais sobre a formação desses predicados morfologicamente complexos que contenham o marcador de negação sentencial e propor uma alternativa de análise com uma abordagem não lexicalista. Seguindo os trabalhos de Shibata (2015), Kobayashi e Fujita (2016) e Kishimoto e Uehara (2016), proporemos uma análise baseada no arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (cf. HALLE; MARANTZ 1993, 1994; EMBICK; NOYER, 2001, 2007). Sendo a Morfologia Distribuída uma teoria realizacional, em nossa proposta de análise, assumiremos que o expoente fonológico *-(a)na-* é inserido pós-sintaticamente no nó terminal sintático do marcador de negação do japonês. Assumimos que esse marcador de negação é um elemento funcional que não é composto por uma raiz e um categorizador. Isto é, o núcleo da projeção NegP, uma categoria funcional que comporá o predicado verbal morfologicamente complexo negado, é realizado pelo expoente fonológico *-(a)na-*. Com essa assunção, refletimos o que se observa empiricamente, ou seja, que esses predicados verbais negados não se comportam como adjetivos. Com isso, colocamos em questão o caráter adjetival que é comumente atribuído ao marcador de negação sentencial do japonês na literatura tradicional sobre o tema, literatura essa em que o marcador seria um item lexical adjetival.

Palavras-chave: negação; Predicado Morfologicamente Complexo; Morfologia Distribuída.

AValiação DO (PRÉ-)TREINAMENTO DE MODELOS DE QA NA EXTRAÇÃO DE RESPOSTAS BASEADA EM CORPUS A PARTIR DE PERGUNTAS QU-

José Roberto Homeli da Silva

Esta comunicação visa a apresentar o projeto de mestrado sobre o estudo de sistemas de perguntas e respostas (do inglês *question answering*, doravante QA), em português brasileiro. Pretende-se focar na tarefa de recuperação de informações (do inglês *information retrieval*). O procedimento inicial será usar vetores densos (preferencialmente por meio do algoritmo *Word2Vec* ou, alternativamente, *GloVe*) para auxiliar na extração de informação de documentos, fundamental à tarefa de QA. Para tal, elencam-se duas formas de trabalho, sendo ambas exploradas ao longo da pesquisa:

(a) Por meio do uso de um modelo pré-treinado: tendo como entradas do algoritmo (i) o modelo, (ii) a pergunta *QU*- e (iii) o documento em que conste a resposta. Com isso, faz-se o pré-processamento da pergunta a fim de estabelecer a categoria (pessoa, lugar, tempo...) a partir do pronome e da palavra nuclear da questão (exemplo: “Quem era o parceiro de Sherlock Holmes?” → “Quem” → PESSOA). Com essa informação, extraem-se do documento todos os *tokens* dessa categoria usando o *spaCy* para classificação das entidades nomeadas, viabilizando uma lista com entidades de mesmo tipo (exemplo: ['Watson', 'Bono', 'Mickey Mouse']). Enfim, o *Word2Vec* permitirá calcular a associação contextualmente mais forte em relação ao alvo para todas as entidades da lista, considerando a relação que aparece no predicado (no caso, “parceiro”), culminando na resposta esperada. O próprio modelo conta com as informações classificatórias para a tarefa.

(b) Em contraste com os modelos pré-treinados, vamos treinar os modelos, nós mesmos, com os documentos usados em QA e avaliá-los, a fim de determinar se o ajuste fino do treinamento poderia aumentar a acurácia do modelo.

Palavras-chave: linguística computacional; perguntas e respostas; recuperação de informações; *word embedding*.

ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO EM AUDIÊNCIAS DE INSTRUÇÃO E JULGAMENTO: UM ESTUDO DE VARIAÇÃO NO CONTEXTO FORENSE

José Vagner da Silva

A indeterminação do sujeito é um fenômeno marcado pela variação no português brasileiro. Trata-se, na verdade, de uma variável linguística cujas variantes representam uma diversidade de formas responsáveis por tornar imprecisa a interpretação do sujeito sintático em determinados contextos sociocomunicativos. De modo geral, a indeterminação se dá i) pelo uso do “se” como partícula que indetermina o sujeito ou pela ocorrência de verbo na terceira pessoa do plural, nos termos da tradição gramatical; ii) no uso dos pronomes pessoais “nós”, “eles”, “a gente” e “você”, quando assumem a função semântica de generalizar o referente; iii) pela preferência a uma categoria vazia, chamada “zero” por alguns autores; iv) por meio de pronomes indefinidos como “alguém” ou pelo uso de sintagmas nominais como “a pessoa”. O objetivo geral desta proposta de pesquisa é descrever a variação das formas de indeterminação do sujeito na fala de acusados/réus, vítimas e juízes assim posicionados no contexto de audiências de instrução e julgamento. Para tanto, faremos uma pesquisa de campo em fóruns da cidade de São Paulo, a partir da qual as falas dos agentes mencionados serão gravadas, de modo a obtermos os dados linguísticos necessários à pesquisa. Além disso, faremos uma análise de dados de base quali quantitativa, já que interessa tanto a frequência de uso das variantes linguísticas da indeterminação e as correlações que elas estabeleçam com as variáveis sociais previamente definidas quanto a interpretação das frequências e do entrecruzamento das variáveis linguísticas e sociais no contexto observado. Tendo em vista os pressupostos teóricos e metodológicos definidos em Labov (2008), Bravin (2012) e Oushiro (2014), especialmente, as hipóteses desenvolvidas e a literatura que discorre sobre o fenômeno em estudo serão revisitadas, confrontadas e devidamente consideradas na interpretação dos resultados estatísticos obtidos.

Palavras-chave: indeterminação do sujeito; linguística forense; sociolinguística; variação.

SEMIÓTICA DAS PAIXÕES: ESTUDO SOBRE A MELANCOLIA

Joyce do Nascimento Lopes

Em nossa comunicação, pretendemos mostrar o que temos elaborado na pesquisa de doutorado, bem como delinear perspectivas futuras. Trata-se de um trabalho ainda em construção cuja finalidade é desenvolver um estudo sobre a melancolia na concepção da Semiótica das Paixões. O interesse dessa vertente de estudos dirige-se para o percurso no qual o sujeito ocupa diferentes posições passionais, tendo em vista entender estados de alma de diversas denominações, tais como amor, ódio, indiferença, medo etc. Nossa análise intenciona evidenciar as qualificações modais que determinam o sujeito melancólico a fim de elaborar uma definição semiótica da melancolia, fazendo uso também dos avanços da Semiótica Tensiva, que trouxe o afeto e a subjetividade para o centro das discussões sobre o sentido. Por ora, objetivamos partir da definição freudiana de melancolia, que seria a reação à perda de um objeto amoroso possuidor de enorme significado para o sujeito (FREUD, 2011 [1914]). Assim, escolhemos o ensaio *Luto e melancolia* (FREUD, 2011 [1914]) como um de nossos objetos de investigação. Acreditamos poder observar em Freud pontos de vista passíveis de serem entendidos semioticamente a partir das noções de existência semiótica, valor e modalização do ser. Consideraremos, pois, paixões como efeitos de sentido resultantes das relações inteligíveis e sensíveis, ou seja, como complexo modal e tensivo. Almejamos, dessa forma, explicar como é engendrado o estado de alma melancólico em suas especificidades.

Palavras-chave: semiótica; paixões; tensividade; melancolia; sujeito.



O SISTEMA VOCÁLICO INFANTIL: A AQUISIÇÃO DA NASALIZAÇÃO

Júlia Lessa dos Santos

Este projeto tem como intuito tratar da aquisição do processo de nasalização, utilizando dados de duas crianças gravadas de 1;0 a 3;5 provenientes do Banco de dados *A aquisição do ritmo em Português Brasileiro - Processos de Ancoragem* (SANTOS). Para entender melhor este processo, vamos comparar os resultados de uma criança monolíngue em português com uma criança bilíngue de uma língua em que a vogal nasal não é produzida. O processo de nasalização ocorre quando a vogal é produzida nasalizada por conta da consoante que vem depois, ou na mesma sílaba (chamada de tautossilábica) ou em uma sílaba diferente (chamada de heterossilábica). Para que o processo ocorra, é necessário a aquisição das vogais, das nasais, e a criança ter posição silábica relevante. Rangel (2002) e Matzenauer & Miranda (2009) indicam que o sistema vocálico do português estaria adquirido já aos 1;8. Já quanto às consoantes, Mezzomo e Menezes defendem que a ordem de aquisição é “plosivas/nasais > fricativas > líquidas.” (2006, p. 695). Santos (1998) mostra que durante o primeiro ano as primeiras estruturas silábicas que podem ser observadas são CV e V. Dentro da construção silábica os segmentos nasais /m/ e /n/, adquiridos entre 1;6 e 1;8 segundo Freitas (2004), podem ocupar a posição de ataque absoluto, medial e coda, enquanto o segmento /ɲ/, estabelecido posteriormente, ocupa apenas a posição de ataque medial. Nós procuramos observar como a criança adquire a nasalização: se ela erra a direção (progressiva ou regressiva), se ela desde cedo obrigatoriamente aplica a nasalização em sílabas tônicas, se há alguma direção (de aplicação ou não) em sílabas átonas, em que a nasalização é opcional, e se há diferença entre a nasalização heterossilábica ou tautossilábica. Espera-se poder determinar quais são os estágios e em qual período a aquisição é realizada e se há diferença da aquisição da nasalização em uma criança bilíngue, frente a uma monolíngue.

Palavras-chave: aquisição da linguagem; nasalização; vogais; nasais.

**UMA DESCRIÇÃO DA ECOLOGIA SEMIÓTICA EM QUE EMERGIRAM
PINTURAS RUPESTRES EMBLEMÁTICAS DA SERRA DA CAPIVARA, PIAUÍ**

Julia Scheunemann Whitaker

O projeto de pesquisa aqui apresentado visa a investigar a ecologia semiótica em que emergiram as pinturas rupestres encontradas na região do Parque Nacional Serra da Capivara, no Sudeste do Piauí. O estudo assenta-se sobre os pressupostos teóricos e as discussões propostas no âmbito da área de estudos linguísticos, culturais e interacionais da Semiótica das Interações (GOODWIN, 2018, entre outros), concentrando-se em investigar como, ao longo de milhares de anos, materiais diversos podem ter sido oportunisticamente mobilizados no processo de pintar as rochas, trazendo à tona novas técnicas, novas ações e novos fenômenos sociocomunicativos. Assim sendo, a noção semiótica de *ação co-operativa*, proposta por Charles Goodwin (2018), será usada para descrever a pintura como uma ação dinâmica e complexa, ao tomar os desenhos do *corpus* selecionado – também conhecidos como “emblemáticos frente-perfil” – como padrões que emergiram por meio de um sistema de *ações co-operativas* e que se tornaram disponíveis para ser reusados por outros atores em novas ações. O projeto tem como objetivo, então, construir hipóteses acerca dos diversos recursos envolvidos nessa ecologia semiótica e descrever como a pintura se organiza de forma distribuída no tempo e entre seus diversos elementos constitutivos, sendo co-constituída enquanto um objeto semiótico específico para os participantes situados nas interações. Com isso, o estudo busca lançar luz à natureza dinâmica, corporeada e situada da semiose e das interações sociocomunicativas de modo geral, dimensões estas que muitas vezes são deixadas de lado nas perspectivas hegemônicas a respeito do significado. Para tanto, além de trabalho de campo, a pesquisa se valerá de um corpo extenso de estudos interdisciplinares, sobretudo arqueológicos, a respeito de objetos diversos relacionados a região do Parque e aos sítios arqueológicos, bem como de abordagens neopeirceanas do signo, como trabalhadas por Kockelman (2013) e outros autores.

Palavras-chave: interação; semiótica das interações; ação co-operativa; pintura rupestre; semiose.

A EMERGÊNCIA DO SIGNIFICADO COMO EFEITO DA AÇÃO CO-OPERATIVA ENTRE O LEITOR E O TEXTO

Juliana Ángel-Osorno

O estudo da marginália revela as interações do leitor com o autor, o narrador e as personagens, evidenciando que as interações na leitura atravessam todos os níveis narrativos, ao invés de se ater a apenas um deles. Nesta pesquisa, a marginália se entende como uma série de registros das reações por parte do leitor, que emergem durante a leitura, de maneira que ele possa cumprir seu trabalho de leitura. A leitura está sendo entendida como trabalho no sentido de que, como qualquer outra atividade cotidiana, ela precisa de atenção; o leitor tem que estar engajado no processo da leitura e tem que trabalhar de modo a completar a tarefa com sucesso (GARFINKEL, 1967; LIVINGSTON, 1995). A análise dos dados mostra como a emergência do(s) significado(s) dos textos se dá na ação co-operativa (GOODWIN, 2018) do leitor com o texto, e como esse(s) significado(s) emergente(s) modifica(m) e integra(m) esse processo de co-operação. A marginália é entendida como um registro — ou como vestígios — desse processo de interação do leitor com o texto e dos significados que emergem conforme a leitura avança. Nessa ocasião, apresentarei dados coletados no *corpus* construído para a pesquisa, que consta de 412 anotações em espanhol, português e inglês, feitas por seis leitores em sete livros de ficção escritos nessas línguas. A observação dos dados, incluindo comentários, perguntas, exclamações, referências intertextuais, setas e *emoticons*, informou a criação de algumas categorias analíticas que serviram para organizar o material.

Palavras chave: marginália; ação co-operativa; emergência; leitura de ficção.

TRANSFERÊNCIAS DE TRAÇOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS: OS SOTAQUES ESTRANGEIROS NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Juliana Barbosa

Esta pesquisa se insere nos estudos que tratam da fonologia do Português Brasileiro (PB), sendo conduzida na interface de dois domínios teóricos: o das propriedades acústicas e articulatórias que motivam regras e processos fonológicos, bem como o papel dos traços distintivos na formação dos inventários sonoros (conf. DRESHER, 2003; 2009); a aquisição de uma língua adicional e as possibilidades de formação de novas hierarquias de traços fonológicos nesse processo. Os dados analisados serão obtidos pela gravação de entrevistas a estrangeiros residentes no Brasil, falantes de Português como Língua Adicional (PLA), e seguirão procedimentos metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972). Nossa pesquisa busca responder dois problemas centrais: quais são os aspectos segmentais e suprasegmentais de outras línguas transferidos para o PB? Por que os sotaques estrangeiros resistem ao tempo e ao *input*, ainda que o aprendiz esteja imerso na Língua Estrangeira (L2)? Especificamente, analisamos a aquisição de: (i) os róticos e suas variantes dialetais, bem como em contexto onde há contraste lexical: /fɔ.ra/ vs. /fɔ.xa/, por exemplo; (ii) vogais nasais, sobretudo aquelas com valores distintivos, como em /siN.to/ vs. /si.to/; (iii) aspectos suprasegmentais que regem processos fonológicos (regras de vozeamento e nasalização) e a prosódia. A partir de análises fonéticas de gravações em L1 e L2, e da percepção dos falantes nativos de PB, mapearemos transferências fonéticas e fonológicas que estão associadas aos sotaques de falantes nativos de inglês, francês e espanhol. Os resultados estatísticos serão analisados à luz da Hierarquia Contrastiva de Traços - HTC (DRESHER, 2003; 2009).

Palavras-chave: aquisição de Língua Estrangeira (L2); Português como Língua Adicional (PLA); aquisição fonológica; hierarquia contrastiva de traços.

A PERCEPÇÃO E A PRODUÇÃO PROSÓDICA DE ORDENS, PEDIDOS, SÚPLICAS E AMEAÇAS EM DIÁLOGOS REAIS E ENCENADOS

Kamunjin Tanguete

Atos de fala (AUSTIN, 1960; SEARLE, 1962) são fenômenos importantes para a compreensão de processamentos linguístico-pragmáticos em situações conversacionais, pois são responsáveis pela representação de crenças, desejos, querer, entre outros estados psicológicos (SEARLE, 1983). A prosódia é bastante relevante nesse processo, pois ela permite que os interactantes diferenciem um pedido de uma ordem, uma afirmação de uma declaração, uma ordem de um chamamento etc. Pretendemos, nesta pesquisa, verificar se atuentes cênicos percebem, em textos falados e escritos (em diálogos criados de modo verossímil aos diálogos reais), atos do tipo súplica, pedido, ordem e ameaça (SEARLE, 2002), através de testes de percepção via Escala Likert, em que haverá avaliação da percepção do falante acerca da prosódia desses atos. Intencionamos verificar essa percepção em dois momentos de exercícios cênicos: *antes e depois* de uma intervenção didática teórico-prática que chamaremos de Treinamento Metalinguístico-cognitivo-pragmático, na intenção de verificar se há alguma alteração na produção desses atos pelos participantes. Como aporte teórico, usaremos a Teoria dos Atos de Fala (JOHN SEARLE, 1981, 2002), a Análise da Conversação (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006) e os conceitos de metalinguagem e percepção metalinguística de diversos estudos (GIUSTINA, 2008; ACUÑA, 2004, CORREA SICURO, 2006). A coleta de dados antes e depois da intervenção será realizada com a gravação das produções e com a realização de Testes de Percepção (Escala Likert). Usaremos, para as análises das marcações prosódicas, a pesquisa desenvolvida por Tomasso Raso e Heliana Mello (UFMG), no C-ORAL Brasil (disponível em <http://www.c-oral-brasil.org/>). Esperamos poder verificar como esses falantes-atuentes percebem quais elementos prosódicos estão presentes em atos diretivos tanto em diálogos reais quanto nos escritos (ORECCHIONI, 2006) e como se dá sua produção, principalmente, nos diálogos escritos, em que não há o recurso prosódico para orientar a percepção do falante.

Palavras-chave: prosódia; atos diretivos; percepção; produção; análise conversacional.

**UMA BREVE COMPARAÇÃO DE ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SINTÁTICOS
COMO EVIDÊNCIA PARA A HIPÓTESE DE CLASSIFICAÇÃO INTERNA DO
TRONCO TUPI**

Lara Focesi Wolski

O presente trabalho pretende analisar alguns fenômenos sintáticos e morfológicos de línguas Tupi dos ramos Oeste e Leste, conforme proposto por Rodrigues (2005; 2007) e Rodrigues e Cabral (2002; 2012). O trabalho inclui dados das seguintes línguas e famílias: Karitiana (família Arikém); Wayoro, Tupari e Mekéns (família Tupari); Gavião e Suruí (família Mondé); Karo (família Ramarama) – todas do ramo Ocidental –, Xipaya e Juruna (família Juruna); Sateré-Mawé (família Mawé); Aweti (família Aweti); Munduruku (família Munduruku) – todas do ramo Oriental. De acordo com Storto (2017), é importante comparar o caso, a ordem de constituintes e a estrutura argumental dessas línguas para verificarmos evidências da proximidade entre elas. Os morfemas subordinadores e nominalizadores das orações adverbiais também serão brevemente descritos. O prefixo {i-} e o seu cognato {y-} serão analisados nessas línguas para verificarmos a possibilidade de hipotetizar que houve contato linguístico ou proximidade genética entre elas, em um estudo diacrônico. Desse modo, podemos usar esses argumentos como evidências que corroboram ou não a hipótese de classificação interna do tronco linguístico Tupi, proposta por Rodrigues. Anteriormente, as línguas do ramo Oeste foram as mais estudadas pela autora deste trabalho, mas não é possível demonstrar a validade do suposto ramo Oeste sem apresentar também os dados referentes às línguas do suposto ramo Leste, e é por esse motivo que as famílias dos dois ramos serão aqui analisadas.

Palavras-chave: tronco Tupi; sintaxe; morfologia.

“TESTAR POSITIVO” OU “TESTAR NEGATIVO”: UM CASO PANDÊMICO NA SINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Lara Oliveira Vacaro

Em meados do mês de março de 2020, países de todo o mundo foram surpreendidos com a rápida disseminação do novo coronavírus, que deu origem à doença denominada Covid-19, situação que afetou diversos âmbitos da sociedade, incluindo a linguagem. Como exemplo da influência pandêmica na língua portuguesa do Brasil, sentenças como (1) *100 pessoas testaram positivo para covid-19* e (2) *ela testou negativo*, já utilizadas nas esferas da saúde e do esporte, passaram a ocupar um espaço considerável no dia a dia do brasileiro, sobretudo em textos jornalísticos. Linguistas, como Bagno (2020), afirmam que este seria um fenômeno causado pelo decalque do inglês *to test positive*, o que não nos parece suficiente para explicar essas construções. Este trabalho se propõe a analisar, a partir de um modelo gerativista da linguagem, mais especificamente a morfologia distribuída, o comportamento morfossintático e que tipo de relação os adjetivos *positivo* e *negativo* têm com o verbo *testar* em sentenças como (1) e (2). Para tanto, serão considerados trabalhos que discutem o uso adverbial de adjetivos (LEUNG, 2007) e de predicados pseudo-resultativos (LEVINSON, 2010). Finalmente, tendo como base estudos sobre predicação secundária (FOLTRAN, 2000; BERTON, 2019), discutiremos a possibilidade de *para covid-19* ser complemento implícito em sentenças como (1).

Palavras-chave: morfossintaxe; morfologia distribuída; adjetivos adverbiais; predicado pseudo-resultativo.

FIGURATIVIDADE E ESTETICISMO NO ROMANCE PROLETÁRIO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA EM CAPITÃES DA AREIA

Leandro Lima Ribeiro

Esta proposta apresenta os resultados preliminares do estudo Política, Ideologia e Direitos Humanos em *Capitães da Areia*: uma abordagem semiótica. Nesse recorte, examinamos, do ponto de vista da semântica discursiva, os procedimentos de figurativização no romance em estudo. Três são os objetivos: a) compreender como a dispersão da figuratividade associa-se às determinações ideológicas e sócio-históricas; b) explicar como a utilização de certas figuras desencadeia determinados efeitos de sentido e parâmetros estéticos próprios do romance social ou proletário; c) analisar a coerência semântica do discurso, os estereótipos, os preconceitos e a dimensão argumentativa desenvolvida na obra. Nosso exercício de análise tem como *corpus* um conjunto de textos onde se evidenciam conflitos e situações de crise entre os sujeitos marginalizados e a sociedade burguesa brasileira da década de 1930. Do ponto de vista teórico-metodológico, essa discussão ancora-se nos pressupostos da semiótica greimasiana, em especial nos estudos de Bertrand (2003), Barros (2004), Fiorin (2018) e Blikstein (2020). Resultados preliminares mostram que a figuratividade em *Capitães da Areia* funciona como parâmetro de organização linguístico-discursiva, estética, corporal, topológica e simbólica, que visa à denúncia das desigualdades e dos mecanismos de exclusão. Nesse sentido, os temas e as figuras estão relacionados à oposição semântica fundamental entre liberdade da sociedade burguesa e opressão dos sujeitos marginalizados. Constroem-se, de um lado, os percursos temáticos e figurativos do requinte, da sofisticação e do luxo e, de outro lado, da pobreza, da animalização e da marginalização. Esse superdimensionamento está embasado nos eixos semânticos da verticalidade e superioridade quando relacionados ao regime de humanização e da horizontalidade e inferioridade quando associados ao regime de abjeção. Portanto, evidencia-se o esteticismo em relação à população em situação de rua por não evidenciar uma plasticidade corporal canônica, que contribui com a lógica de dupla estigmatização social: invisibilidade e ultravisibilidade.

Palavras-chave: Capitães da Areia; romance social; semiótica; figuratividade; esteticismo.

TEORIA TEMÁTICA E O ENSINO DOS VERBOS DO TIPO *GUSTAR*

Leiliane de Vasconcelos Silva

Esse estudo refere-se ao ensino dos verbos do tipo *gustar*, os quais se constituem de verbos de sentimentos que na posição de sujeito encontra-se a causa da emoção e na posição de completo o experienciador. Essa pesquisa se justifica pela dificuldade de alunos brasileiros, futuros professores de língua espanhola, de realizar a concordância sujeito e verbo ao empregar sentenças que contenham os verbos do tipo *gustar*. Assim sendo, pretendemos analisar como a teoria temática pode contribuir para o ensino desses verbos. Para isso: i) apresentamos a teoria temáticas; ii) listamos as incoerências apresentadas pelas gramáticas didáticas; e iii) comparamos os princípios da hierarquia temática com dados coletados das gramáticas didáticas da língua espanhola (LE) para justificar a organização estrutural dos verbos do tipo *gustar*. A metodologia empregada é do tipo bibliográfica uma vez que se fundamenta na proposta de hierarquia temática de Cançado (2003; 2005). Também apresenta característica descritiva porque partiu da caracterização do estudo dos verbos do tipo *gustar* em três gramáticas didáticas – Milani (2011), Fanjul (2005) e Moreno e Fernández (2012), indicadas para formação de professores de língua espanhola da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Ao analisar a hierarquia temática proposta por Cançado (2003; 2005), foi possível justificar as incoerências que as gramáticas didáticas não explicavam sobre os motivos do papel temático causa ocupar a posição de sujeito e o experienciador também se localizar no argumento externo.

Palavras-chave: ensino dos verbos do tipo *gustar*; teoria temática; verbos psicológicos; gramáticas didáticas da língua espanhola.

DISCURSO CONSPIRATÓRIO *ONLINE*: CONSPIRAÇÃO, CULTO E UR-FASCISMO NO ESPAÇO DIGITAL

Leonardo Reitano

Esta pesquisa apresenta os primeiros desenvolvimentos, a partir de conclusões estabelecidas anteriormente em projeto de mestrado, a respeito do “discurso conspiratório *online*”. Este discurso, em sua proposta atual, se refere às estratégias utilizada por usuários de fóruns e mídias sociais, para enunciar discursos de caráter pseudocientíficos e Ur-Fascistas – proposta de leitura da ideologia fascista, idealizada por Umberto Eco (2018) – bem como as estratégias para evitar que tais discursos possam ser devidamente sancionados pelos enunciatários. Num primeiro momento, serão discutidas as definições do que é um culto, a partir das leituras de Montell (2021), Simmel (1906) e Festinger, Riecken & Schachter (1956), e como tal definição pode ser considerada dentro do espaço digital. Num momento seguinte, serão analisadas as relações entre o discurso conspiratório – elemento de fundamental importância dentro do ambiente cultista – e o modelo Ur-Fascista, a partir dos trabalhos de Eco (1990; 1997), Demuru (2020; 2021), Maquiavel (1531) e Leone [org.] (2016). Por fim, esta leitura será contextualizada com algumas teorias a respeito do poder – já que a obtenção, manutenção e perpetuação do poder pode ser considerada uma das razões de ser do regime Ur-Fascista – através dos trabalhos de Foucault (1975), Han (2005; 2014) e Goffman (1963). Após estas observações iniciais e, aliado aos princípios filosóficos da semiótica discursiva de Barros (1988), Fiorin (1995) e Bevidas (2015), serão apresentados alguns resultados de uma disciplina – realizada a respeito da sociologia e o conhecimento – que observam a manipulação da noção de autoridade discursiva, através do uso e da recorrência de metáforas que buscam criar uma “autoridade parasitária”, condição necessária para a veiculação de discursos de caráter conspiratório.

Palavras-chave: fantasia (gênero); Ur-Fascismo; fóruns digitais; conspiração; culto.



VOCALISES NA CANÇÃO BRASILEIRA: A ESTRUTURA LINGUÍSTICA DE UM CANTO SEM TEXTO

Leticia de Paula Veloso Silva Vieira

A proposta desta pesquisa é realizar um estudo exploratório dos vocalises da canção popular brasileira, definidos como um elemento artístico da performance musical que resulta em um canto de sílabas sem significado (CHAVES, 2012; STOLOFF, 1996 apud OLIVEIRA, 2017). Tal produção musical materializa-se através de consoantes e vogais sendo, portanto, passível de análise linguística. Conforme pesquisas sob o ponto de vista fonético, que descrevem comparativamente aspectos acústicos da fala e do canto (RAPOSO DE MEDEIROS, 2002; DI CARLO, s/d.; SANTOS, 2017), propõe-se uma análise acústica e comparativa dos segmentos que compõem os vocalises. Dado o estágio ainda inicial desta pesquisa, para a qual ainda não houve coleta de dados, apresenta-se um estudo piloto a ser desenvolvido nos próximos meses, seguindo o seguinte cronograma: 1. Seleção de gênero musical, priorizando o samba e gêneros afins; 2. Seleção de cantores/as e canções. Propõe-se, inicialmente, “Palco” (Gilberto Gil); “Encontros e despedidas” (Milton Nascimento), “Fato consumado” (Djavan) e “Chega de saudade” (Tom Jobim); 3. Descrição e análise dos seguintes aspectos: (a) tipo de sílaba usado, o que pode ser analisado de forma comparativa com vocalizações em língua inglesa do jazz, de Ella Fitzgerald e Louis Armstrong; (b) tipo de vogal mais frequente. Serão feitas medidas de formantes a fim de verificar se há alguma configuração articulatória mais típica do vocalise e (c) possibilidade de explicação dos vocalises a partir da fonotaxe do português brasileiro. Espera-se com este estudo verificar se o repertório fonético das vocalizações coincide com aquele pertencente à língua. Com a aplicação do piloto será possível verificar a adequação do desenho experimental para a investigação do objeto proposto. Para além do piloto, propõe-se a análise de dados de vocalização espontânea coletados em laboratório.

Palavras-chave: vocalises; canção popular; consoante; vogal.

A CONSTRUÇÃO DO SINTAGMA NOMINAL CONTENDO ADJETIVOS NA LÍNGUA INGLESA: ESTRATÉGIA DE ENSINO

Lisiane Ribeiro Caminha Vilanova

Esta pesquisa desenvolve-se na linha dos Processos de Aquisição e Aprendizagem de Línguas. Apresenta como tema a construção do sintagma nominal na língua inglesa contendo expressões adjetivas. Investigamos duas questões: quais as causas das dificuldades sentidas por estudantes brasileiros universitários na construção de sintagmas nominais contendo adjetivos? E que estratégias de ensino o professor pode desenvolver para saná-las? Levantamos as hipóteses: i) os estudantes não conhecem a estrutura do sintagma nominal na língua inglesa, ii) e/ou organizam os sintagmas como na língua portuguesa. Portanto, esta pesquisa visa analisar as causas das dificuldades na construção desses sintagmas nominais em inglês e refletir sobre estratégia de ensino do adjetivo. Os objetivos específicos consistem em caracterizar as práticas de ensino das expressões adjetivas desenvolvidas nos cursos de graduação; analisar como o material didático para o ensino de língua inglesa no Ensino Superior descreve a norma gramatical do inglês em relação às expressões adjetivas; descrever o funcionamento do adjetivo na Língua Inglesa segundo a semântica formal; descrever o funcionamento do adjetivo na Língua Portuguesa para verificar se as intuições da língua materna dos estudantes influenciam na organização dos adjetivos no sintagma; e, desenvolver uma proposta didática que exercite a consciência linguística dos estudantes acerca do emprego dos adjetivos. Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, documental e qualitativa a partir da análise de gramáticas e livros didáticos utilizados no ensino de Língua Inglesa na graduação. O referencial teórico aborda os conceitos da composicionalidade e recursividade da língua segundo Mathiessen (2007) e da intersecção entre conjuntos segundo Gomes e Sanches, integrando a semântica formal ao ensino de inglês. Esse estudo auxiliará na construção de sintagmas nominais contendo expressões adjetivas, facilitando a compreensão das sentenças e a comunicação.

Palavras-chave: sintagmas; adjetivos; semântica; inglês; ensino.



O ESTUDO DOS PAPÉIS TEMÁTICOS: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DAS VOZES VERBAIS

Luciana Aparecida Paraguassú Amaral

Neste trabalho, dispomos do tratamento dado aos papéis temáticos, por Dowty (1985) e Caçado e Amaral (2016), para explicitar semanticamente o funcionamento do fenômeno vozes verbais. Sugerimos uma revisão do conteúdo didático que há sobre vozes passiva e média (denominada reflexiva), principalmente, pois defendemos que os livros didáticos aprovados pelo PNLD – portanto, alinhados à BNCC – assumem uma abordagem de cunho essencialmente morfossintático. Objetivamos contemplar também o aspecto semântico da sentença, propondo um material didático adicional, evidenciando a existência de restrições para a produção de sentenças em voz passiva e média. Ao examinar alguns livros didáticos, notamos que a voz média é tratada em apenas uma das suas quatro possíveis significações: o sujeito como entidade que pratica e é afetada pelo evento – construção sentencial do tipo *reflexiva*, como em: *Maria se lavou* (correspondente a: *Maria lavou a si mesma*). No entanto, a voz média pode ainda ser do tipo *inerente* – *Maria se interessou* –, *incoativa* – *a porta se abriu* – e *medial* – *João se deitou*. Tais significações, abordadas em estudos linguísticos (KEMMER, 1993; CAMACHO, 2003) e em gramáticas mais antigas (SAID ALI, 1964), deveriam ser consideradas. Analisamos como o tema é tratado na tradição normativa, visando justificar as abordagens encontradas nos livros didáticos e pontuar as discrepâncias que há entre as obras. A partir de Bechara (2009), fomentou-se uma discussão acerca das formas de construção em voz passiva – *Maria foi preocupada* vs. *Maria ficou preocupada* –, de modo que levantamos hipóteses sobre as restrições para a construção de sentenças em cada tipo de voz passiva, relativas aos papéis que as entidades envolvidas no evento desempenham. Já Cunha e Cintra (2016) parece ser a base para a elaboração do conteúdo proposto nos materiais didáticos, pois sintetiza-se ao máximo as explicações, não tratando de nenhuma variação que há dentre as sentenças afetadas pelo fenômeno.

Palavras-chave: semântica gramatical; papéis temáticos; vozes verbais; ensino.

A GRADIÊNCIA REPETITIVO/CONTÍNUO NA LEITURA DO PRETÉRITO
PERFEITO COMPOSTO PORTUGUÊS

Marcio Azevedo Vianna Filho

O pretérito perfeito composto (p,p,c.) apresenta pacificamente uma leitura repetitiva (*João tem vindo às quartas-feiras.*). Menos consensual, menos estudada e, por vezes, esquecida, é a sua leitura contínua, como no exemplo (I) *Maria tem sido feliz na Europa [continuamente, desde que se mudou para lá]*. Para além destes dois extremos, podem-se citar exemplos semanticamente intermediários: (II) *Até agora, o destacamento tem mantido sua posição no aeroporto.* (III) *O Felipe tem estado doente desde a semana passada.* Em (II), é certo que a “posição no aeroporto” está mantida até o presente, mas a contribuição do p.p.c. em relação ao presente simples parece manifestar-se como fragilidade dessa manutenção. Em (III), tem-se uma leitura oscilante, em que Felipe está enfermo, ora mais, ora menos doente, em contraste com a mesma sentença no presente simples ou com a sentença morfologicamente homóloga em inglês (IV) *Phillip has been sick since last week*, as quais são contínuas de pleno. É paradoxal a existência de leituras intermediárias entre repetitivo e contínuo, já que tal distinção costuma ser modelada por duas formas semânticas distintas, não graduáveis, com quantificação respectivamente *existencial* e *universal*. Defendemos que a leitura contínua do p.p.c. tem uma constituição diferente da leitura contínua do *present perfect* inglês (IV acima), resultante da generalização da leitura repetitiva.

Palavras-chave: pretérito perfeito composto; português; semântica; present perfect.

‘DIZ QUE JÁ FICOU PARA NÓS AQUI NO MUNDO’: POR UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E PERSPECTIVISTA DOS FENÔMENOS DE CONTATO LINGUÍSTICO

Mariana Payno Gomes

A história da língua geral amazônica (LGA) – que passou a ser chamada de nheengatu no século XIX – é também uma história de contato entre essa língua da família Tupi-Guarani e o português. Enquanto boa parte dos estudos sobre o tema se dedicam a explicar o papel de tal contato na formação da LGA a partir do tupi antigo, este trabalho integra uma pesquisa que investiga efeitos do contato linguístico com o nheengatu nas estruturas morfossintáticas do português de falantes bilíngues em São Gabriel da Cachoeira (AM), um dos principais redutos da língua geral amazônica na atualidade. Aqui, partimos de uma análise preliminar de um desses efeitos em específico – o uso da expressão *dizque* como marcador de evidencialidade na narração de histórias tradicionais em português por uma falante bilíngue – para propor uma abordagem interdisciplinar e perspectivista de tais fenômenos de contato. Utilizamos a teoria de evolução linguística, ecologia do contato e seleção e competição de traços de Salikoko Mufwene para a análise linguística dos dados, retirados de uma narrativa em português e de outra em nheengatu: nossa hipótese é a da existência de um paralelismo sintático e semântico entre a partícula de reportativo *paa*, do nheengatu, e a expressão *dizque*, do português. A expressão *dizque* seria selecionada pelo seu conteúdo semântico, que converge com o de *paa*, e parece assumir uma função gramatical (divergente do uso canônico, lexical, em português, mas semelhante à função de *paa* em nheengatu) que contempla objetivos discursivos, prosódicos e poéticos da narração da história tradicional. Assim, defendemos que o fenômeno atestado carrega mais do que informações linguísticas *per se*: a variedade de português que emerge de tal situação de contato pode ser também veículo de expressão de regimes de historicidade, poética e tradição inerentes aos falares do nheengatu.

Palavras-chave: contato linguístico; perspectivismo; nheengatu; português brasileiro; línguas indígenas.

DIRETRIZES PARA UMA TIPOLOGIA DOS ÁLBUNS DE CANÇÕES

Matheus Henrique Mafra

Esta apresentação expõe uma pesquisa, ainda em andamento, que descreve as peculiaridades do objeto semiótico *álbum de canções*. Sabe-se que o álbum se cristalizou como um formato cujo “todo” não se dá em detrimento da autonomia textual de suas “partes” mais evidentes, as *faixas*. Respeitando-se essa condição, tem-se a pertinência de uma análise que privilegia a tensão enunciativa entre “álbum” e “faixa”, entendida como a simultaneidade, no momento da realização textual, de duas processualidades diferentes. O revestimento figurativo, em expressão e conteúdo, indicia tais processualidades, criando inúmeras isotopias que dizem respeito, ora à faixa, ora ao álbum. Partindo dessa premissa, chega-se ao limite atual da pesquisa: um esforço de tipologização que se concentra na associação entre determinados modos de figurativização (considerando-se também a figurativização do artista ou banda que atorializa a enunciação) e a geração de determinadas significações. Assim, haveria álbuns que manifestam a tensão “álbum vs. faixa” sob uma tendência à profusão figurativa (diversos intérpretes, formações instrumentais, temas etc.), enquanto outros prezam pela sucintez figurativa (um só intérprete, uma só formação instrumental, uniformidade temática etc.). A mobilização de mais ou menos grandezas – nesse caso, mais ou menos figuras manifestantes – remete às noções semióticas de triagem e mistura, de modo que as referidas tendências de arranjos figurativos (manifestantes) frequentemente se compatibilizariam com conteúdos (manifestados) relacionados aos processos extensivos. Como exemplo, mostram-se brevemente casos que representariam extremos deste esforço de categorização. *Canções praieiras* (CAYMMI, 1954) prima pelo poder de síntese e pela nitidez dos seus – poucos – elementos manifestantes para retratar uma comunidade de pescadores cujo funcionamento é isento de arestas ou contradições. *Tropicália ou panis et circencis* (VELOSO *et al.*, 1968), ao contrário, enfatiza o não fechamento de classes, prezando pela complexidade isotópica para exaltar a própria *diversidade* enquanto valor constituinte do Brasil (objeto do enunciado) e do movimento tropicalista (ator da enunciação).

Palavras-chave: álbum; semiótica; Canções praieiras; Tropicália.

O FALAR É DIFERENTE “DA PONTE PRA CÁ”? UM ESTUDO SOBRE PADRÕES DE VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA NO EXTREMO DA ZONA SUL DE SÃO PAULO

Monique Amaral de Freitas

Esta pesquisa tem por objetivo a identificação de padrões sociolinguísticos na região do Extremo da Zona Sul da cidade de São Paulo e sua relação com a construção de uma certa noção de diferença (simbólica e geográfica) por parte de moradores dessa região da cidade com relação às mais centrais de São Paulo. Busca-se verificar, portanto, se essa distinção se materializa na produção de determinados fenômenos de variação de modo distinto aos padrões verificados por Oushiro (2015), que, a despeito da diversidade de tendências verificadas na comunidade paulistana, conclui que os paulistanos constituem uma única comunidade de fala. Os dados foram coletados a partir de entrevistas sociolinguísticas aos moldes propostos pelo Projeto SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2013) e teve como participantes moradores nascidos ou migrados para a região ainda na infância. Para tanto, observam-se as mesmas variáveis linguísticas estudadas por Oushiro (2015), isto é, /e/ nasal, /r/ em coda e as concordâncias nominal de número e verbal de primeira e terceira pessoas do plural. Além disso, por meio das perguntas da entrevista, construídas para evocar a emissão de avaliações sociolinguísticas (LABOV, 1966) por parte dos falantes, analisam-se os discursos produzidos pelos participantes a respeito de sua relação de pertença com a região e suas opiniões a respeito dos falares potencialmente associados a ela. Os resultados sugerem tanto a produção de um discurso, por parte dos falantes, de diferenciação da região com relação ao restante da cidade, quanto padrões linguísticos distintos daqueles observados por Oushiro (2015), apresentando principalmente a prevalência da variante ditongada de /e/ nasal. Nesta apresentação, serão discutidas as hipóteses a respeito dos fatores que podem ser responsáveis por essa diferença, tais como uma possível tendência sociolinguística já em nível avançado de progresso no falar paulistano, a marcação de uma pertença local ou, ainda, as características próprias da amostra em questão.

Palavras-chave: padrões sociolinguísticos; falar paulistano; variação sociolinguística.

A COESÃO NA REDAÇÃO ENEM: UMA PROPOSTA DE MODELO COMPUTACIONAL QUANTITATIVO PARA A COMPETÊNCIA IV

Nicolas Hyppolito Winck

Este projeto de mestrado pretende desenvolver mecanismos que apontem caminhos para a automação da correção da parte estrutural de redações argumentativas aplicadas em vestibulares e exames públicos de expressão nacional, dentre os quais se destaca a dissertação em prosa produzida para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Nesse sentido, é importante que se elabore um modelo de processamento capaz de sustentar a precisão e o rigor dos principais critérios de correção adotados, baseados, no caso da prova em questão, em cinco competências. Para os fins desta pesquisa, centraliza-se a Competência IV e sua grade específica de correção, que resguarda como objeto básico a coesão. Com a intenção de elaborar um sistema que equilibre simplicidade e eficiência, facilitando o rigoroso processo pelo qual as redações do exame atualmente passam, pretende-se proceder com um levantamento de dados obtidos de um *corpus* composto por textos que obtiveram pontuações diversas na referida competência. A partir das informações extraídas desse gabarito, será realizada uma análise comparativa entre o que o Manual de Correção orienta aos corretores e o que de fato se observa objetivamente nos dados referentes às redações com nota mil. Dessa forma, com base em uma aproximação quantitativa dos dados analisados, espera-se viabilizar um modelo computacional que, partindo de um viés inicialmente estatístico, seja capaz de reconhecer o uso de expressões linguísticas coesivas – operadores argumentativos, a saber, interparágrafos e intraparágrafos – para que, posteriormente, seja possível qualificá-las em um *score*, segundo a função sintático-discursiva que desempenham na rede textual. Finalmente, deve-se propor, para esse sistema, o desenho de uma abordagem simbólica que dê conta da complexidade desses termos em seu uso, no contexto da redação escolar.

Palavras-chave: linguística computacional; coesão; Enem; redação; correção automática.

**GRAUS DE POLIDEZ NAS GRAMÁTICAS ESCRITAS POR ESTRANGEIROS
CRISTÃOS NOS SÉCULOS XVI E XVIII: FOCO NAS
REFERÊNCIAS AOS JUDEUS**

Olivia Yumi Nakaema

Nas gramáticas escritas por missionários cristãos sobre a língua japonesa, há uma descrição da polidez e de graus de polidez correspondentes a níveis de pessoas a quem se deve destinar um determinado tipo de tratamento. Nosso *corpus* de análise é formado por quatro obras: *Arte da Lingoa de Iapam* (Nagasaki, 1604-08) e *Arte Breve da Lingoa de Iapam* (Macau, 1620), de João Rodrigues; *Ars grammaticae Iaponicae linguae* (Roma, 1632), de Diego Collado; e *Arte de la lengua Japona* (México, 1738), de Oyanguren de Santa Inês. Com a finalidade de analisar semântica e epistemologicamente a metalinguagem elaborada para descrever a polidez nessas obras, usamos os seguintes parâmetros classêmicos propostos por Pierre Swiggers (2010, p. 18-19): o “conteúdo dos termos” (*le contenu des termes*), a “incidência de termos” (*l'incidence des termes*) e a “marca cultural de termos” (*l'empreinte culturelle des termes*). O primeiro se trata da relação bilateral entre o termo e seu significado. O segundo, da rede implícita ou explícita de conteúdos no interior da qual um termo assume seu conteúdo dinâmico. Segundo o autor, a “incidência dos termos” é o que se pode chamar de “atualização” de um termo, isto é, a aplicação que se faz dele a um nível de descrição ou teorização. O mesmo autor define “marca cultural de termos” como sendo certos valores e pressuposições culturais que a terminologia da linguística veicula. Esses valores podem ser relativos à religião, ideologia, hierarquias sociais, papéis sociais, profissionais, etc. A partir da análise dos parâmetros classêmicos referidos, localizamos na descrição dos graus de polidez uma “marca cultural” que revela discriminação contra o povo judeu, sendo a este prescrita a forma mais baixa de tratamento.

Palavras-chave: missionários; gramáticas; polidez; língua japonesa; antissemitismo.

A VOZ DO PAPA FRANCISCO – UM ETHOS E UM CAMPO DE PRESENÇA

Rafael Alberto Alves dos Santos

“Como o *ethos* do Papa Francisco, depreendido a partir das análises de um conjunto de produções discursivas, intensifica sensivelmente seus modos de presença no mundo?” é a problemática central da presente pesquisa. Com os pressupostos teóricos e metodológicos da Semiótica Discursiva, empreendida por A. J. Greimas (2014, 2016), e a partir dos desdobramentos dos estudos da tensividade, de C. Zilberberg (2001, 2006, 2008), e do social, de E. Landowski (1996, 2002, 2014), objetiva-se correlacionar as interações sensíveis que o Papa argentino estabelece com seus destinatários, problematizando seu estilo, nas formulações de N. Discini (2015), com as coerções que o regramento do discurso religioso lhe impõem. O *corpus* da pesquisa compreende textos materializados em diferentes linguagens (fotografias, vídeos, textos verbais) e gêneros da prática religiosa (homílias, exortações apostólicas, encíclicas, entre outros documentos e discursos oficiais). Francisco desloca o sagrado baseado em dogmas para o sagrado fundado no relacionamento humano, repondo as verdades da fé, da ordem do transcendental, como verdades de testemunhos pessoais cotidianos. Tal deslocamento constrói-se por procedimentos discursivos que passam pela sincretização actancial de um Papa que se projeta nos discursos com um “nós” não majestático, mas inclusivo. Essa astúcia (FIORIN, 1999) articula o corpo do Papa, enquanto efeito de sentido do dizer do enunciador, ao corpo dos fiéis enunciatários, persuadindo pela própria experiência vivida. A estratégia passa por uma neutralização actancial – Francisco fala do Papa em terceira pessoa para ressaltar o valor institucional da função em detrimento de ostentações pessoais. Há também embreagens temporais, quando o discurso papal desloca o “então” da narração bíblica para o “agora” dos enunciatários: esses movimentos aceleram o andamento e acentuam a tonicidade da argumentação.

Palavras-chave: semiótica discursiva; *ethos*; Papa Francisco.

A HIPÓTESE *PENSAR PARA FALAR* E A TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES DE MOVIMENTO: UM ESTUDO COMPARATIVO DO DESEMPENHO DE QUATRO *SOFTWARES* A UMA TRADUÇÃO HUMANA PROFISSIONAL

Rafael Macário Fernandes

Este é um estudo teoricamente ancorado na Linguística Cognitiva (Tipologia do movimento, TALMY, 2000; 2007) e na Psicolinguística (Hipótese *Pensar para Falar*, SLOBIN, 1987; 1996), aplicado à atividade de tradução automática. O objetivo central foi analisar qualitativamente traduções totalmente automatizadas de cenas de movimento, em inglês, do romance infantil *The Adventures of Tom Sawyer* (TWIN, 2005), para o português, utilizando quatro plataformas online (Google Translate, Bing Microsoft Translator, DeepL Translate e Systran Translate) e uma tradução humana profissional (William Lagos). Buscou-se identificar e sistematizar tipos específicos de erros de natureza semântica (COSTA *et al.*, 2015). A metodologia possuiu três etapas; inicialmente, foram feitas, em paralelo, leituras do livro original e da tradução profissional para seleção e recorte dos extratos contendo cenas de movimento que representassem trajetórias simples e/ou complexas, como definidas por Slobin (2004), e, posteriormente, organizadas em uma tabela. Em seguida, foram coletadas as traduções automáticas do texto original, em uma mesma data, e guardadas em colunas diferentes, da mesma tabela, correspondentes a cada tradutor automático. Em todas as versões dos excertos foram destacados e classificados os componentes semânticos relativos à expressão do movimento, segundo Talmy (2000), para comparação. Dentre os erros comuns mais encontrados, destacam-se escolhas lexicais equivocadas em traduções de preposições espaciais polissêmicas que levaram a trechos incoerentes e/ou com significado diferente do original. Por fim, concluímos que, até o momento da coleta de dados, os *softwares* tradutores não foram capazes de adequar-se ao padrão tipológico das línguas investigadas, apresentando produções que tendem fortemente a manter o estilo retórico do idioma original.

Palavras-chave: tipologia do movimento; hipótese *Pensar para falar*; tradução automática; tradução humana.



OS MODOS DE DIZER DO INTERNAUTA FINGIDOR: UMA QUESTÃO SEMIÓTICA

Raimundo Isídio de Sousa

O engajamento nas redes sociais com o suporte da internet remete-nos, na contemporaneidade, a uma cultura imediatista, cuja tônica se traduz como “o aqui, o tudo ao mesmo tempo e o agora”. O tempo, o espaço e a pessoa parecem estar aspectualizados, no *continuum* das discursividades, como “alongados”, “estendidos”, “aprofundados”. Com efeito, o internauta tem a ilusão de liberdade para navegar e para simular identidades que são construídas conforme a *práxis* enunciativa da interação *on-line*. Mediante tal *práxis*, analisamos a postagem da identificação dos grupos do Facebook “Onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas” (<https://www.facebook.com/groups/2356246961301923>) e “Onde fingimos ser idosos confusos com as tecnologias” (<https://www.facebook.com/idososconfusos>), para compreender como o enunciador se projeta no jogo do fingir ser idoso e os modos como utiliza os procedimentos discursivos para convocar o enunciatário a participar do processo de construção do simulacro de idoso. Para tanto, fundamentamo-nos na semiótica discursiva e em seus desdobramentos tensivos, tendo como principais representantes para este estudo os autores: Barros (2002, 2016), Bertrand (2003), Discini (2019), Greimas e Courtés (1979, 2016), Fiorin (1999, 2008), Fontanille (1999, 2015), Fontanille e Zilberberg (2001) e Zilberberg (2004). As noções que balizam as análises são: modalidades veridictórias, manipulação, campo de presença e tensividade. Em análises, constatamos que o enunciador suscita no enunciatário uma surpresa, ao articular os segmentos visuais e verbais dos textos e que, por meio da intimidação velada, promove uma advertência tônica no discurso, criando uma tensão no estatuto veridictório. Entretanto, embora o enunciador projete inicialmente uma lógica concessiva na construção do simulacro do idoso, a estratégia da quantificação e a lógica implicativa são balizas dominantes no discurso em virtude do contrato de comunicação estabelecido pelo sujeito da enunciação. O discurso assim se orienta predominantemente pela mistura e pela triagem conforme o perfil enunciativo e tensivo dos textos.

Palavras-chave: semiótica discursiva; tensividade; Facebook; idoso; jovem.



ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS NA TRADUÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE CAMPO PARA UM ESCRITO ETNOGRÁFICO

Renato Albuquerque de Oliveira

Nesta comunicação, serão apresentados os rudimentos de uma pesquisa que pretende encontrar algumas questões comuns em escritos etnográficos a respeito de como o empírico, vivenciado na pesquisa de campo antropológica, pode ser traduzido em um texto verbal. A partir da ideia de *momento etnográfico* (STRATHERN, 2017), nota-se que há uma tração inseparável entre a experiência de campo e a escrita etnográfica: uma antropóloga, durante seu trabalho de campo, não pode esquecer que aquela experiência deve ser escrita; durante a escrita da experiência, a antropóloga não pode esquecer de suas vivências entre os nativos. Considerando essa perspectiva, está planejada a análise de diferentes etnografias para que se possa encontrar algumas estratégias enunciativas mais ou menos comuns nesse gênero científico e que sejam eficazes na persuasão proposta pelo enunciador. São elas: *Crônica dos índios Guayaki*, de Pierre Clastres (2020); *A musicológica Kamayurá*, de Rafael Menezes Bastos (1999); *Por que cantam os Kĩsêdjê*, de Anthony Seeger (2015). Também *Tristes trópicos*, de Claude Lévi-Strauss (2016), já analisado pelo autor desta comunicação em outra oportunidade. Os pressupostos iniciais para essa pesquisa estão contidos em Albuquerque de Oliveira (2022) e tratam sobre a necessidade de se trazer o sensível para o escrito etnográfico. Assim, as principais estratégias enunciativas que encontramos até agora podem ser vistas (1) na predileção, nos escritos etnográficos, pelo uso da primeira pessoa do singular e (2) no constante uso de exacerbações figurativas, que tendem à iconicidade e que se valem, por vezes, de descrições sinestésicas para ampliar a possibilidade do efeito de sentido de presença entre os nativos a ser apreendido pelo fazer interpretativo do enunciatário. De um ponto de vista geral, se espera a construção de uma reflexão sobre o papel da persuasão em escritos etnográficos a respeito do “estar lá” relativo ao trabalho de campo (GEERTZ, 2018), traduzido como etnografia.

Palavras-chave: escrito etnográfico; enunciação; semiótica discursiva; antropologia.



UM MODELO BASEADO EM REGRAS PARA PERGUNTAS FACTUAIS PARA TAREFAS DE PERGUNTA-E-RESPOSTA: UMA PROPOSTA INICIAL

Rodrigo Aparecido da Silva Souza

Pergunta-e-Resposta, do inglês *Question Answering* (QA), é uma das tarefas do Processamento de Língua Natural. Consiste, basicamente, na tarefa em que algoritmos precisam oferecer respostas corretas para perguntas formuladas em língua natural. Normalmente, a QA é apresentada por meio de conjuntos de dados compostos por perguntas, respostas e textos base para as respostas. O exemplo a seguir ilustra um típico problema de QA: Pergunta - Qual é a capital do Brasil? Resposta - Brasília. Em QA, esse tipo de pergunta é denominado factual, podendo ser respondido com uma única palavra, ou sintagma nominal. Neste trabalho, nosso objetivo é apresentar uma proposta inicial de implementação de um modelo para QA baseado em Recuperação de Informação (RI) e regras para as perguntas factuais do SQuAD1.1., conjunto de dados de Compreensão de Leitura para o inglês. Em nossa metodologia, utilizamos o corpus de treinamento do SQuAD1.1 para identificar perguntas factuais com pronomes *Who* ou *Whom* e implementamos um modelo baseado em RI e regras para extrair respostas de acordo com o tipo de informação exigido pelos pronomes *Wh*. Como forma de avaliação, calculamos o *Exact Match* (EM) para o modelo e analisamos qualitativamente 50 dados selecionados aleatoriamente. Para o EM, nosso modelo acertou 912 respostas das 9139 perguntas identificadas. Com a análise qualitativa, identificamos três problemas que possivelmente limitaram a proposta: ranqueamento de sentença sem a resposta correta, diferentes entidades nomeadas na sentença com a resposta correta e respostas, no corpus, que não continham entidades nomeadas. Apesar dos resultados modestos, acreditamos que a proposta aponta para possíveis caminhos de investigação, por meio de regras, dos problemas apresentados no SQuAD1.1.

Palavras-chave: processamento de língua natural; pergunta-e-resposta; recuperação de informação; modelo de regras; semântica.

UMA GRAMÁTICA ORIENTADA AOS EVENTOS: DADOS DE LÍNGUAS BANTU

Rodrigo Lazaresko Madrid

Esta apresentação tem o objetivo de traçar um panorama sobre as características gerais de línguas cuja gramática é orientada aos eventos, em oposição a gramáticas orientadas ao participante. A distinção entre orientação aos eventos e orientação aos participantes foi proposta por Wichmann (2007), com base no contraste entre línguas cujo alinhamento de participantes é semântico (marcação de pessoa de tipos ativo/inativo e hierárquico) e línguas cujo alinhamento de participantes é sintático (marcação de pessoa de tipos nominativo/acusativo e ergativo/absolutivo). A proposta de minha tese, seguindo a proposta de Klimov (1974), é que essa distinção de orientação não se manifesta apenas na marcação de pessoa nas construções verbais, mas também em outras estruturas linguísticas, como no léxico, na morfologia, na sintaxe e no discurso. A partir de dados de línguas do grupo bantu (do tronco nigero-congolês) coletados em gramáticas e artigos analíticos (com representação de, ao menos, uma língua de cada uma das 16 zonas de Guthrie), procuro demonstrar como uma transitividade voltada para o chamado “domínio médio” (KEMMER, 1993) é o principal correlato da orientação aos eventos, deixando em segundo plano a distinção entre os papéis desempenhados por seus participantes. Nesta apresentação, discutirei como a expressão de qualidades por verbo, as construções de inversão e algumas derivações verbais mostram que as línguas bantu têm sua gramática orientada ao evento, e não aos participantes. Como as línguas bantu apresentam um padrão de marcação de participantes de tipo acusativo/nominativo, o grupo constitui uma evidência de que um sistema de marcação de tipo ativo/inativo não é condição necessária para que uma gramática seja analisada como orientada aos eventos.

Palavras-chave: transitividade; estrutura ativa; alinhamento semântico; tipologia linguística.

**A METALINGUAGEM E AS TERMINOLOGIAS PARA DESCRIÇÃO SINTÁTICA
NA HISTÓRIA DA GRAMÁTICA: UM ESCRUTÍNIO HISTORIOGRÁFICO**

Rogério Augusto Monteiro Cardoso

Esta pesquisa insere-se na área de Historiografia Linguística e tem como objetivo precípua analisar e interpretar a metalinguagem e as terminologias sintáticas ao longo da multissecular história da Gramática, desde as suas origens helênicas até os gramáticos portugueses oitocentistas, a fim de elaborar, para cada um dos autores estudados, uma tabela sinótica do seu léxico especializado. Como os gramáticos portugueses são herdeiros inequívocos dos mestres alexandrinos (VIEIRA, 2018), o horizonte de retrospectão da pesquisa tem de ir até os primórdios da área, no século II a.C., quando surgiu a pioneira Τέχνη Γραμματική (*Tékhnē Grammatikē*), de Dionísio Trácio. A despeito desse elo epistemológico, a hipótese aqui aventada é a de que o modelo sintático utilizado pela Sintaxe Tradicional, baseado no binômio sujeito-predicado, **não** é uma herança direta da Gramática Grega, mas uma criação posterior baseada em categorias transladadas da Lógica. Por meio do *modelo de camadas* (SWIGGERS, 2005), é possível apontar continuidades e descontinuidades entre as obras analisadas, que podem se diferenciar quanto aos seus fundamentos (*camada teórica*), à sua metalinguagem (*camada técnica*), aos seus dados linguísticos (*camada documental*) e ao seu contexto histórico (*camada contextual-institucional*). O foco da pesquisa incide, evidentemente, sobre a metalinguagem. Ao cabo, demonstra-se que as categorias de caso greco-latinas – nominativo, vocativo, genitivo, dativo, ablativo e acusativo – não só tinham a função de indicar as flexões nominais nas línguas clássicas, como também faziam as vezes do que se convencionou chamar hodiernamente de termos da oração. Tempos depois, quando o pensamento gramatical português passou a operar sobre suas próprias bases, tais categorias greco-latinas foram abandonadas em prol de um modelo sintático de base lógico-relacional.

Palavras-chave: historiografia; linguística; gramática; sintaxe; terminologia.

**PROGRESSO E ESTAGNAÇÃO: ELEMENTOS DE NARRAÇÃO
EXEMPLIFICADOS PELA CONTROVÉRSIA NEOGRAMÁTICA**

Rogério Ferreira da Nóbrega

Na discussão de uma controvérsia na história da linguística do século XIX acerca de um suposto ‘avanço’ e o estabelecimento de uma nova matriz curricular por parte dos neogramáticos em relação a seus predecessores, Koerner (1989b) argumenta que, diante das evidências disponíveis, essa versão da história não se sustenta. O autor defende que a doutrina neogramática deve ser compreendida como uma extensão do paradigma schleicheriano, em alusão às práticas científicas de August Schleicher (1821-1868). Uma das obras impulsionadoras de tal equívoco, consoante Koerner, teria sido a de Delbrück (1880), supostamente uma história propagandística dos neogramáticos em benefício próprio, a qual, recebida e reproduzida de maneira acrítica pelas gerações coetânea e posteriores, acabaria por reforçar uma versão partidária da história da linguística. Diante de tal controvérsia, nosso objetivo nesta comunicação é revisitar essa controvérsia e verificar em que medida os neogramáticos representariam essa alegada ruptura em relação a seus antecessores, como queria Delbrück. Utilizamo-nos de uma combinação do modelo das camadas do conhecimento de Swiggers (2004; 2012; 2017), do de análise de fatores de influência intra- e extradisciplinares de Koerner (1989a) e do modelo de reconstrução de Schmitter (2003) a fim de comparar afirmações de cunho teórico, as técnicas de análise linguísticas empregadas, *corpora* e o contexto imediato em que Schleicher e os neogramáticos produziram suas obras. Entendemos que as diferenças mais significativas entre as partes se deram sobretudo no plano social, portanto na dimensão externa da produção do conhecimento, enquanto a dimensão interna, que engloba visões de linguagem, terminologia e métodos empregados, permaneceu largamente intacta. Fenômeno que, possivelmente, nos permita reconstruir e descrever esse período das ciências da linguagem antes em termos de ‘estagnação’ das práticas científicas do que de seu ‘progresso’, cuja autoria reivindicavam os neogramáticos.

Palavras-chave: historiografia linguística; neogramáticos; narração; meta-historiografia.



CONSERVAÇÃO E MUDANÇA NA DESCRIÇÃO DAS PARTES DO DISCURSO DA LÍNGUA JAPONESA POR PORTUGUESES, ESPANHÓIS E FRANCESES (1543-1856)

Rodrygo Tanaka

Podemos determinar que a primeira gramática de autoria europeia que comenta a língua japonesa foi o *De institvione grammatica libri tres coniugationibus accessit interpretario Iapponica*, impresso no ano de 1594 na cidade de Amakusa. Essa obra é, na realidade, uma reimpressão do estudo sobre a língua latina de Manoel Alvarez (1526-1583) com traduções e comentários sobre a língua japonesa. Porém, foi só em 1604, com a *Arte da Lingoa Iapoa* do Pe. João Rodriguez Tçuzu (1558?-1634?), que tivemos o primeiro estudo gramatical em que a língua japonesa é o centro de estudo. A obra de Rodriguez se tornou de extrema importância já que, por meio desse estudo, muitos europeus puderam continuar a produção de estudos sobre a língua japonesa mesmo durante o período de isolamento nipônico (1633-1853). Esta comunicação tem como objetivo observar qual a metalinguagem adotada pelos europeus – em específico Emanuel Avars, João Rodrigues Tçuzu, Diego Collado, Melchor Oyangurem, C. Landresse e Léon de Rosny - para descrever as partes do discurso da língua japonesa em sete gramáticas. Por meio dessa análise tentaremos identificar as mudanças de uma retórica de continuidade (conservação) para uma retórica revolucionária (mudança) como proposto por Murray (1994). Também utilizaremos a metodologia proposta por Swiggers (2010) de dividir as análises em quatro dimensões: teórica, técnica, documental e contextual/institucional. Observando todas essas dimensões (e não somente a documental e técnica) podemos ter uma visão mais ampla das influências e inovações.

Palavras-chave: historiografia linguística; linguística missionária; língua japonesa.

**DIFERENÇAS ESTRUTURAIS EM SENTENÇAS COM VERBOS DO TIPO
CONVENCER E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO JULGAMENTO DO SUJEITO NULO
EM PB**

Rosiani Bueno de Oliveira Dias

Partindo da premissa de que o PB não se caracteriza mais como uma língua tipicamente *pro-drop* e assumindo que o licenciamento desse sujeito nulo (SN) se dê em termos de movimento-A (cf. FERREIRA (2004), RODRIGUES (2004) e NUNES (2008, 2020)), este trabalho analisa o julgamento de SNs em orações encaixadas encabeçadas por verbos do tipo *convencer*. Estudaremos quatro subespecificações: *convencer a* + oração infinitiva; *convencer que* + oração finita, *convencer de que* + oração finita e *convencer de* + oração infinitiva; esta última ainda não explorada na literatura. Essas construções têm diferentes leituras: com o SN da oração encaixada ora retomando o sujeito da matriz (*convencer que* + finito); ora retomando o objeto da matriz (*convencer a* + infinitivo); e, na presença da preposição *de* (*convencer de que* + finito e *convencer de* + infinitivo), podendo retomar tanto o sujeito quanto o objeto da matriz. Argumentaremos que estas diferentes leituras culminam de diferenças estruturais e, para corroborarmos tal hipótese, aplicaremos testes propostos por Larson (1991), Baker (1996) e Nunes (2009) às estruturas. Para explicarmos as diferenças de julgamento do SN, traremos duas hipóteses: a primeira baseia-se em Pylkkänen (2002): a preposição *de* seria a realização fonológica do núcleo Aplicativo e o CP encaixado seria um argumento Aplicativo do tipo Alto para leitura de sujeito, e do tipo Baixo para leitura de objeto. A segunda hipótese considera que se o CP encaixado tiver relação de adjunto com o verbo, seu SN sofre movimento lateral para matriz gerando a leitura de sujeito (RODRIGUES 2004); se o CP encaixado for complemento do verbo, há duas opções: ou o SN sobe para posição mais próxima (objeto da matriz) gerando leitura de objeto, ou o CP inteiro se move para a matriz e seu SN sobe para posição de sujeito da matriz gerando a leitura de sujeito. A preposição *de* seria um reflexo do núcleo F necessário para a convergência desse movimento do CP.

Palavras-chave: sujeito nulo; verbos como *convencer*; preposição “de”; movimento de predicado; núcleo aplicativo.

**FIGURATIVIZAÇÃO, FIGURAS RETÓRICAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA
IMAGEM DOS SUJEITOS**

Shenna Luíssa Motta Rocha

Sendo a figurativização procedimento discursivo que recobre os temas no texto, ela se configura como dispositivo a partir do qual as isotopias organizam-se, apresentando-se de modo coerente no nível discursivo do percurso gerativo de sentido. Por sua vez, as figuras retóricas, usadas como recurso estilístico, emprestam aos textos determinados efeitos de sentido, que colaboram igualmente para a coerência de textos pluri-isotópicos, como os literários. No entanto, a figurativização também cumpre o papel de marcar a presença e/ou ausência das ações dos sujeitos, quando se está a observar o nível narrativo, e, aliada às figuras retóricas, é responsável por expor as transformações modais pelas quais passam os sujeitos no curso da narrativa. Desse modo, ao analisar o discurso moral *Reyno de Babilônia* (1749), de autoria da freira portuguesa Leonarda Gil da Gama, verificamos, como resultados parciais, uma profusão de figuras retóricas que remetem a sensações provocadas pelos sentidos do corpo humano exatamente quando o sujeito do fazer, denominado de Príncipe, está operando a doutrinação sobre o sujeito de estado, denominado Angélica. Esta, passa a sofrer as ações, em nome do objeto-valor 'salvação', ficando suas próprias ações e pensamentos em suspensão, à medida que o sujeito do fazer aciona os adjuvantes como meio de operar a conversão. Como método de análise, utilizamos a Semiótica Discursiva de linha francesa, que nos dá, por meio do percurso gerativo de sentido, o ferramental necessário para compreender os níveis de construção do sentido do texto, que vai do fundamental, passando pelo narrativo, objeto da presente comunicação, culminando com o discursivo. A análise observará o cumprimento do papel da figurativização no âmbito narrativo, ao observar seu modo de operar frente à manipulação do sujeito. A fundamentação teórica que embasa a presente leitura constitui-se de Greimas, Bertrand, Barros e Fiorin.

Palavras-chave: figurativização; figuras retóricas; nível narrativo; percurso gerativo de sentido.

AS VOGAIS NASAIS NO POLONÊS

Sonia Eliane Niewiadomski

O presente trabalho pretende caracterizar as vogais nasais na língua polonesa falada na Polônia e no polonês como língua de herança, doravante LH, falado no município de Cruz Machado-PR; indicar os contextos de ocorrência dessas vogais; e discutir como as vogais nasais se comportam nas diferentes gerações de polonês como LH. Língua de herança se refere à língua dos ancestrais de uma comunidade (FISHMAN, 2001). O estudo pretende abarcar a gravação de dados de fala em português e em polonês como LH, analisando tanto dados naturalísticos quanto experimentais. Nesta apresentação, focamos na descrição do polonês *standard*, pois os dados de LH ainda estão sendo coletados. Segundo Gussmann (2007), o polonês apresenta 6 vogais orais, /a, ε, i, i, u, ɔ/, e duas vogais nasais, /ɛ̃, ɔ̃/. Essas vogais nasais são consideradas fonemas e possuem grafia própria, no alfabeto polonês, indicadas pelo uso da letra ‘ę’, e da letra ‘ą’, respectivamente (SOŁTYS-CHMIELOWICZ 2014). Um levantamento inicial da literatura nos mostra que no polonês, as vogais nasais se realizam foneticamente como ditongos nasais e são obrigatórias antes e depois de uma fricativa como em *rzeża* [ʒɛ̃w̃sa], *wąski* [vɔ̃w̃sci] (BIEDRZYCKI, 1963). Já Wiśniewski (2000) aponta que antes das fricativas alvéolo-palatais, a vogal nasal pode ser realizada como [ɔ̃w̃] ou [ɔ̃j] se for precedida por uma consoante não palatalizada como em *wąsik* [ˈvɔ̃w̃ɛik] ~ [ˈvɔ̃jɛik]. Para Gussmann (2007), antes das velares das pós-palatais a vogal nasal é realizada como [ɔ̃ŋ], por exemplo, *łąka* [ˈwɔ̃ŋka], antes das bilabiais, a realização é como [ɔ̃m], por exemplo, *kąpiel* [ˈkɔ̃mpjɛl]. Os autores também mencionam que dependendo da região da Polônia, a realização dessas vogais é variável. As transcrições aqui utilizadas foram retiradas dos exemplos dos autores.

Palavras-chave: língua de herança; vogais nasais; fonética e fonologia; polonês.

O FENÔMENO DE PONTA DE LÍNGUA EM PESSOAS COM DEMÊNCIA DE ALZHEIMER

Stela Terribile Garbugio

O fenômeno de ponta de língua é um estado em que o falante se sente incapaz de recuperar uma palavra, mesmo tendo certeza de que a conhece (BROWN E MCNEILL, 1966). Consiste, basicamente, na sensação de que está prestes a recuperá-la, como se ela tivesse “fugido” da cabeça. Uma vez que na demência de Alzheimer os episódios do fenômeno de ponta de língua são mais frequentes (VIGLIOCCO, 2002), o objetivo da pesquisa é (i) investigar como os pacientes do estágio leve e moderado dessa demência reorganizam suas falas para contornar tal estado e (ii) verificar se as estratégias de busca apresentam tratativas diferentes entre palavras afetivamente próximas ao sujeito e palavras neutras. Por palavras neutras entendemos aquelas que não possuem relação afetiva com o sujeito e por afetivas aquelas que justamente carregam tal relação (Luria, 1986). Nossa metodologia, amparada pelos pressupostos teóricos da Neurolinguística Discursiva (Coudry, 1986), consiste na demonstração de imagens para esses indivíduos, sendo um dossiê composto por imagens que evocam palavras neutras, e outro que remete palavras afetivas para cada idoso. Verbos, adjetivos e substantivos concretos são os mais preservados nos quadros inicial e moderado (Alegria, 2013). Dessa forma, parearemos as imagens que remetem a tais classes. Para compor o corpus desta pesquisa, entrevistaremos os idosos e cuidadores do Programa Terceira Idade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (PROTER HC FMUSP). Serão entrevistados, em média, de 10 a 15 indivíduos com diagnóstico provável (estágio inicial) e possível (estágio intermediário) da DA, de acordo com a DSM V para demência. Para analisarmos as entrevistas, valeremo-nos da concepção de dado-achado (Coudry et al, 2011) e da teoria dos campos semânticos proposta por Luria (1986). A expectativa é de encontrar diferenças de busca e alcance entre palavras neutras e afetivas ao sujeito, de modo a jogar luz sobre um dos sintomas iniciais dessa doença: o declínio do nível semântico e o comprometimento progressivo da linguagem.

Palavras-chave: fenômeno de ponta de língua; recuperação lexical; Alzheimer; neurolinguística discursiva.

PERCURSOS TEMÁTICOS E FIGURATIVOS NA SEÇÃO “OPINIÃO” DO
LAMPIÃO DA ESQUINA

Sued Lima

Durante o regime civil-militar no Brasil, estabelecido a partir de 1964, há o surgimento de diversos periódicos que se manifestam contrários às ações repressivas do Estado. O fortalecimento dessa imprensa alternativa serve de alicerce para que revistas e jornais homossexuais, como o *Lampião da esquina*, comecem a ser publicados apesar da forte repressão a esse grupo social. Este trabalho tem como objetivo examinar os percursos temáticos e figurativos da seção “Opinião” do *Lampião*. Para isso, recorre-se, sobretudo, às ferramentas teórico-metodológicas da Semiótica da Escola de Paris, especificamente àquelas referentes à análise da semântica discursiva, para, em primeiro lugar, descrever os temas e as figuras nos artigos e, então, traçar linhas isotópicas deles. Os resultados evidenciam que, nos enunciados, há uma disseminação de figuras que manifestam, em especial, dois temas: a) o da exclusão social de homossexuais; b) o do engajamento político desse grupo. Além disso, é possível perceber, na relação entre os artigos em si e entre os artigos e outros textos, uma oposição latente a discursos que valorizam a (homos)sexualidade negativamente, como o discurso médico-científico, o político e o moral. A partir desses resultados, torna-se viável uma discussão sobre as condições sociais e históricas involuntariamente manifestadas nos enunciados pelo sujeito da enunciação, passo a ser concretizado em futuros trabalhos.

Palavras-chave: regime civil-militar; *Lampião da Esquina*; semiótica; temas e figuras; isotopia.

LINGUÍSTICA CLÍNICA E LÍNGUA DE SINAIS: UM ESTUDO SOBRE IDADE DE AQUISIÇÃO E LESÃO CEREBRAL EM SURDOS ADULTOS

Sylvia Lia Grespan Neves

Esta pesquisa tem como finalidade de descrever o comportamento linguístico de adultos surdos em uma triagem de linguagem baseada na Língua Brasileira de Sinais (Libras), tendo como objetivos específicos: (i) analisar as possíveis diferenças entre surdos com aquisição de Libras em momento adequado, surdos com aquisição tardia de Libras e surdos com lesão cerebral e (ii) descrever a produção linguística, a partir da triagem aplicada, de surdos com lesão cerebral. Foi realizada coleta de dados de 109 participantes surdos adultos e usuários da Libras. Cada um deles respondeu um questionário de anamnese que continha questões sobre o histórico linguístico e de saúde e em seguida, cada participante foi submetido à aplicação da Triagem de Habilidades Linguística da Libras (BARBOSA, 2017), aplicada por um examinador surdo, fluente em Libras. As aplicações foram registradas em vídeo. Os participantes foram divididos em três grupos: o primeiro com aquisição de língua de sinais em período adequado (Ap), o segundo com aquisição tardia da Libras (At) e o terceiro com diagnósticos de lesão cerebral e atraso na aquisição de língua de sinais (Dn). A análise descritivo-exploratória tomou-se debruçou sobre 15 casos, divididos em quatro grupo: 1) *lesão adquirida na infância*: participantes apresentaram quebras no nível narrativo e pragmático, como desvio do tópico da conversa e circunlóquios sobre assuntos adjacentes. Em suas narrativas observou-se a indicação de cenas que não estavam de acordo com a prancha utilizada para elicitación e organização discursiva que não obedeceu à ordem temporal e lógica. 2) *AVC*: mesmo apresentando sequelas motoras como hemiparesia, não exibiram alterações, a não ser no nível fonético-fonológico, devido às limitações motoras impostas pela lesão. 3) *ECNE*: apresentaram desordens no nível fonético-fonológico. É possível notar alterações em alguns parâmetros específicos dos sinais. Todos apresentaram deslocamento do maxilar enquanto sinalizavam, com direção do olhar vaga. Foram observados tipos de sinalização diferentes a depender do tipo de ECNE, por exemplo, com a presença de rigidez e lentificação, com presença de contato olho com o interlocutor e, em outros casos, movimentação descontrolada sem possibilidade de manutenção de contato de olho. 4) *Parkinson*, falta de expressões faciais, itens gramaticais importantes para a construção do sentido em línguas de sinais. Notou-se o olhar estático e com baixa frequência de piscadas ou movimentos oculares, diminuição da amplitude de movimentos, na sinalização, a falta do uso adequado do espaço para criar sentidos em seus discursos, sem utilização de

espaços tokenizados ou de estratégias de sub-rogação ou qualquer organização sintática espacial. Os dados obtidos demonstram a importância da aquisição de língua em período adequado para o uso do potencial linguístico do indivíduo e sugerem que o atraso na aquisição de língua possa ser um preditor de distúrbios de linguagem. Os dados também demonstram que os quadros de lesão cerebral estudados manifestaram desordens no processamento da linguagem em seus diversos níveis, com manifestações que se diferem das manifestações na modalidade oral-auditiva por se tratar de uma língua visoespacial e mobilizar órgãos articulatórios diferentes para a expressão da língua.

Palavras-chave: língua brasileira de sinais; neurolinguística; surdo atípico.

**ENSINO SOBRE O PAPEL DE LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS EM
MATERIAIS DIDÁTICOS DO PNLD 2020**

Tâmara Kovacs Rocha

Dois textos importantes regulamentam o conteúdo no Ensino Básico no Brasil, prescrevendo o ensino da variação linguística e da diversidade cultural: a Lei nº 11.645/2008 e a *Base Nacional Comum Curricular*. Paralelamente, parte das variantes sintáticas presentes no português brasileiro é considerada por estudos da Linguística de Contato (LC) resultado do contato linguístico entre o português e línguas africanas. Dessa forma, esses fenômenos atendem a ambos os textos regulatórios do ensino e, portanto, podem ser abordados na educação básica, levando aos alunos o que a ciência tem produzido acerca de quais são e qual a origem dessas variantes. Assim, a proposta desta pesquisa é investigar coleções de materiais didáticos de Língua Portuguesa do Plano Nacional do Livro Didático para os Anos Finais do Ensino Fundamental de 2020, para estabelecer *se* e *como* tais usos têm sido abordados. A pesquisa apresenta duas frentes: a primeira, descritiva, analisa o material didático segundo três perspectivas da LC (crioulização (GUY, 1981; HOLM, 1992), derivação imprópria (LUCCHESI, 2012) e ecologia linguística (MUFWENE, 2008)) e por um contraponto, que nega o papel do contato (NARO; SCHERRE, 2007), para verificar se conteúdos produzidos por eles estão aparecendo por uma via explícita ou por uma via implícita. A segunda frente, de caráter analítico, vê a forma como esses conteúdos são tratados, com base em três conceitos: o livro como resultado de um processo de representação (de Roger Chartier), o dispositivo de racialidade (de Sueli Carneiro) e o epistemicídio (de Boaventura de Souza Santos).

Palavras-chave: ensino de português; contato linguístico; decolonialidade; materiais didáticos; línguas africanas.

AS ESTRATÉGIAS DO SUJEITO DA ENUNCIÇÃO PARA A ATRAÇÃO DO OUTRO NO VÍDEO *VELÓRIO DE RICO E VELÓRIO DE POBRE*, POSTADO NO YOUTUBE

Teresinha de Jesus Ferreira

Este trabalho analisa um vídeo postado no YouTube, *Velório de rico e velório de pobre*, para deprender quais as estratégias discursivas empregadas pelo sujeito da enunciação, enquanto posição sincrética de enunciador e enunciatário construída no vídeo, que atraem os seguidores desse youtuber brasileiro. No vídeo que selecionamos para a análise, bem como em diversos outros vídeos postados na plataforma e até nos shows que o referido youtuber faz mundo afora, há uma predominância de oposição fundamental que se concretiza em grande medida com o par pobreza *versus* riqueza, já que na enunciação há actantes que estão situados em uma arena de estigmatização. Nosso objetivo nesta apresentação é responder à seguinte questão: a imagem estigmatizada do sujeito da enunciação promove a sua aceitação ou, na (des)construção desse sujeito, leva à conquista do público? Por que esse simulacro gera riso? Para a análise, embasamo-nos nos suportes teórico-metodológicos da semiótica discursiva greimasiana, em Barros (1997), Greimas (2017), Zilberberg (2007 e 2011), Fontanille e Zilberberg (2001), Greimas e Courtés (2018), Tatit (2019), Fiorin (2013 e 2018) e sustentamos referenciais teóricos acerca dos espaços virtuais em Lévy (1997 e 2011) e Burgues e Green (2009). Constatamos que na instância de mediação da enunciação há efeitos de sentido humorístico, tanto nas imagens quanto nas vozes que o sujeito delega na historinha, e há o despertar da atenção do público e a forte adesão ao canal do youtuber.

Palavras-chave: sintaxe discursiva; youtubers; humor.

EXPLICAÇÕES EM LINGUÍSTICA EVOLUTIVA

Thiago Macek Gonçalves Zahn

Investigações anteriores em meu projeto revelaram diferentes abordagens que utilizam o pensamento evolutivo na linguística, relacionadas a mudanças biológicas e culturais; levaram também à sugestão de que uma forma de aproximar essas abordagens seria tomar como base uma ontologia evolutiva *generalizada* (*sensu* BARAGHITH; FELDBACHER-ESCAMILLA, 2021). Assim, a evolução em sistemas linguísticos não seria compreendida como analogia ou metáfora; em vez disso, as línguas seriam elas próprias entendidas como sistemas evolutivos (ver p.ex. GODFREY-SMITH, 2009; SCHURZ, 2011), com possíveis inter-relações com outros sistemas evolutivos (ver p.ex. KIRBY ET AL, 2017). Assumindo essa possibilidade de aproximação, uma questão que se segue é: que tipo de explicação essas abordagens evolutivas a linguística? Para tratá-la, divido-a em duas: a) O que são explicações evolutivas?; e b) Como explicações evolutivas são aplicáveis à linguística e contribuem para ela? Para responder à primeira pergunta, sustento-me em alguns pontos do ensaio de Bock (2007) sobre explicações na teoria evolutiva. O primeiro é a existência de dois tipos distintos de explicações/teorias evolutivas: Nomotéticas-Dedutivas (ND) – universais, sobre classes de fenômenos, baseadas em raciocínio dedutivo e falsificação; e Históricas-Narrativas (HN) – particulares, sobre fenômenos/objetos específicos em tempos/espacos particulares, baseadas em raciocínio indutivo e/ou abduativo. O segundo é que a própria “teoria da evolução” seria composta por um conjunto de teorias, tanto ND (ligadas a “regras gerais” dos sistemas evolutivos) quanto HN (ligadas à história evolutiva de sistemas/grupos, tempos e espacos particulares). Partindo dessas definições, proponho que um conjunto de teorias similar vale para o sistema evolutivo da(s) língua(s). Sugiro que tanto explicações ND (“dinâmica das mudanças nas línguas”) como HN (“história de línguas/grupos específicos”) ligadas ao sistema evolutivo linguístico são relevantes para as ciências da linguagem. Aponto, por fim, que explicações HN parecem ser essenciais para questões chave na linguística.

Palavras-chave: linguística evolutiva; teoria evolutiva generalizada; dedução, indução e abdução; explicação nomotético-dedutiva; explicação histórico-narrativa.

A ENGENHARIA GLOSSEMÁTICA: INTERAÇÃO HUMANO-COMPUTADOR E MINERAÇÃO DE DADOS VERBAIS

Tulio Ferreira Leite da Silva

Nesta apresentação pretendemos justificar a utilização do conceito “engenharia glossemática” para o desenvolvimento de um modelo capaz de processar e analisar automaticamente todos os textos produzidos no Twitter. Nossa hipótese de pesquisa é a de que uma análise prévia, onde sejam evidenciadas as restrições enunciativas impostas por uma plataforma, é fundamental para o sucesso de uma empreitada como essa. Afinal, enquanto no Tripadvisor (objeto de pesquisa anterior) há uma homogeneidade de textos apreciativos (/sanção/), o que favorece a hegemonia de uso da análise de sentimentos, no Twitter a realidade é outra. Por meio de tuítes, os usuários apreciam, narram, manipulam e tentam competencializar seus companheiros de plataforma. No passado, Greimas (1979) foi capaz de utilizar apenas as ferramentas da semiótica para demonstrar e generalizar a estrutura existente por trás de uma receita de cozinha. Agora, dada a complexidade das plataformas digitais, dos algoritmos computacionais e dos *pipelines* de processamento de língua natural, são necessários novos adjuvantes. Por conta disso, fomos buscar como metodologia os trabalhos pioneiros de Peter Bøgh Andersen (*A theory of computer semiotics*; 1991), de Clarisse Sieckenius de Souza (*The semiotic engineering of human-computer interaction*; 2005) e de Jean-Guy Meunier (*Computational Semiotics*; 2021). Neles, são apresentados inúmeros avanços da semiótica e novas formas de se olhar para a interação entre homem, ciência e computador. Nossa proposta, portanto, será a de justificar o uso do termo glossemática no lugar de semiótica e apresentar possíveis alargamentos que uma teoria de funções não-quantitativas (ULDALL, 1957), junto a metodologias da interação humano-computador (IHC), pode apresentar à mineração de dados verbais.

Palavras-chave: processamento de língua natural (PLN); interação humano-computador (IHC); Hjelmslev; Uldall; Círculo Linguístico de Copenhague.

SEMIÓTICA, GÊNERO E DECOLONIALIDADE: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER ORIGINÁRIA BRASILEIRA

Vanessa Pastorini

A pesquisa aqui esboçada pretende explorar as possibilidades de diálogo entre os estudos semióticos, voltados sobretudo para os aspectos da cultura, com os estudos de gênero, a fim de elucidar aspectos da mulher originária brasileira na contemporaneidade. Para isso, situa o contexto da urgência de uma abordagem de análise que privilegie as políticas interseccionais, a partir da tríade raça, classe e gênero (CRENSHAW, 2002), como a demanda por uma perspectiva decolonial (LUGONES, 2011), cujos aparatos a serem manuseados escapam das categorias universalizantes. Toma como *corpus* a construção de um padrão de forma de vida da mulher originária brasileira por meio da obra da militante/ativista Eliane Potiguara, enquanto sujeito em condição de precariedade face aos discursos normativos, como também vislumbra a análise das narrativas esboçadas na coletânea “Ser mulher indígena é...” (2018). Em ambas as obras, tem-se o destaque da memória ancestral e o fato do atributo *ser indígena* usado como ferramenta política. Como proposta de metodologia de análise, tomamos de empréstimo reflexões da semiótica da cultura de Lotman (1996 [1966]), cujo diálogo com os estudos de gênero permite uma nova compreensão dos grupos marginalizados. Retomamos ainda a semiótica discursiva, a partir da proposta do plano de conteúdo, ensejando as contribuições feitas por Fontanille (2015) no projeto das *formas de vida*. O intuito consiste em elucidar os aspectos dos processos de resistência dessas mulheres, inseridos em uma nação avessa às causas indígenas, uma vez que apenas recentemente, em 1988, a legislação brasileira outorgou o direito a esse grupo de se posicionar politicamente. A partir desse marco, compreendemos a intensificação de lideranças femininas que, longe de terem sido inseridas no projeto de homogeneização da nação, se sobressaem por meio de lutas que abarcam o campo individual rumo ao coletivo – seja por meio da literatura, da militância ou das mídias sociais.

Palavras-chave: semiótica; estudos decoloniais; gênero; identidade; mulher indígena.



IDENTIFICAÇÃO DE ATOS DE FALA: UMA ABORDAGEM BASEADA EM LINGUÍSTICA COMPUTACIONAL

Viviane Mieke Ito

A pragmática computacional é uma vertente da linguística computacional, que se propõe a investigar questões de inferência, sendo que a interpretação e geração de atos de fala é um de seus focos principais (JURAFSKY, 2008). O presente trabalho se encontra inserido nesta linha investigativa, com o objetivo central de classificar atos de fala presentes em um determinado *corpus*; um objetivo secundário é de entender se a identificação de atos de fala pode auxiliar na classificação de falas de homens ou mulheres. O *corpus* escolhido para este estudo é o da CPI da COVID-19, composto por dados de domínio público das sessões, ocorridas ao longo do ano de 2021. Uma das características determinantes para o uso deste *corpus* é por ser composto por falas tanto de homens quanto de mulheres, num mesmo contexto situacional. As amostras serão balanceadas para contemplar o mesmo número de ocorrência de falas de homens e mulheres, e para garantir que ambos estejam em um mesmo papel (depoentes ou interrogadores, por exemplo). Os resultados esperados da pesquisa são: a criação de um classificador probabilístico de textos, que indicará a qual ato de fala determinado texto corresponde e a compreensão de quais atos de fala são mais presentes em um ou outro gênero (e se são de fato mais presentes em um ou outro).

Palavras-chave: linguística computacional; pragmática computacional; atos de fala; viés de gênero.